



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MICHELINE GUELRYSILVA ALBUQUERQUE

**USO DO IMPERFEITO DO INDICATIVO E DE PERÍFRASES IMPERFECTIVAS
DE PASSADO EM MEMÓRIAS LITERÁRIAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DE
ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS**

FORTALEZA

2015

MICHELINE GUELRYSILVA ALBUQUERQUE

USO DO IMPERFEITO DO INDICATIVO E DE PERÍFRASES IMPERFECTIVAS DE
PASSADO EM MEMÓRIAS LITERÁRIAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DE ESCOLAS
PÚBLICAS BRASILEIRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan

Co-orientadora: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- A311u Albuquerque, Micheline Guelry Silva.
 Uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperpectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas brasileiras / Micheline Guelry Silva Albuquerque. – 2015. 154 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
 Área de Concentração: Descrição e análise linguística.
 Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
 Coorientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.
- 1.Língua portuguesa – Aspecto verbal. 2.Língua portuguesa – Variação. 3.Língua portuguesa – Composição e exercícios. 4.Prosa escolar brasileira. I. Título.

A Deus, meu criador e protetor.

A meus pais, Manuel Bento e Maria Eridan,
meu porto seguro e fortaleza.

A meu esposo, Carlos Henrique, meu amor e
companheiro de todas as horas.

A meus filhos, Victor Hugo, Diego Henrique e
Rodrigo, o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, e a Nossa Senhora, mãe prestimosa, por sua presença constante em todas as etapas desta construção.

A minha mãe, Maria Eridan, por toda a força e fé dedicada a mim neste tão árduo processo, não deixando que eu desanimasse em nenhum momento.

A meu esposo, Carlos Henrique, que esteve, pacientemente, ao meu lado, amenizando minha falta como mãe, compreendendo a necessidade de total dedicação à pesquisa, mas, sobretudo, encorajando-me sempre nesta empreitada e dispensando toda forma de recurso para que chegasse ao fim com êxito e sem transtornos.

A meus filhos, Victor Hugo, Diego Henrique e Rodrigo, por acreditarem, incondicionalmente, em mim e por compreenderem a minha ausência, em alguns momentos, colaborando sempre que necessário.

A minha orientadora, Márluce Coan, por sempre estar ao meu lado, facilitando o incompreensível, melhorando o imperfeito, corrigindo os erros, amparando nos desesperos. Uma companheira de trabalho, acima de tudo!

Aos professores da Universidade Federal do Ceará, sobretudo, a Hebe Macedo, por me acolher como coorientanda, a Mônica Serafim, por suas excelentes contribuições na minha qualificação e nos Seminários de pesquisa, ao professor Valdecy Pontes, por ser esta referência tão valorosa no assunto da minha pesquisa e por ter, tão profissional e respeitosamente, avaliado e contribuído para o crescimento deste trabalho, quando de sua participação na banca de qualificação, a professora Maria Elias Soares, por sua rica e criteriosa contribuição na escrita deste trabalho.

Aos companheiros de trabalho, Vitória, Marcilene, Alex, Zuíla, Ana Maria, Alessandra e Rosa, por acreditarem na realização deste trabalho e por tornar mais fácil sua realização, com palavras, vibrações, compreensão, permissões e colaboração.

A minha amiga Marcilene, por ter sido, desde o início, uma inspiração, um modelo a ser seguido.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar variação no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, em memórias literárias produzidas em 2010 e 2012, por alunos do 7º e do 8º anos, finalistas da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*. Nesse sentido, intenta-se investigar fatores (linguísticos e extralinguístico) motivam a escolha por uma ou outra forma. Para tanto, fundamenta-se nos postulados do Sociofuncionalismo, defendidos por Tavares (2003), resultante do casamento teórico entre a Sociolinguística Variacionista, (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), e o Funcionalismo de vertente norte-americana (cf. GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995). O *corpus* é formado por 2205 dados de formas imperfectivas de passado coletados de 76 textos de memórias literárias, sendo 1926 destes dados de pretérito imperfeito do indicativo, perfazendo um total de 87,3% do total, e 279 formas de perífrases imperfectivas de passado, que totalizam um percentual de 12,7% do total de ocorrências. Os resultados decorrentes das rodadas estatísticas realizadas pelo programa computacional GoldVarb revelaram que o fenômeno em estudo é motivado por fatores linguísticos, como função imperfectivas (episódica, habitual, iterativa e progressiva), tipo semântico-discursivo do verbo (processo culminado, culminação, atividade e estado), tipo de oração (coordenada assindética, subordinada adverbial, subordinada adjetiva, coordenada sindética, principal, absoluta e subordinada substantiva), modificador aspectual (quantificador, durativo, pontual e sem modificador) e polaridade (positiva e negativa), tendo sido descartados pelas rodadas estatísticas os fatores plano da narrativa: figura e fundo e regiões geográficas por não terem apresentado relevância na motivação por uma das formas imperfectivas sob análise. Dessa forma, os resultados obtidos e analisados revelaram-nos como contextos prototípicos para cada forma sob análise os seguintes: o imperfeito codifica, prototipicamente, função episódica, com verbo de processo culminado, em oração coordenada assindética afirmativa, com modificador quantificador; a perífrase, por sua vez, apresenta-se, prototipicamente, codificando função progressiva, com verbos de estado, em orações subordinadas substantivas negativas, na presença de modificador aspectual pontual.

Palavras-chave: aspecto imperfectivo, variação linguística, imperfeito do indicativo, perífrase imperfectiva de passado.

ABSTRACT

This research aims to analyze variation in the use of the imperfect of indicative and imperfective periphrases the past, literary memories produced in 2010 and 2012, by students of the 7th and 8th years, finalists of the Portuguese Language Olympiad Writing the Future. Accordingly, it intends to investigate factors (linguistic and extra-linguistic) motivate the choice of one form or another. Therefore, is based on the Sociofuncionalism the postulates defended by Tavares (2003), resulting theoretical wedding between Sociolinguistics variational (Weinreich, Labov And HERZOG, 1968; Labov, 1972, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010) and the US shed functionalism (cf. Givon, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995. the corpus consists of 2205 data imperfective forms of past collected from 76 of literary texts memories , and in 1926 these data imperfect indicative past tense, for a total of 87.3% of the total, and 279 forms of imperfective periphrases past, totaling a percentage of 12.7% of the total incidence. The outcomes of the rounds statistics done using the software GoldVarb revealed that the phenomenon under study is motivated by linguistic factors, as imperfective function (episodic, habitual, iterative and progressive), semantic-discursive kind of verb (process culminated, culmination, activity and state), type prayer (coordinated asyndetic, subordinate adverbial, adjectival subordinate, coordinated syndetic, principal, absolute and conditional substantive), aspectual modifier (quantifier, durative, punctual and without modifier) and polarity (positive and negative), having been discarded by the statistics rounds factors narrative of the plan: figure and ground and geographic regions for failing to submit the relevant motivation of the imperfective forms under review. Thus, the results obtained and analyzed showed us how prototypical contexts for each form under the following analysis: the imperfect codes, prototypically, episodic role, culminating with process verb in affirmative prayer coordinated asyndetic with quantifier modifier; the periphrasis, in turn, presents, prototypically, progressive encoding function, with state verbs in negative substantive subordinate clauses, in the presence of aspectual point modifier.

Keywords: imperfective aspect, linguistic variation, imperfect indicative, past imperfective periphrasis.

LISTA DE FIGURA, QUADROS E TABELAS

FIGURA

Figura 01: Classificação da oposição aspectual	51
---	----

QUADROS

Quadro 1: Abordagem da categoria Aspecto por década – Ensino Fundamental	26
Quadro 2: Esquema básico das relações aspectuais na perspectiva quantitativa	53
Quadro 3: Proposta comunicativa/pragmática da modalidade por Givón	59
Quadro 4: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade	68
Quadro 5: Postulação dos princípios de marcação e expressividade retórica.....	75
Quadro 6: Hierarquia de fundidade	78
Quadro 7: Distribuição quantitativa dos textos finalistas da OLP na edição de 2010	89
Quadro 8: Distribuição quantitativa dos textos finalistas da OLP na edição de 2012	89
Quadro 9: Arranjo dos traços aspectuais de IMP e PPROG	108
Quadro 10: Parâmetros de transitividade	127

TABELAS

Tabela 1: Distribuição (N e %) das formas variáveis imperfectivas de passado – imperfeito do indicativo e perífrase.	99
Tabela 2: Influência da função aspectual sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	105
Tabela 3: Influência da função aspectual sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	106
Tabela 4: Influência do tipo de verbo sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	110

Tabela 5: Influência do tipo de verbo sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	111
Tabela 6: Influência do tipo de oração sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	115
Tabela 7: Influência do tipo de oração sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	117
Tabela 8: Influência do modificador aspectual sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	121
Tabela 9: Influência do modificador aspectual sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	122
Tabela 10: Influência da polaridade sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	125
Tabela 11: Influência da polaridade sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	126
Tabela 12: Influência do plano da narrativa sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	131
Tabela 13: Influência do plano da narrativa sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	132
Tabela 14: Influência da região geográfica sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo <i>versus</i> perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.....	134
Tabela 15: Influência da região geográfica sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado <i>versus</i> pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias	136

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ENSINO DE CATEGORIAS VERBAIS: O TRATAMENTO DADO AO ASPECTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS	21
3 MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UM CONTEXTO PREDOMINANTEMENTE IMPERFECTIVO	33
3.1 Caracterização do gênero	33
3.2 A imperfectividade das Memórias literárias	39
4 O DOMÍNIO DISCURSIVO TEMPO, ASPECTO, MODALIDADE (TAM)	44
4.1 Tempo verbal	45
4.2 Aspecto verbal	49
4.3 Modalidade	58
5 BASES TEÓRICAS PARA ANÁLISE DO ASPECTO IMPERFECTIVO PASSADO	63
5.1 Sociolinguística – Teoria da Variação e Mudança	63
5.2 Funcionalismo Linguístico	70
5.2.1 Princípios funcionalistas da marcação e da expressividade retórica	73
5.2.2 Planos da Narrativa: Figura e Fundo	75
5.3 Sociofuncionalismo	79
6 METODOLOGIA	83
6.1 Método de abordagem	83
6.2 Método de procedimento	84
6.2.1 Tipo de pesquisa	84

6.2.2 Procedimento adotado para coleta de dados	84
6.2.2.1 <i>Sujeitos da pesquisa</i>	86
6.2.2.2 <i>Contexto da pesquisa</i>	86
6.2.2.3 <i>Descrição do instrumento e da coleta dos dados</i>	88
6.2.2.4 <i>Descrição da análise dos dados</i>	90
6.2.2.5 <i>Grupo de fatores de análise</i>	91
6.3 Dados desconsiderados	94
7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	99
7.1 Análise variacionista das formas imperfectivas de passado	100
7.1.1 <i>Funções imperfectivas: habitual, progressiva, episódica e iterativa</i>	101
7.1.2 <i>Tipo semântico-discursivo do verbo</i>	107
7.1.3 <i>Tipo de oração</i>	112
7.1.4 <i>Modificador aspectual</i>	118
7.1.5 <i>Polaridade</i>	124
7.1.6 <i>Plano da narrativa: figura e fundo</i>	127
7.1.7 <i>Região geográfica</i>	133
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

Não há como começar para ver como é árduo concluir.
Victor Hugo

É notório, tanto para pesquisadores, como para qualquer usuário a natureza heterogênea da língua, causada por variações sistemáticas nos modos de dizer e de escrever.

Contudo, ainda convivemos com um processo de ensino e aprendizagem pautado em uma estrutura rígida de gramática da língua, que não considera as diferentes possibilidades de se dizer a mesma coisa como algo em favor da expressão, do sentido e do estilo do usuário da língua no momento da interação comunicativa, o que não condiz com o uso real que se faz da língua no cotidiano. Para Labov (1982), o caráter heterogêneo de uma comunidade de fala consiste no fato de que há muitas maneiras semanticamente equivalentes de se dizer “a mesma coisa”. Assim, a escola deixa de levar em conta as variantes linguísticas, que *estão frequentemente associadas a traços de natureza interna da língua e, possivelmente, também a características externas do falante e da situação (registro, classe social, sexo, etnia, idade)* (LABOV, 1982).

A variação linguística, no que se refere a sua análise nos níveis mais altos da estrutura gramatical, tais como o morfossintático, segundo Freitag (2007), tem sido bastante produtiva em se tratando de pesquisas sociolinguísticas, desde os anos 70 – 80, com a grande polêmica travada entre Labov e Lavandera acerca da equivalência semântica fora da fonologia e a motivação social na variação linguística. Essa polêmica entre Lavandera (1977) e Labov (1978) foi gerada em decorrência de algumas questões levantadas pela autora sobre o estudo desenvolvido por Weiner e Labov, em 1977, acerca da passiva sem agente, tanto no que diz respeito à ausência de condicionamentos sociais sobre o fenômeno estudado, como também, e principalmente, da real validade da regra variável nos estudos sintáticos, considerando a não existência de equivalência semântica entre as formas variantes. Lavandera defende ser inapropriada a aplicação da teoria da variação a dados de qualquer outro nível que não seja o fonológico, tendo em vista a impossibilidade de uma análise quantitativa da variação sintática, morfológica e léxica respaldada em uma teoria do significado que seja bem estruturada. Para a autora, os segmentos de nível sintático, por exemplo, apresentam significados referenciais próprios, ou seja, embora alguns casos aparentem ser equivalentes, apresentam significados distintos, implicando em diferenças semânticas (ainda que sutis), o que, para Lavandera, dificulta os estudos variacionistas no nível sintático. Dessa forma, Lavandera (1977) propõe a noção de comparabilidade funcional em substituição ao conceito de regra variável. Isso nos

revela a divergência entre os posicionamentos sobre o conceito de variável de Labov e de Lavandera, pois em resposta aos questionamentos da autora, Labov (1978) afirma que numa variação sintática (como nas passivas) pode haver diferença de foco, de ênfase, mas há manutenção do significado referencial, assim como também reforça que a relevância dos fatores internos não anula a presença do social.

Neste estudo, realizamos análise justamente nesses níveis gramaticais mais altos e tão polêmicos: formas verbais/aspecto verbal, enfocando a possibilidade de intercambialidade entre as formas variantes imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, na codificação de funções aspectuais imperfectivas, considerando como possíveis motivadores tanto fatores linguísticos como sociais.

Buscando esclarecer as reais funções desempenhadas pelas formas verbais, sobretudo de passado, alguns estudos foram realizados sobre o aspecto verbal, embora, segundo Godoi (1992), essa seja uma categoria mal compreendida, que ainda gere desacordos teóricos, tendo em vista as inúmeras definições diferentes, contraditórias e até inovadoras acerca de Aspecto.

Para Comrie (1976, p 03), o Aspecto se define em função dos diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação. A expressão “constituição temporal interna da situação” pode ser percebida em contraposição ao “tempo externo da situação”, pois para Comrie “tempo interno da situação” diz respeito ao Aspecto verbal, ao passo que “tempo externo da situação” refere-se a Tempo verbal, propriamente. Já Castilho (1968), segundo Godoi (1992), defende que Aspecto seja a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expresso pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo. Costa (1986, p. 92) define Aspecto como sendo uma categoria linguística que se refere à estrutura temporal interna de um fato, restrita, semanticamente, a lexemas não pontuais.

Segundo Travaglia (1981, p.33), Aspecto é uma categoria verbal de tempo, não-dêitica, que expressa a duração da situação e/ou suas fases, podendo ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

Dessa forma, além de não haver consenso entre as inúmeras e diversificadas concepções sobre Aspecto Verbal, percebemos lacunas no que se refere às distinções aspectuais entre formas perfectivas e imperfectivas. Pois, para a diferenciação do aspecto verbal, autores como Vendler (1967) também se utilizam do critério (a)telicidade, no qual as formas perfectivas são apontadas como téticas por se apresentarem com o seu início e fim

bem demarcados, enquanto que formas imperfectivas são consideradas como atélicas pela sua distinção em fases, não apresentando um final demarcado para a ação iniciada. Tal delimitação é muito generalizante, uma vez que a verificação da estrutura interna de uma situação carece de uma observação mais complexa para que se defina uma delimitação (PONTES, 2012), ou seja, essa atribuição de (a)telicidade encontra problema na verificação de que formas imperfectivas podem apresentar possibilidade de conclusão da ação após o momento da enunciação da mensagem, sem, necessariamente, uma demarcação da culminância da ação no momento da enunciação.

Diante disso, verificamos que o critério da (a)telicidade, conforme nos diz Pontes (2012), apenas indica a identificação de formas perfectivas e imperfectivas, mas não as define, tornando-se, pois, insuficiente para a caracterização real dessas formas aspectuais, o que gera numerosos equívocos para aprendizagem do aspecto verbal. Segundo o autor, para que se tenha uma proposta consistente para a oposição entre formas perfectivas e imperfectivas, o que ajuda bastante na compreensão do Aspecto, pode-se, por exemplo, associar o uso dessas formas com a tipologia verbal proposta por Vendler (1957,1967) e com a relação entre figura e fundo, na narrativa, proposta por Hopper e Thompson (1980).

Dessa forma, faz-se necessário um estudo aprofundado da oposição entre as formas perfectivas e imperfectivas, com vistas à compreensão do Aspecto Verbal. No caso específico das formas imperfectivas, seria de larga contribuição para a compreensão do Aspecto a verificação de inter-relações com fatores linguísticos, no nível semântico-lexical (modificadores aspectuais; tipologia verbal proposta por Vendler (1957,1967)), no nível morfossintático (tipos de oração, polaridade) e no nível textual-discursivo (planos da narrativa (figura e fundo), conforme proposta de Hopper e Thompson (1980); funções aspectuais imperfectivas), além de fatores extralinguísticos, como região geográfica¹, levando, assim, a uma leitura composicional do aspecto², já que a leitura aspectual, segundo Freitag (2007), nos termos de Wachowicz (2003), não depende exclusivamente da forma verbal (aspecto gramatical), mas sim da interação desta forma verbal com marcadores aspectuais.

Há muitos e valorosos trabalhos na área da descrição e análise linguística, quer referentes ao Aspecto Verbal de forma geral, como em Comrie (1976), Castilho (1968) e

¹ A explicação de cada um dos fatores a serem controlados está na seção 6.2.2.5.

² O roteiro para a leitura composicional do aspecto adotado por Freitag (2007) segue o proposto por Wachowicz (2003), nos termos de Verkuyl (1993; 1999), o qual defende que a leitura aspectual depende de vários níveis, desde o linguístico-estrutural até o contextual, ou seja, a leitura aspectual de uma situação é o resultado final decorrente da interação entre o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento adverbial e, por fim, o contexto.

Godoi (1992), quer ao uso das formas perfectivas e imperfectivas de passado, como o estudo de Wachowicz (2003), ou então a análise de formas aspectuais imperfectivas e perífrases imperfectivas de passado usadas em determinadas comarcas culturais³, como no trabalho de Pontes (2012), que estuda a variação e a multifuncionalidade do passado imperfectivo, em contextos de uso das perífrases imperfectivas de passado e do pretérito imperfeito do indicativo, em contos literários escritos em Espanhol.

Vale ainda ressaltar que a grande maioria das pesquisas que trata desse tema está centrada em estudos de natureza teórica, como aponta Freitag (2007), havendo, pois a necessidade de estudos voltados para a aplicação, que sirvam de aporte para as práticas de sala de aula. Dessa forma, percebe-se acentuada carência de estudos sobre o uso das formas aspectuais imperfectivas de passado em textos literários produzidos por alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas, sobretudo que abarque um *corpus* proveniente não somente de uma região, estado ou cidade, mas que se analisem as ocorrências dentro de um *corpus* oriundo de diferentes regiões do Brasil, como é a proposta desta pesquisa, que ora se apresenta.

Contudo, não se quer com isso dizer que tal enfoque tenha sido relegado por estudiosos como Diesel (2005)⁴, Paula e Coelho (2012)⁵, dentre outros, os quais se voltaram para os estudos da categoria Aspecto verbal nas aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Médio de determinadas cidades brasileiras, mas porque a abordagem de seus estudos, assim como esta que se propõe, decorre de um recorte, de uma observação específica, não tendo, pois, a intenção de negar a importância de pesquisas que envolvam outros focos de observação.

Diante disso, apontamos como relevante o desenvolvimento de trabalhos a partir de textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas brasileiras, que

³ De acordo com Pontes (2012), a expressão “Comarca Cultural” foi um conceito elaborado por Angél Rama (1982) baseado nas diferenças regionais latino-americanas.

⁴ Diesel (2005) apresenta uma reflexão sobre o ensino de língua materna, a partir de dados que revelam as dificuldades dos estudantes em questões que não podem ser resolvidas com base em um ensino seccionado, como é o tradicional. Assim, a partir daí, desenvolve uma proposta de aplicação pedagógica voltada para o “aspecto verbal”, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, com destaque para a sua função na construção textual/discursiva.

⁵ Paula e Coelho (2012) vêm discutir sobre aspecto verbal, mostrando que o material didático adotado nas escolas e, conseqüentemente, as aulas de Língua Portuguesa não versam, de maneira direta, sobre tal assunto. Para tanto, analisam dois livros didáticos do Ensino Médio, dentre os mais adotados na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, comprovando que o assunto aspecto verbal apenas aparece de forma indireta. No se refere à análise das aulas de Língua Portuguesa, realizam, em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, uma comparação dos resultados obtidos com a aplicação de uma metodologia tradicional de ensino do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito e com a aplicação de uma metodologia que traz noções aspectuais. Tais resultados advogam a favor da inclusão da categoria verbal aspecto nas aulas de Língua Portuguesa.

possam servir para análise do uso de formas aspectuais imperfectivas de passado, nas diferentes regiões do Brasil, tendo como aporte associações do emprego de tais formas verbais a fatores linguísticos, tais como: funções aspectuais imperfectivas (habitual, episódica, progressiva, iterativa), planos discursivos da narrativa (figura e fundo), modificadores aspectuais, tipologia verbal, tipo de oração e polaridade, além do fator extralinguístico região geográfica.

Além disso, é importante que tais estudos abordem a equivalência semântica entre imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado, ou seja, verifiquem quando essas duas formas podem apresentar funções e significados referenciais correspondentes, conforme afirma Labov (1978) a respeito do princípio da equivalência semântica, no qual defende que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade. Para que tal propósito fosse alcançado neste estudo, fez-se necessária uma abordagem sociofuncionalista, tendo em vista que esta contribui sobremaneira, considerando-se que, nessa perspectiva, a língua é analisada mediante suas variações e processos de mudança, sendo considerados os valores e funções semântico-discursivos das variantes, assim como verificadas todas as manifestações sob a natureza funcional e o controle de fatores discursivos (tipo semântico-discursivo do verbo, plano da narrativa – figura e fundo e funções aspectuais) como motivadores na escolha por uma das formas imperfectivas de passado.

Embora, conforme já apontado, haja alguns estudos sobre o aspecto verbal, principalmente no que diz respeito às formas verbais de passado, (GODOI, 1992; WACHOWICZ, 2003; FREITAG, 2007), e não desconsiderando a relevância desses, foi de nosso interesse, com esta pesquisa, analisar o aspecto verbal sob a perspectiva do uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas, nos anos de 2010 e de 2012, por alunos do 7º e do 8º anos do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras. A escolha da pesquisa justifica-se, *a priori*, por três motivos: 1. pesquisas, como a de Pontes (2012), mostram que há variação e multifuncionalidade estabelecidas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais) em textos escritos em situações (in)formais (CARVALHO, 1999; PONTES, 2012; OLIVEIRA, 2012); 2. há acentuada carência de estudos voltados para o tratamento da categoria aspecto verbal em materiais didáticos destinados aos alunos do Ensino Fundamental das cinco regiões brasileiras; 3. ainda que haja estudos acerca do Aspecto imperfectivo, conforme citados anteriormente, há necessidade em associar o uso das formas verbais imperfectivas de passado a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os motivos que justificam a pesquisa não se limitam apenas a esses três fatores; somado a isso podemos apontar o fato de que alguns estudos referentes ao plano textual-discursivo, em narrativas, como o de Hopper e Thompson (1980), apresentam as formas imperfectivas como aquelas que codificam informações acessórias, secundárias, ou seja, fundo; já as formas perfectivas são apontadas como codificando as informações que dão sustentação à progressão narrativa, atuando como o que é essencial, ou seja, figura. Contudo, em memórias literárias, há inversão nessa delimitação figura/fundo vs perfectivo/imperfectivo, com formas perfectivas usadas como fundo e formas imperfectivas usadas como figura, uma vez que tais narrativas se dão, predominantemente, na imperfectividade com vistas a reforçar o caráter habitual dos fatos rememorados, ou seja, os textos de memórias literárias são conduzidos pela imperfectividade.

Ainda sobre o elenco dos motivos que justificam e realização desta pesquisa, apontamos a necessidade de se proceder a uma leitura aspectual, mediante tratamento composicional, pois Wachowicz (2003), baseada em Castilho (2003) e Verkuyl (1993), propõe que a classificação aspectual resulte de um tratamento composicional, no qual o aspecto de uma situação seja identificado através da análise da interação entre o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento adverbial e o contexto. Dessa forma, a leitura aspectual, segundo Wachowicz (*op. cit.*) depende, na verdade, de vários níveis – desde o linguístico-estrutural até o contextual.

Assim, ao realizarmos uma leitura composicional do aspecto, nesta pesquisa, podemos também confirmar ou questionar a proposta de Vendler (1957, 1967), no que diz respeito à relação entre formas imperfectivas e tipologia semântico-lexical, verificando, pois, conforme Pontes (2012), se imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado são ocorrências sempre codificadas na imperfectividade, como ações inacabadas, durativas, ou se podem se manifestar na perfectividade, como ações pontuais e acabadas, a depender da leitura composicional do aspecto verbal.

De acordo com Freitag (2007, p. 76), pode haver casos em que o usuário da língua não tenha clareza sobre qual a melhor perspectiva para apresentar uma situação comunicativa, e, como o aspecto trata-se de uma escolha estilística, a oposição aspectual básica é que uma situação pode ter sua constituição interna considerada ou não pelo usuário, quando da utilização das formas (im)perfectivas de passado.

No que se refere à motivação pela escolha do *corpus* desta pesquisa, adotamos os textos da Olimpíada de Língua de Portuguesa por três motivos: 1. Pela especificidade do gênero que o difere, de forma acentuada, dos demais gêneros narrativos literários

normalmente trabalhados na escola, mas que impregnam a nossa vivência, o nosso cotidiano, as nossas reminiscências, textos em que os alunos mergulham em um passado que não viveram para expressarem costumes, hábitos e fatos que se davam durante um tempo remoto;

2. Pelas condições de produção definidas pela OLP para a redação desses textos de memórias literárias, uma vez que contamos com a unificação da situação comunicativa em que se dá a produção dos textos, viabilizando, assim, a análise variacionista de tais produções dentro das mesmas condições para todos os alunos das cinco regiões brasileiras, o que não significa uniformidade, dada a notória presença de autoria nos textos memorialistas da OLP analisados;

3. Pela riqueza dos dados referentes às formas imperfectivas de passado sob análise nas memórias literárias, visto que tais textos são conduzidos pela imperfectividade, pois retratam fatos, costumes, características e hábitos de um lugar durante um tempo passado.

Assim, baseando-nos nos postulados do Sociofuncionalismo, casamento teórico da Sociolinguística e do Funcionalismo linguístico, coletamos, codificamos e analisamos 2205 dados de formas imperfectivas de passado (sendo 1926 formas de imperfeito do indicativo e 279 perífrases imperfectivas de passado) retirados de 76 textos de memórias literárias produzidos por alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. A quantidade de textos não foi aleatória, pois selecionamos todos os textos finalistas da Olimpíada das edições de 2010 (38 textos) e de 2012 (38 textos). A escolha por investigarmos variação das formas imperfectivas de passado em textos de memórias literárias deu-se em virtude desse gênero conter, predominantemente, em sua estrutura composicional, as formas imperfectivas de passado sob análise: imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado.

Inserida na área da descrição e análise linguística, esta pesquisa quali-quantitativa adota como estudo o documental, utilizando-se do método de procedimento estatístico, através do programa computacional GoldVarb, uma vez que, partindo do pressuposto de que o fenômeno de variação linguística não ocorre de forma aleatória, é de vital importância quantificar e identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso de uma determinada variante em estudo.

Dessa forma, considerando-se o uso variável do pretérito imperfeito e de perífrases imperfectivas, intentamos, com esta pesquisa, investigar a variação no domínio aspectual da imperfectividade, observando que fatores motivam a escolha por uma ou outra forma. Assim, tal estudo pretende responder as seguintes questões:

- a) Quais são as funções aspectuais (habitual, iterativa e progressiva) que motivam a escolha por uma das duas formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do

indicativo e perífrases verbais) em memórias literárias escritas por alunos de 7º e 8º anos?

- b) Em quais das funções (habitual, iterativa e progressiva), pretérito imperfeito e perífrase são variantes linguísticas?
- c) De qual forma aspectual imperfectiva de passado (pretérito perfeito e perífrase) o autor lança mão no que se refere à construção dos planos da narrativa: figura e fundo, nas memórias literárias sob análise?
- d) Considerando-se os traços aspectuais dinamicidade, duração e telicidade, qual(is) o(s) tipo(s) de verbo (atividade, estado, *accomplishment*, *achievement*) que motiva(m) o uso do pretérito imperfeito e o uso de perífrases imperfectivas de passado?
- e) Como se dá a influência dos modificadores aspectuais nas funções codificadas pelo aspecto imperfectivo de passado, em suas formas variantes de imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva?
- f) Qual a possibilidade de correlação entre o tipo de oração e uma das formas para a expressão de passado imperfectivo?
- g) A polaridade (positiva ou negativa) pode influenciar a escolha de uma forma para a expressão do passado imperfectivo no Português?
- h) Em que medida a região geográfica pode influenciar a escolha por uma das formas imperfectivas de passado (imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva)?

Diante de tudo que foi exposto, com esta pesquisa pretendemos, além de analisar variação no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, em memórias literárias, produzidas por alunos do 7º e do 8º anos das escolas públicas, contribuir com subsídios teóricos para a área da descrição e análise linguística, especialmente, em se tratando dos estudos da categoria Aspecto verbal, numa perspectiva sociofuncionalista, bem como para a compreensão do aspecto imperfectivo em textos narrativos.

Vale, ainda, salientar a relevância pedagógica desta pesquisa, visto que apresentará indicações práticas e teóricas para o ensino das formas verbais em questão, amparando-se nos resultados obtidos, que podem auxiliar no ensino de Língua Portuguesa, principalmente, por ter como *corpus* um gênero que requer usos predominantes de formas verbais no passado. Essas são algumas das implicações práticas que esperamos atingir com essa pesquisa.

Quanto à organização, esta pesquisa está estruturada em mais seis capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No capítulo 2, discutimos a respeito do ensino das categorias verbais nas escolas, reforçando o tratamento limitado, tradicional e, por vezes, equivocado por parte de professores e, até mesmo, de materiais didáticos adotados, bem como, apresentamos possíveis causas para esse tipo de abordagem em sala de aula.

No capítulo 3, discorremos sobre o gênero memórias literárias, caracterizando-o e apresentando os fatores que o tornam um contexto predominantemente imperfectivo, configurando-se como um espaço satisfatório para a coleta de dados desta pesquisa.

O capítulo 4 é dedicado à discussão do Domínio funcional TAM: tempo, aspecto e modalidade, noções imprescindíveis para interpretação e codificação da expressão imperfectiva das formas sob análise: imperfecto do indicativo e perífrase imperfectiva de passado.

No capítulo 5, apresentamos o quadro teórico que fundamenta esta pesquisa e que serviu de base para a análise da variação das formas imperfectivas pretérito imperfecto e perífrases de passado. Para isso, organizamos o capítulo em três seções: a primeira aborda os postulados da Sociolinguística Variacionista por meio das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e de Labov (1972, 1978, 1994, 2001, 2003 e 2010), que estuda a língua a partir do seu contexto social, buscando descrever de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam variação e mudança na língua; a segunda seção trata do Funcionalismo linguístico de vertente norte-americana (cf. GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993), que trata a língua do ponto de vista funcional; e a terceira seção apresenta o casamento teórico entre a Sociolinguística e o Funcionalismo linguístico: Sociofuncionalismo, conciliação teórica que vem ganhando força no Brasil (SILVA; SCHERRE, 1996; NARO; BRAGA, 2000; TAVARES, 2003; GORSKI E TAVARES, 2008; PONTES 2012).

No capítulo 6, apresentamos a Metodologia, com destaque para o *corpus* do estudo e para os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

O capítulo 7 é destinado à descrição e análise dos dados obtidos com as rodadas estatísticas, no qual apresentamos a análise variacionista das formas imperfectivas de passado, referente aos grupos de fatores linguísticos (funções imperfectivas; tipo semântico-discursivo do verbo; tipo de oração; modificador aspectual; polaridade; plano da narrativa: figura e fundo) e um extralinguístico (região geográfica) controlados, correlacionando os resultados obtidos ao princípio da marcação e da expressividade, refutando ou confirmando as hipóteses inicialmente levantadas.

Por fim, apresentamos o capítulo 8 – Considerações finais -, em que abordamos os dados e resultados obtidos e analisados à luz do Sociofuncionalismo, além de apontarmos limitações da pesquisa e sugestões para estudos posteriores, no tema aspecto verbal, mais precisamente, sobre aspecto imperfectivo do verbo.

2 ENSINO DE CATEGORIAS VERBAIS: O TRATAMENTO DADO AO ASPECTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Os anos ensinam muitas coisas que os dias desconhecem.
Ralph Emerson

Notadamente, a partir dos anos 80, o ensino tradicional prescritivo de Língua Portuguesa passou a receber severas críticas de estudiosos da língua, que afirmavam estar obsoleto, impregnado de equívocos e não atendendo ao uso real que se faz da língua no cotidiano.

Essas críticas ganharam força com as ciências linguísticas e educacionais, bem como pelas mudanças sócio-políticas por que passava a escola no país, em decorrência, principalmente, dos documentos oficiais norteadores da educação: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). As críticas versavam tanto sobre questões teóricas, quanto metodológicas. Segundo Brito (1997), os principais problemas apontados eram: a falta de objetividade nos estudos gramaticais; a exclusividade dada à abordagem da norma culta escrita; a falta de consistência teórica no que se refere às teorias gramaticais e a desconsideração das descobertas e elaborações da ciência linguística contemporânea.

No entanto, as críticas da academia aos modelos tradicionais prescritivos ainda vigentes nas escolas não têm ajudado a resolver o problema, pois há mais consenso sobre o que não se deveria fazer do que coerência entre os princípios e direcionamentos didáticos de análise linguística a serem adotados em substituição ao modelo de ensino de gramática normativa na sala de aula. Contudo, vale ressaltar que as críticas geraram provocações, desconfortos, que levaram a ações por parte dos agentes formadores, bem como dos documentos oficiais.

A onda de negação ao ensino tradicional atrelada à falta de orientação de uma prática pedagógica adequada e consistente por parte da academia, nas formações iniciais e continuadas destinadas aos professores, deixaram-nos confusos e sem saber exatamente como desenvolver suas aulas de Língua Portuguesa. A única maneira com que se sentiam seguros era ainda com o velho e conhecido método tradicional⁶, assim, continuaram a ministrar suas

⁶ Estudiosos do ensino da língua, como Travaglia (2009), apontam o método tradicional de ensino da Língua Portuguesa como aquele que se baseia em conceitos prontos da gramática normativa, em que o aluno é induzido apenas a reproduzir o que é transmitido pelo professor em sala de aula, extraindo, assim, a possibilidade de o aluno construir e refletir sobre um conhecimento acerca do assunto abordado.

aulas, na certeza de que não estavam ainda aderindo ao novo modelo não apresentado, mas que continuavam dando os conteúdos prescritos na gramática normativa, tão exigidos pela sociedade.

Nesse contexto, passa a ser cobrado, nos livros didáticos, aquilo que está disposto nos documentos oficiais acerca dos objetivos do ensino de língua materna, tais como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Dentre os principais objetivos, destaca-se como papel da escola promover aos alunos a valorização da diversificada cultura dialetal do Português, evitando, assim, o preconceito linguístico (BRASIL, 1998).

A abordagem e o tratamento destinado à variação linguística, na escola pública, cujos alunos, em sua maioria, são falantes de dialetos desprestigiados, têm-se tornado um dos temas de grande interesse por parte de estudiosos. Tal interesse justifica-se pelo fato de que a teoria variacionista concebe a língua como heterogênea, ou seja, dispomos de estruturas linguísticas diversas, mas com sentidos enunciativos equivalentes, reforçando a validade de se considerarem as implicações dessas variações no processo de ensino e de aprendizagem da linguagem.

Assim, percebe-se que os estudos adeptos da teoria variacionista podem contribuir para a melhoria da qualidade do ensino da Língua Portuguesa, uma vez que essa corrente leva em consideração a manifestação linguística dos indivíduos, motivada tanto por fatores internos da língua – concernentes à fonologia, à morfologia, à sintaxe e à semântica, como também por fatores de natureza externa, ou seja, aqueles referentes à origem geográfica, ao sexo, à faixa etária, ao nível de escolaridade, à situação socioeconômica, à cultura, ao contexto familiar, dentre outros.

É recorrente, no discurso de educadores (as), que a produção escrita do aluno é a melhor das atividades para que se verifique a sua competência linguística. Diante disso, *a priori*, as atividades escolares referentes aos conteúdos ministrados nas aulas de Língua Portuguesa deveriam ter por foco a produção textual dos(as) alunos(as). Contudo, conforme resultados das pesquisas de Silva (2001), de Diesel (2005), de Alcântara (2010) e de Pontes (2009) acerca da abordagem dada às categorias verbais, por exemplo, nas aulas de Língua Portuguesa, percebe-se que a prática escolar ainda revela um ensino pautado no estudo de palavras isoladas, de formas e estruturas padronizadas da língua, como se assim houvesse, acertadamente, uma transferência automática, por parte dos(as) alunos(as), daquilo que foi ensinado-aprendido dentro da escola para fora, ou seja, para uma situação real de uso social da língua.

Essa prática manifesta-se, pois, segundo Silva (*op. cit.*), como um trabalho predominantemente estruturalista e pouco funcional, uma vez que se prioriza o estudo dos conceitos gramaticais e da forma, isoladamente, em detrimento da análise reflexiva do uso funcional da língua, o que, ainda segundo a autora, justifica o resultado insatisfatório nas produções textuais dos alunos, que demonstram pouco domínio do uso da linguagem escrita.

Apontando-se, especificamente, para o ensino de verbo nas aulas de Língua Portuguesa, a estratégia didática tradicional, comumente adotada, consiste em, inicialmente, apresentar o conceito de verbo, dentre as classes de palavra, a fim de que os(as) alunos(as) o identifiquem em frases isoladas e/ou em textos. A seguir, é trabalhada a memorização, através de exercícios de conjugação dos verbos em todos os tempos, modos, vozes e formas nominais que, por fim, devem ser empregados de maneira adequada em atividades prontas.

Seguindo essa estratégia pedagógica, é natural que os(as) professores(as) queiram perceber, nas avaliações dos(as) alunos(as), exatamente aquilo que ensinaram: o uso dos verbos conforme os ditames da norma padrão. Segundo Diesel (2005), o que tais professores cobram é que os alunos grafem os verbos, por exemplo, de acordo com as normas ortográficas e que os conjuguem em consonância com os quadros repassados e estudados, que as correlações entre tempos e modos sejam respeitadas, sem que seja feita uma análise da estrutura interna de tais formas verbais em estudo, ou seja, sem que se reflita, em nenhum momento, acerca do aspecto verbal.

Tal prática pedagógica é corroborada pelos materiais didáticos que, na maioria dos casos, sequer mencionam o valor semântico-discursivo das formas verbais em estudo, mas sim se limitam a repassar “bulas” a respeito do uso das formas verbais. Segundo Pontes (2012), embora as formas verbais sejam apresentadas nos materiais didáticos com funções e papéis pré-determinados, estáticos, a língua não se trata de um sistema estável e regido por regras fixas, não se apresenta de forma homogênea. Ao contrário, seu funcionamento, em diferentes contextos, dá-se claramente na heterogeneidade, com presença de variações linguísticas.

Os alunos do Ensino Fundamental, quando do momento de estudo dos verbos, no que diz respeito às formas de passado, especificamente, deparam-se com dificuldades no que se refere à compreensão do sentido expresso pelas formas verbais, pois, na maioria das vezes, as formas de passado são trabalhadas superficialmente e de forma estanque, tanto por professores como em livros didáticos, utilizando-se, para tanto, prioritariamente de uma das categorias verbais: tempo (além de modo e vozes verbais), conceituando-se, pois, a forma pretérito perfeito como aquela que expressa um fato ocorrido no passado; a forma pretérito

imperfeito como aquela que expressa um fato que começou a ocorrer no passado e que ainda está sendo terminado no momento em que se fala; e a forma pretérito-mais-que-perfeito como aquela que expressa um fato passado, ocorrido antes de outro também passado (MESQUITA e MARTOS, 2009). Todas essas formas muito bem demarcadas por suas desinências.

Paula e Coelho (2012), ao analisarem livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, verificaram que estes também desconsideram o aspecto, pois não levam em conta que a ação, o estado ou o fenômeno descrito pelo verbo podem ter uma duração interna, o que, segundo as autoras, constitui uma lacuna no ensino do sistema verbal da nossa língua dificultando, assim, o entendimento por parte dos alunos do emprego dos tempos e modos verbais.

Apesar do uso verbal já fazer parte da competência linguística dos alunos, como poderão eles desenvolver uma análise epilinguística⁷ e metalinguística⁸ dos tempos verbais, uma vez que não são incitados a tanto? Como poderão os alunos compreender o valor semântico-discursivo das formas verbais, utilizando-se apenas da memorização das desinências verbais de cada um desses tempos? Certamente, fica a indagação para o aluno, ao perceber que as formas verbais usadas por ele, adequadamente as suas intenções comunicativas, não trazem somente e sempre a carga semântica definida em seus materiais didáticos e repassadas por seus professores de Língua Portuguesa.

De acordo com Travaglia (2009), todo falante de uma língua, através de sua gramática internalizada⁹, é capaz de produzir discursos lógicos dentro desse idioma, sem lhe ferir a estrutura típica. Ou seja, até mesmo uma criança, em tenra idade, percebe qual o comportamento linguístico que deve adotar em determinada situação, como ilustra Antunes (2007, p. 26), ao retratar a resposta de uma criança de dois anos e quatro meses, quando questionada se gostaria de falar ao telefone com sua avó: “Quero!”. Percebe-se com isso que a criança soube exatamente que deveria se utilizar do presente e da primeira pessoa do singular para atingir seus propósitos comunicativos, ainda que não tenha recebido as orientações formais sobre verbo.

⁷ Reflexão feita por quem escreve ou lê enquanto escreve ou lê, a fim de compreender ou atribuir sentidos ao texto, verificando sua lógica, coesão, coerência, adequação das categorias gramaticais e ortografia.

⁸ Capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo.

⁹ A gramática internalizada ou competência linguística internalizada do falante é o próprio “mecanismo”, o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua (PERINI, 1976, pp. 20 e 22).

Dessa forma, percebe-se que a gramática internalizada do aluno o habilita a utilizar e a entender as formas verbais adequadas, em suas práticas sociais de linguagem, independente da memorização das desinências modo-temporais e número-pessoais, tão reiteradas e cobradas pelos professores, em sala de aula. Portanto, mais produtiva seria a promoção de uma análise epilinguística e metalinguística que esclarecesse e contribuísse para o entendimento acerca das funções e das variações dos usos que eles fazem das formas verbais.

Mas, para que tal abordagem seja desenvolvida pelos professores, faz-se necessário que eles possuam leituras e conhecimentos consolidados sobre o valor semântico-discursivo expresso pelas categorias verbais: tempo, aspecto e modalidade. Contudo, vale salientar que a categoria aspecto verbal é desconhecida de muitos professores, em virtude de o assunto, normalmente, não ser abordado, de forma mais detida, na maioria dos cursos de graduação em Letras, de formação continuada para professores de Língua Portuguesa, de programas de pós-graduação em Linguística, assim, também, como nos materiais didáticos com que trabalham diariamente. Tal constatação é ratificada por Comrie (1981, p.1), ao defender que a categoria aspecto verbal é mais desconhecida por acadêmicos de Linguística do que os outros termos de categorias verbais, tais como tempo e modo. Exemplo disso é o que ocorre no livro “O estudo dos verbos na Educação Básica” (FERRAREZI JUNIOR, 2014), que foi escrito, segundo o autor, com o objetivo de servir como manual de ajuda para professores de educação básica sobre *o que explicar a respeito de verbos, como abordar cada tema e como exercitar isso com seus alunos de maneira a permitir que esse conteúdo faça sentido para eles*, contudo, ao abordar o estudo dos verbos, faz referência apenas às categorias tempo, modo e voz, deixando a categoria Aspecto verbal totalmente fora das discussões, ficando apenas implícita a sua ideia quando da apresentação da cronologia verbal, capítulo em que descreve e analisa situações verbais na linha imaginária do tempo em que os eventos se sucedem, demarcados pelos três pontos defendidos por Ilari (2001) a partir da proposta de Reichenbach (1947): momento da fala (MF); momento da referência (MR) e momento do evento (ME).

A maioria das gramáticas tradicionais e dos materiais didáticos utilizados nas escolas por professores e alunos não abordam o assunto Aspecto verbal, que, de acordo com Travaglia (1985), tem como indício para a pouca atenção o fato de que, nas línguas neolatinas, como é o caso da Língua Portuguesa, o Aspecto não está diretamente relacionado com o que é inerente, interno ao sistema: Fonética, Fonologia, Sintaxe, Morfologia, diferente do que acontece nas línguas eslavas, que apresentam o aspecto verbal morfologicamente

expresso por marcas, ou seja, o autor acredita que, no caso da Língua Portuguesa, especificamente, o Aspecto verbal não é abordado na maioria das gramáticas tradicionais porque não se manifesta unicamente através de marcas fonéticas, fonológicas ou sintáticas, tampouco se restringe à semântica dos verbos. Assim, não encontra espaço para ser compreendido dentro dessas concepções. Daí a maioria dos professores e, conseqüentemente, dos alunos não terem contato com a categoria Aspecto verbal, pois, conforme destaca Azeredo (2000), esta deixa de ser mencionada pelos gramáticos, embora sempre se refiram a ela.

Segundo Travaglia (1985), a pouca atenção que os gramáticos têm dado à categoria aspecto verbal, no estudo do verbo em Português, explica-se, talvez, pelo fato de que a Língua Portuguesa não apresenta marcadores (morfológicos) do aspecto verbal, o que o deixou à margem nas pesquisas, uma vez que grande parte dos estudos desenvolvidos no século XX manteve um forte compromisso com uma visão mais engessada e formal de língua e linguagens em geral.

Alcântara (2010), ao avaliar como as categorias Tempo, Aspecto e Modalidade são abordadas, no estudo do verbo e dos advérbios de tempo e de modo, pelos autores de livros didáticos de Língua Portuguesa, nas séries do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio, observou que, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000, os autores dos livros didáticos apresentaram, algumas vezes, integral ou parcialmente as categorias e, outras vezes, não trabalharam com a marcação de Tempo, Aspecto e Modalidade, conforme informações contidas no quadro abaixo, por ela apresentado, no qual sintetiza os resultados obtidos a respeito de questões sobre o Aspecto verbal em materiais didáticos do Ensino Fundamental, corroborando o que foi dito até então:

Quadro 1: Abordagem da categoria Aspecto por década – Ensino Fundamental.

COLEÇÕES	1970	1980	1990	2000
II – ASPECTO. O autor do livro didático:				
a) leva em consideração noções como duratividade, habitualidade, telicidade, iteratividade, dinamicidade, entre outras?	Não	Não	De forma restrita	De forma Restrita
b) diferencia o uso do <i>perfeito</i> e do <i>imperfeito</i> ?	Não	De forma restrita	De forma restrita	De forma Restrita
c) mostra o papel do participípio para expressar o aspecto conclusivo?	Não	Não	De forma restrita	De forma Restrita
d) ressalta o aspecto progressivo do gerúndio?	De forma restrita	Não	De forma restrita	De forma Restrita
e) trabalha os usos/funções dos verbos auxiliares aspectuais (começar, acabar de...)?	Não	Não	De forma restrita	De forma Restrita
f) explora os sufixos marcadores de Aspecto	Só trata dos	Só trata	De forma	Só trata dos

(como -ear: cabecear; -ecer: envelhecer; -ejar: pestanejar...)?	sufixos	dos sufixos	restrita	Sufixos
---	---------	-------------	----------	---------

Fonte: Alcântara (2010, p. 132).

A partir do quadro 1, faz-se necessário que discutamos os resultados obtidos por Alcântara em sua pesquisa, que muito contribuem para que compreendamos o contexto em que se dá o ensino da categoria Aspecto verbal nas escolas públicas. Vale salientar que, embora em sua pesquisa Alcântara tenha analisado o tratamento dado a Tempo, Aspecto e Modalidade, em materiais didáticos de Ensino Fundamental e Médio, apresentaremos aqui os resultados referentes somente à categoria Aspecto e em livros didáticos de Ensino Fundamental, visto os objetivos do presente trabalho.

No que se refere à primeira questão levantada, concernente ao trabalho com noções como duratividade, habitualidade, telicidade, iteratividade, dinamicidade etc, a autora observou que somente nas décadas de 1990 e de 2000 pôde obter resposta parcial, mas que, de modo geral, as coleções analisadas não trazem atividades que focalizem as noções aspectuais, restringindo-se à realização de identificação do tempo das formas verbais, de modificações nas formas verbais, ou de justificativas para o uso de determinadas formas, sem atentar para os sentidos e funções por elas expressos de acordo com a intenção comunicativa, conforme podemos perceber no exemplo de atividades de um dos livros didáticos analisado e apresentado por Alcântara (2010) :

5. Observe:

- a) Hoje, ninguém mais brinca na rua.
- b) Antigamente, as crianças brincavam tranqüilas na rua.
- c) Ontem, ele brincou o dia inteiro dentro de casa.

6. Responda:

- a) Em que frase o verbo brincar indica tempo presente?
- b) Em que frase o verbo brincar indica uma ação passada, mas não concluída?
- c) Qual forma do verbo indica uma ação passada, concluída?

7. Reconheça os tempos (presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito) dos verbos:

- a) Estudo as lições.
- b) Estudava as lições.
- c) Estudei as lições.
- d) Fazemos o exercício.
- e) Fazíamos o exercício.
- f) Fizemos o exercício.
- g) Bato à máquina.
- h) Batia à máquina.
- i) Bati à máquina.
- j) Ouço as explicações.
- l) Ouvia as explicações.
- m) Ouvi as explicações.

(MEGALE; MATSUOKA, 1983b, p. 86-87, *apud* ALCÂNTARA, 2010)

Em resposta a segunda questão, Alcântara observou que os autores de 1980 a 2000 fazem a diferença entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito, considerando-os como “fato concluído” e “fato não concluído” (contínuo, habitual), respectivamente. Contudo, essa diferença não pode ser generalizada, visto que “fato concluído” é característica do aspecto perfectivo, que pode se dar com formas de presente, passado e futuro, não sendo, pois, uma definição específica para formas de pretérito perfeito. Assim também ocorre com “fato não concluído”, que se configura como aspecto imperfectivo por apresentar função contínua, habitual ou progressiva, que também pode acontecer com formas de presente e futuro, e não somente com pretérito imperfeito.

Na década de 1970, a autora percebeu, em alguns dos livros analisados, a mera preocupação com o reconhecimento dos elementos formais dos tempos verbais mediante a memorização de quadros com as conjugações em todos os tempos e modos, sem que ao menos fosse feita uma diferença entre tais formas, principalmente de uso. Ainda nesta fase, também percebeu menção à origem dos tempos verbais, sendo o pretérito perfeito apontado como forma primitiva, que dá origem aos tempos pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo; enquanto o pretérito imperfeito do indicativo aparece como forma derivada do infinitivo impessoal. Dessa forma, a autora percebeu que, com relação à distinção do perfeito e do imperfeito, nos materiais didáticos analisados, os autores apresentam um trabalho restrito, visto que direcionam as atividades para o reconhecimento das formas de perfeito e imperfeito, não as relacionando ao uso, conforme acontece na atividade abaixo, utilizada como exemplo por Alcântara (2010).

9. —o amor subiu na árvore.

O verbo indica uma ação que está se realizando, que já se realizou ou que se realizará? Nesse caso, em que tempo está o verbo? Passe o mesmo verso para os outros dois tempos verbais básicos.

(NICOLA; INFANTE, 1990, p. 63 *apud* ALCÂNTARA, 2010)

3. Compare os seguintes fragmentos:

—João **amava** Teresal

—João **foi** para os Estados Unidosl

a) Dê o tempo em que se encontra cada um dos verbos destacados.

b) Cada uma das formas verbais em destaque designa a duração do processo indicado pelo verbo. Qual delas indica um fato passado e já concluído? Qual indica um fato passado contínuo, permanente, habitual?

(NICOLA; INFANTE, 1990, p. 97 *apud* ALCÂNTARA, 2010)

No que se refere às questões sobre as formas nominais de particípio e gerúndio, Alcântara (2010) também observou, na maioria dos livros analisados, a tendência para atividades e explicações formalistas, em que são trabalhadas somente as estruturas das formas nominais e o seu reconhecimento dentro de frases/textos, não havendo uma abordagem das noções aspectuais do particípio e do gerúndio, como apontado por Costa (2002), ao defender que as formas nominais de gerúndio e particípio atualizam as categorias de Aspecto e Voz, em que gerúndio, como processo, expressa perfectividade em curso e voz ativa, e particípio, como estado resultado de um processo, expressa imperfectividade resultativa e voz passiva. Vejamos um dos exemplos apresentados por Alcântara que justifica suas conclusões:

5. Observe o modelo e faça o mesmo: vida – viver – vivendo – vivido
- | | | |
|---------------|--------------|--------------|
| a) luta- | d) percurso- | g) corrida- |
| b) leitura- | e) redução- | h) trabalho- |
| c) sabedoria- | f) amor- | i) viagem- |

(MEGALE; MATSUOKA, 1983b, p. 158-159 *apud* ALCÂNTARA, 2010)

Passando à pergunta “O autor do livro didático trabalha usos/funções dos verbos auxiliares aspectuais (começar, acabar de...)?”, a autora ressalta que, em livros da década de 1970, um dos autores aponta como auxiliares somente os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, e que os autores de 1980 a 2000, apesar de não trabalharem os usos/funções dos auxiliares aspectuais, os consideram, visto que, em várias atividades e explicações desses autores, há a menção de formas como: andar + gerúndio, começar a + particípio, acabar de + infinitivo, dentre outras, conforme podemos observar no exemplo de atividade abaixo analisado por Alcântara (2010):

13. Retire a locução verbal das frases:
- Temia falar de frente com a mãe.
 - Ele se acostumara a manter com o pai um silêncio respeitoso.
 - A mãe contava um caso qualquer que tinha se passado na ausência do marido.
 - O menino não ouvia, ela própria ria do que estava contando.
 - O pai parou de mastigar.
 - O pai andava fechado no seu mundo.
 - Ela buscou apoiar-se no marido.
 - Estava só prestando atenção no caso que a senhora contava.
 - Prestava atenção no caso que a senhora estava contando.

(MEGALE; MATSUOKA, 1983c, p. 178 *apud* ALCÂNTARA, 2010)

A última questão levantada pela autora, nos livros didáticos, sobre a exploração dos sufixos marcadores de Aspecto (como –ear: cabecear; –ecer: entardecer) revelou que os autores de 1970 e 1980 apresentam, apenas, os sufixos –ear e –iar, ao tratarem dos verbos irregulares; já os autores de 1990 e 2000 trabalham outros sufixos, tais como: –ecer

(anoitecer), *-inhar* (engatinhar), *-izar* (realizar), *-ear* (nomear), *-iar* (transviar). Contudo, Alcântara (2010) aponta que nenhum autor evidenciou a marca aspectual dos verbos que carregam esses sufixos, uma vez que, mesmo aqueles que exploraram sufixos marcadores de Aspecto, o fizeram de forma restrita, não trabalhando a função desses sufixos, mas apenas a identificação dos morfemas, como podemos ver na atividade abaixo, exemplificada por Alcântara (2010).

6. Indique os itens em que o elemento mórfico destacado está incorretamente analisado:

- a) manobr **ista** – sufixo
- b) históri **a** – desinência nominal (gênero)
- c) **re** avaliá **sse mos** – prefixo, desinência verbal modo-temporal (imperfeito do subjuntivo), desinência verbal número-pessoal (1ª pessoa do plural)
- d) sufoc **a m** – vogal temática
- e) tinta **s** – desinência verbal número-pessoal (1ª pessoa do plural)

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006d, p. 159)

No tocante aos valores aspectuais dos sufixos, Costa (2002, *apud* ALCÂNTARA, 2010), defende que verbos como **amanhecer**, **cabecear**, **folhear**, **gotejar**, **branquejar** e **dedilhar** contêm o traço [+durativo] e **-ECER**, **-IFICAR** e **-IZAR** são os morfemas derivacionais mais frequentes na Língua Portuguesa. Assim, segundo Alcântara, a fim de que se possa observar o valor aspectual dos sufixos nos verbos, fica a sugestão de que:

Um trabalho interessante para se fazer em sala de aula é apresentar várias sentenças com verbos que tenham esses sufixos e analisar, a partir deles, a passagem gradativa de um estado a outro, um processo em curso, expressão de imperfectividade, em vez de apenas trabalhar o que muda na forma de um verbo irregular ou, simplesmente, apresentar os elementos mórficos. (ALCÂNTARA, 2010)

Embora os materiais didáticos destinados ao Ensino Fundamental e trabalhados pelos professores nas aulas de Língua Portuguesa, bem como materiais suplementares à ação pedagógica, oriundos de diversas organizações (governamentais/ou não), sugiram abordagens às formas imperfectivas de passado, no caso, pretérito imperfeito do indicativo e perífrases, fazem-no, segundo Pontes (2012):

(...) com suas funções e papéis fixos, pré-determinados, embora se saiba que, na língua, as construções não acontecem de maneira homogênea, mas que seu funcionamento aponta para heterogeneidade, nos diferentes contextos, para variações em decorrência do espaço geográfico, dos aspectos sociais, tais como sexo, idade e etnia, e pela adequação do estilo de linguagem à situação comunicativa.

No caso do material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, norteador para uma estratégia metodológica a ser adotada pelos professores, em sala

de aula, com seus alunos, estruturada em forma de sequência didática, que propõe passo a passo como deve ser ensinada a escrita do gênero em questão: memórias literárias, percebemos a falta de um trabalho direcionado, especificamente, à análise do aspecto verbal imperfectivo, tão predominante nesse gênero textual. Há, sim, uma menção ao uso dos verbos no tempo passado, explicando a diferença entre eles:

O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, como: cheguei, passei, comecei. Ele é adequado para relatar as ações fechadas, (...). E o pretérito imperfeito indica ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes. Ele é adequado quando a autora escreve “a vida sempre igual de todos os dias”. (CENPEC, 2012)

Contudo, falta uma abordagem mais detalhada de tal categoria nas oficinas preparatórias, no material didático da Olimpíada, levando os alunos a perceberem como se estruturam as memórias relatadas e o que acontece, no texto, antes e após o relato das reminiscências, ou seja, as mudanças no uso das formas verbais e no valor aspectual expresso por tais formas, o que poderia ser desenvolvido com a análise de vários textos de diferentes memórias, visto que, até mesmo dentre as memórias produzidas para a Olimpíada, todos com o mesmo tema: “O lugar onde vivo”, percebemos composições pragmático-discursivas diferentes: há aquelas que narram somente memórias de fatos passados, há outras que meramente descrevem o lugar, os costumes e o tempo passado, há também textos que retratam um lugar específico (de lazer, de trabalho, etc) com as atividades ali desenvolvidas no passado, assim também como existem produções com um misto de tudo isso. Para cada tipo diferente de Memórias literárias, contamos também com uma variação na estrutura verbal e na leitura aspectual. O que deveria ser amplamente trabalhado pelos professores quando das oficinas.

Ora, apesar de haver uma oficina destinada ao trabalho com os tempos predominantes nas memórias literárias, percebemos que falta uma análise apurada dos momentos em que contamos com uma função aspectual mais iterativa do que progressiva, ou habitual, da variação entre diferentes formas de se expressar o aspecto imperfectivo de passado, quando uma forma de imperfeito do indicativo pode ser substituída por uma forma perifrástica sem comprometimento do conteúdo semântico e quando elas não são intercambiáveis, quer pela modalidade, quer pela função específica que estão expressando, quer pelo contexto que assim o reclama.

Nessa oficina destinada ao trabalho com o “tempo” passado, é importante que o aluno perceba a adequada utilização das formas verbais para o caminhar dos textos que, geralmente, têm sua estrutura composicional bem definida: antes de iniciar o relato das

memórias de forma literária, utilizam-se mais verbos no presente e no perfeito do indicativo, mas que, quando mergulha nas reminiscências, o faz com a predominância do imperfeito do indicativo e sua variável forma perifrástica; ao final, saindo das lembranças, utilizam-se do presente do indicativo e até do pretérito perfeito para fechar o que “foi” e já não “é” mais.

Diante do que se observa acontecer nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas, acreditamos que, com esta pesquisa, possamos contribuir com as abordagens acerca do aspecto verbal imperfectivo em sala de aula, ressaltando a relevância de um estudo sobre a variação e a multifuncionalidade no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em textos narrativos, visto que todas as pesquisas aqui analisadas apontam para a falta de tratamento voltado para o aspecto verbal em materiais didáticos.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo expusemos, em linhas gerais, críticas feitas ao ensino de Língua Portuguesa, com destaque para aquelas voltadas à abordagem das categorias verbais a partir de materiais didáticos, bem como no fazer pedagógico dos professores em sala de aula. Além disso, apresentamos, também, informações referentes ao tratamento do Aspecto verbal por materiais didáticos usados nas escolas públicas nos anos pesquisados, tais como gramáticas, livros didáticos e material da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Dessa forma, ressaltamos que o capítulo foi pautado em pesquisas já realizadas, que mostram o tratamento marginal destinado a aspecto verbal em materiais didáticos diversos.

O Aspecto verbal é uma categoria que exige uma leitura composicional, que considere o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento verbal e o contexto, dependendo, pois, tanto do nível linguístico-estrutural como do nível contextual. No caso desta pesquisa, com vistas a desenvolver uma análise variacionista das formas aspectuais imperfectivas de passado, escolhemos como contexto de produção os textos de memórias literárias em virtude de esse gênero conter, predominantemente, em sua estrutura composicional, as formas imperfectivas de passado sob análise: imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, conforme veremos no próximo capítulo.

3. MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UM CONTEXTO PREDOMINANTEMENTE IMPERFECTIVO

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.

Gabriel García Márques

Iniciamos o capítulo levantando uma reflexão acerca do que vêm a ser textos de Memórias literárias: Será um gênero novo? Será um tipo de autobiografia? Um relato pessoal de fatos acontecidos no passado? Ou serão somente memórias, reminiscências?

Walter Benjamin (2004), no livro *Obras escolhidas II*, compara memória, meio onde se deu a vivência, com o solo, meio sutil no qual as antigas cidades estão soterradas. E nos diz que quem pretende ter contato com o próprio passado deve agir como o homem que escava (CENPEC, 2012, p. 18).

Mas daí, agora, surge uma nova indagação: haveria diferença entre memória e Memórias (literárias)? O caderno do professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro nos esclarece que:

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, **memória** é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”. No mesmo dicionário, encontramos para **memórias**: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. (CENPEC, 2012, p. 25)

Dessa forma, apoiando-nos na epígrafe de Gabriel García Márques, que abre o capítulo, e considerando as definições dicionarizadas apresentadas acima, podemos concluir que “a vida que a gente recorda” é a memória que temos dela, e “como a gente recorda da vida para contá-la” são memórias que fazemos/criamos a partir dela.

Diante de tantas indagações, cumpre que apresentemos, a seguir, uma caracterização do gênero Memórias literárias, apresentando as condições de produção desenhadas pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro para a sua escrita, bem como as peculiaridades próprias desse gênero, que o aproximam e que o diferenciam de outros textos do domínio discursivo autobiográfico, assim como o tornam um contexto predominantemente imperfectivo.

3.1 Caracterização do gênero

Mikhail Bakhtin (1953), na obra *Estética da criação verbal*, nos conceitua gêneros textuais/discursivos como sendo enunciados constituídos por formas-padrão

“relativamente estáveis”, marcadas sócio-historicamente, uma vez que estão diretamente relacionados às diferentes situações da vida social. São, portanto, essas diversas situações que *determinam a existência dos gêneros, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias* (KOCH, 2006, p. 161).

No entanto, mesmo apresentando uma composição “relativamente estável”, os gêneros textuais não são criações estanques e enrijecedoras, mas sim eventos textuais maleáveis, dinâmicos e plásticos, segundo Marcuschi (2002), definidos pelas necessidades da situação sociocomunicativa, na qual se encontram inseridos os interlocutores. É a partir daí que são estabelecidas as condições de produção do gênero textual/discursivo.

As Memórias literárias constituem-se como um gênero textual, no interior do domínio discursivo autobiográfico, mas que não podem ser consideradas como autobiografias ou como relatos pessoais, pois apresentam características composicionais que as distinguem destes gêneros, pois embora também tragam relatos, em primeira pessoa, de situações vividas no passado, fazem-no de forma geral, enfocando fatos, experiências e costumes vivenciados pelo autor e por toda a sociedade local de uma dada época, e não como relato de história de vida, como no caso da autobiografia, nem se apresenta como um registro íntimo de fatos vivenciados pelo autor, no qual ele e/ou os seus, é/são o centro do desenrolar do(s) fato(s) narrado(s), como ocorre no relato pessoal.

Em resumo, podemos dizer que, por serem registros pessoais referentes a fatos e situações passadas; por serem textos predominantemente narrativos; por serem escritos em 1ª pessoa (narrador-personagem ou narrador-testemunha) e por trazerem à tona lembranças de situações passadas, as Memórias literárias aproximam-se dos gêneros autobiografia e relato pessoal. Contudo, há diferenças consideráveis que distinguem as Memórias literárias, pois a autobiografia é o mero registro da história de vida do narrador, e o relato pessoal consiste na explanação de fatos ocorridos com o narrador, com foco nas ações específicas de um episódio envolvendo o protagonista; já as memórias literárias são relatos de fatos, costumes e situações passadas que envolvem o narrador e os demais com quem convivia, ou não.

Porém, é importante que se ressalte a possibilidade de ocorrência de trechos de relato pessoal e de autobiografia em textos de Memórias literárias, contudo não devem se fazer predominantes, mas sim atuar como elementos contextuais na construção de sentido do texto.

Para a produção das Memórias literárias utilizadas nesta pesquisa, os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro definiram as condições de produção para esse gênero, considerando a realidade sociocultural dos alunos de

7º e 8º anos das escolas públicas brasileiras, ou seja, levaram em conta que os produtores dos textos eram adolescentes, na sua maioria, que não tinham amplo conhecimento de tradições locais em tempos passados e que não tinham repertório suficiente para a escrita de um texto de Memórias literárias.

Além disso, precisaram também definir características específicas para as Memórias que seriam produzidas, especialmente, para a Olimpíada, inclusive algumas que não são exigências próprias da composição do gênero, mas que foram implantadas por necessidades didático-metodológicas.

Dessa forma, para que entendamos a especificidade do gênero Memórias literárias, produzido para a Olimpíada, faz-se necessária uma breve exposição sobre as características gerais de tal gênero, bem como das condições de produção em que se dão as narrativas de memórias literárias tomadas como *corpus* deste estudo, uma vez que, além de apresentarem características composicionais específicas, que as diferenciam das demais narrativas clássicas e convencionais, ainda apresentam especificidades nas suas condições de produção que as distinguem dos demais textos de memórias, considerando a exigência prévia da realização de uma entrevista como uma das condições para produção destas Memórias literárias sob análise, assim como diferem até mesmo dentre si, visto que, conforme já comentado no capítulo anterior, percebemos composições memorialistas, na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLP), com enfoque pragmático-discursivo diferente: (1) há aquelas que narram somente memórias de fatos passados; (2) há também textos que retratam um lugar específico (de lazer, de trabalho, etc) com as atividades ali desenvolvidas no passado; (3) há outras que meramente descrevem o lugar, os costumes e o tempo passado; (4) assim também como existem produções com um misto de tudo isso. Essas diferenças são determinantes na codificação das formas sob análise.¹⁰ Abaixo seguem dois trechos de textos de Memórias literárias sob escopo desta pesquisa, que ilustram as situações (1) e (2), respectivamente.

- (1) Tudo *começou* há quarenta e cinco anos, com o nascimento do meu irmão Nias. Meu pai, muito feliz com a chegada de mais um filho, *decidiu* comemorar: *reuniu* alguns amigos, os quais *trouxeram* zabumba, sanfona e triângulo e *saíram* todos de porta em porta acordando os demais com uma enorme cantoria, acompanhada de instrumentos musicais e muitos fogos. Afinal, não *estava comemorando* somente o primeiro dia de vida do meu

¹⁰ Seria interessante a análise das ocorrências de cada tipo diferente de memória, considerando-se a contaminação do material com a voz dos entrevistados, contudo, por falta de acesso às entrevistas que antecedem a produção das memórias literárias ora analisadas, tal estudo não fora possível.

irmão, *iniciava-se* também o mês de comemoração dos santos juninos. Muito alegre e acompanhado pelos companheiros, meu pai *cantava* (...). [2010 - T1 - WWSS – SE]¹¹

- (2) Dentro e fora do engenho *ouviam-se* o lepe-lepe das palhetas, mexendo o tacho fervente de mel. A moenda *subia e descia* com um ranger musical, esmagando a cana e soltando uma garapa esverdeada. Jumentos *iam e vinham*, trazendo nos lombos cangalhas cheias de cana, cujas folhas se *arrastavam* pelo chão e *pareciam cantar* uma canção, alegrando nossos ouvidos. O cheiro vindo da gamela da rapadura, ora com mistura de cravo e erva-doce, ora de coco, *fazia* com que aguçasse o paladar de quem *passava*. As mulheres *esparramavam* o mel na pedra para começar o puxa-puxa do alfenim, seus corpos *moviam-se* sem parar, *pareciam* bailarinas ou... borboletas. [2012 – T28 – IKBB – CE]

Conforme pudemos observar, no trecho (1), que narra um fato ocorrido no passado e que continuou a acontecer repetidas vezes na mesma época, há a predominância de verbos no perfeito do indicativo, com algumas ocorrências de imperfeito do indicativo. Já no trecho (2), que relata não exatamente um fato, mas sim características, costumes e apreciações de um lugar específico (de trabalho), “O mundo encantado do engenho”, percebe-se o uso exclusivo de formas imperfectivas de passado, o que ocorre em todo restante do texto. As ilustrações nos mostram como um mesmo gênero, com as mesmas condições de produção e tema, pode apresentar seleção de formas verbais diferentes, a depender do enfoque discursivo pragmático.

Segundo Elizabeth Marcuschi (2010), Memórias literárias trata-se de um gênero textual cuja definição e características são pouco verificadas em materiais que investigam os gêneros discursivos, assim como não se conta, no Brasil, com uma produção expressiva sua, se comparada com a manifestação de outros gêneros literários, tais como crônicas e contos, apesar de se viver envolvido em relatos de memórias, cotidianamente.

A escrita de um texto memorialista tem como objetivo uma evocação de fatos passados, uma busca por recordações, reminiscências que lembram pessoas, costumes, causos, fatos, locais e épocas que foram importantes na vida do narrador. Mas vale ressaltar que as Memórias literárias caracterizam-se por ser *relato da vida vivida entrelaçado ao relato da vida inventada, não tendo, pois, qualquer compromisso com a verdade, com a exatidão dos acontecimentos* (ELIZABETH MARCUSCHI, 2010), daí receberem a especificação de “literárias”, e não somente de memórias, como comumente mais encontrado na literatura.

¹¹ Os exemplos utilizados neste capítulo foram retirados de textos da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLP) e fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

Apesar de predominantemente narrativo, esse gênero tem como ponto forte as descrições que enredam o leitor, que o transportam e o fazem viver com o narrador as reminiscências relatadas. Para tanto, o autor escreve considerando que o leitor está inserido em um contexto histórico-social distinto daquele que é rememorado. Dessa forma, o autor precisa situar adequadamente o tempo, o espaço e os acontecimentos por ele narrados. Isso é feito através da descrição de cenas, de características do lugar no tempo, de personagens, de sensações, de impressões, de costumes, além do uso da inventividade e da linguagem literária, que tanto envolvem o leitor.

Assim, embora predominantemente narrativos, os textos de memórias literárias, assim como muito outros, apresentam-se intermeados de sequências tipológicas, na medida em que, ao narrar, também lançam mão, de forma muito detalhada e minuciosa, da descrição – ponto alto desse gênero textual, que tem por foco a caracterização de costumes, situações e fatos vivenciados no passado; da dissertação quando expõe ou argumenta em favor de costumes e situações cotidianas do passado e da injunção, quando estabelece, de alguma forma, interação com o leitor a cerca das memórias relatadas.

Não há, geralmente, no texto de Memórias literárias, um fato único e central a ser narrado, como acontece na maioria das narrativas literárias e naturais (orais e improvisadas), por exemplo, que apresentam suas unidades estruturais bem demarcadas, conforme se observa no modelo proposto por Labov (1972b) para as narrativas naturais, que geralmente se estruturam em partes relativamente constantes e articuladas: resumo, orientação, complicação da ação, resolução, avaliação e coda. As Memórias literárias são organizadas a partir da apresentação da seleção de fatos distintos, mas relacionados, que são relevantes dentro de um conteúdo temático e que marcaram época.

Além de narrar/descrever fatos passados com o propósito de deleite, visto se tratar de um texto de natureza literária, o apelo mais forte do gênero é contrapor passado e presente, enfatizando-se suas diferenças, possibilitando, pois, um panorama dos contextos sócio-históricos passados, a partir de questões vinculadas às lembranças das pessoas, caracterizando-o, assim, no espaço social: a remissão a tempos antigos, desde uma perspectiva contemporânea e a valorização da singularidade e da estética literária, ou seja, *a experiência vivida é relatada a uma distância temporal que pode embaralhar o que é real e o que é ficção* (ELIZABETH MARCUSCHI, 2010). O narrador entra no passado sem sair do presente, ou seja, as memórias são contadas no tempo presente, portanto a perspectiva é a do presente em relação ao passado.

No que se refere a marcas de passado para a composição das Memórias literárias, além do uso de palavras e expressões em desuso e/ou antigas e de modificadores adverbiais, destaca-se, principalmente, o emprego predominante, em quase todo corpo do texto, de verbos nas formas imperfectivas de passado, o que confere aos fatos narrados duração, habitualidade, progressividade ou iteratividade¹², dentro de um tempo passado.

As condições de produção, especificamente, estabelecidas para a escrita das memórias literárias que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, requerem atividades desenvolvidas pelos professores com seus alunos para a construção dos textos que geram vínculos fortes e humanizados entre os envolvidos. É que, para escrever esses textos, os alunos mantêm contato com uma pessoa mais velha de sua comunidade e ouvem as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar, mediante a realização de uma entrevista, previamente elaborada. A decisão por essa entrevista, como condição para a produção do texto, deu-se, conforme dito anteriormente, por terem considerado a situação sociocultural dos alunos produtores, que ainda precisavam ampliar seu repertório de ideias e de vocabulário referentes a situações de um passado anterior até mesmo a sua existência.

Diante disso, o trabalho de produção das memórias literárias apresenta desafios para os produtores de 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, uma vez que essa narrativa traz uma visão de mundo particular, em geral distante da realidade dos alunos, que são convidados a recriar o que ouviram, retextualizando a entrevista para Memórias literárias, em 1ª pessoa e não em 3ª, como se espera por se tratar do registro de uma narração de outrem, fazendo todas as adequações necessárias. Assim, tendo em vista que a retextualização acontece de um texto oral (a entrevista) para um texto escrito (Memórias literárias), os alunos utilizam-se de diversas estratégias de adequação ao gênero, como: eliminação (por exemplo, de marcas interacionais, hesitações); inserção (por exemplo, de pontuação); substituição (por exemplo, de uma forma mais coloquial para uma mais formal); seleção; acréscimo; reordenação; reformulação e condensação (agrupamento de ideias) (CENPEC, 2012, p. 112).

Os textos de Memórias literárias que são produzidos para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro trazem, a partir de entrevistas com antigos moradores de uma dada localidade, “O lugar onde vivem” narrador e ouvinte como objeto temático para a reflexão dos dois: daquele que lembra para contar e daquele que pergunta para depois reconstituir o que é lembrado. Trata-se de uma ação que estabelece compromisso: “Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento” (CENPEC, 2012). Esse compartilhar de

¹² As funções aspectuais imperfectivas são explicadas e exemplificadas na seção 4.2 desta pesquisa.

experiências, num encontro de gerações, está presente nos textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Um encontro permeado de memória e de espaço de vivência comum, em diferentes tempos, que reforça identidades.

3.2 A imperfetividade das Memórias literárias

A escolha pelo gênero Memórias literárias como fonte do *corpus* desta pesquisa justifica-se, principalmente, pela riqueza de material linguístico, tendo em vista que se trata de textos que, ao narrarem memórias de um lugar (cidade, vilarejo, rua, etc.), sob a perspectiva de um antigo morador, mas contadas pelo entrevistador, no caso o aluno (narrador-personagem ou narrador-testemunha), em 1ª pessoa, o fazem com o uso predominante de formas aspectuais imperfectivas (pretérito imperfeito e perífrase imperfectiva), em suas diversas funções: episódica (aspecto progressivo durativo), habitual, iterativa e progressiva (aspecto progressivo focalizado)¹³.

Conforme dito anteriormente, as marcas de passado nesse gênero são fortes condutores discursivos no desenrolar dos fatos, costumes e situações rememoradas, que, além de se darem pelo uso de palavras e expressões antigas ou em desuso, próprias de um tempo remoto, aparecem, sobretudo, demarcadas por modificadores aspectuais adverbiais, que podem localizar a situação passada de forma pontual, que podem apresentar a duração dos fatos em um determinado período de tempo, que podem relatar o estado progressivo como uma dada situação acontecia, assim como podem apontar a frequência com que tais fatos se davam, utilizando-se constantemente, para tanto, de adjuntos adverbiais que funcionam, dentro do contexto, como modificadores aspectuais durativos, pontuais ou quantificadores¹⁴, conforme os exemplos abaixo retirados do mesmo texto:

(3) Segundo meu pai, **naquela época**, alguns *levantavam* assustados e enfurecidos por terem sido acordados, mas tudo era explicado com uma enorme cantoria. [2010 - T1 - WWSS – SE]¹⁵

¹³ As funções aspectuais são apresentadas e analisadas no capítulo 7 deste trabalho, referente à descrição e análise dos dados.

¹⁴ Os tipos de modificadores aspectuais são apresentados e analisados no capítulo 7 deste trabalho, referente à descrição e análise dos dados.

¹⁵ Todos os exemplos apresentados neste trabalho foram retirados do *corpus* desta pesquisa, adotando uma codificação na qual consta, nesta ordem: ano de publicação do texto, número de ordem do texto dentro da coletânea da OLP, iniciais do nome do(a) autor(a) do texto, região geográfica representada pelo texto.

- (4) Após o café, aos poucos, todos *iam* embora, mas ficou a promessa que tudo iria se repetir **no ano seguinte**. E assim foi feito. [2010 - T1 - WWSS – SE]
- (5) Todos os anos, após a meia-noite, *iniciava-se* a brincadeira, a qual passou a fazer parte dos festejos juninos de nossa cidade e ficou conhecida por todos como “Acorda, vem ver!”. [2010 - T1 - WWSS – SE]
- (6) (...) o melhor que podia ser conferido a nós que *morávamos* no sítio. [2010 – T4 – ACC – SP]

Em (3), o modificador aspectual “naquela época” é utilizado com a função de expressar a localização da duração imperfectiva de um costume de um tempo passado. Já em (4), o modificador “Após o café” cumpre a função de demarcar, de forma pontual, exatamente o momento em que “todos iam embora”, expressando, pois, em parceria com “aos poucos”, outra função imperfectiva: progressiva. No exemplo (5), a função iterativa codificada pelo modificador quantifica a frequência com que “a brincadeira” acontecia, ou seja, informa que ela se repetia a cada ano (“todos os anos”), “após a meia-noite”.

É importante que se diga que há casos em que, mesmo na ausência de modificadores aspectuais na oração, a leitura composicional e de contexto nos leva a identificarmos claramente as funções imperfectivas expressas, como em (6), em que a ausência de um modificador não nos impossibilita de perceber que a situação de “morar”, apesar de sua duração estendida, não pode ser quantificada, ou seja, é um fato que recobre todo o tempo, sem que se possa quantificar ou subdividir em fases, configurando-se, pois, como uma situação episódica. Outro caso de ausência de modificador pode ser percebido no exemplo (7) abaixo, em que todas as formas imperfectivas de passado estão envolvidas em fatos que ocorriam sempre, repetidas vezes, como situações habituais, dentro de um determinado período, mas que não são quantificadas:

- (7) No maravilhoso e tranquilo Engenho Pirauá passei grande parte de minha vida. Recordo-me de que *jogávamos* bola às margens do enorme rio Sirigi que corta a cidade de Aliança. Esse rio foi muito importante em minha vida, pois *era* a nossa principal fonte de diversão e renda. *Era* sua vida que *mantinha* a nossa vida. *Sobrevivíamos* tirando as areias que nele *repousavam* e *vendíamos* aqui em Aliança e depois do trabalho *descansávamos* em suas águas claras e fresquinhas. [2010 – T2 – EASF – PE]

Outra característica a considerarmos com relação à composição das Memórias literárias é o uso da descrição dos cenários e das situações rememoradas como ponto alto do texto, inseridas, inclusive em alguns casos, na progressão da narrativa, apresentando-se,

predominantemente, com formas verbais imperfectivas de passado. Ora, se as memórias relatadas se dão, em sua maioria, na imperfectividade, e se a descrição funciona como passagens essenciais e não somente acessórias, o que dizer, então, a respeito do relevo discursivo (figura e fundo)¹⁶ dessas narrativas? Como não poder apontar informações de figura em passagens essenciais das Memórias literárias descritas por verbos nas formas aspectuais imperfectivas de passado?

Para a análise de figura e fundo, em uma narrativa, deve-se considerar o contexto pragmático-discursivo elementar em que, numa dada situação comunicativa, há informações mais centrais e relevantes que outras. Assim, partindo do que já fora dito, na seção em que se apresentam as condições de produção do gênero Memórias literárias, percebemos que, em quase toda composição desses textos, prevalece o uso das formas imperfectivas de passado, atuando tanto como informações essenciais, garantindo a progressão da narrativa, como fatos acessórios e periféricos, apenas acrescentando informações com vistas a descrições de estados, exposições do cenário e de detalhes, explicações, comentários avaliativos, conforme se observa no exemplo abaixo:

(8) Assim que *saíamos* da escola, eu e meus amigos *íamos nadar* atrás da fábrica de trigo, que hoje não existe mais – nem a fábrica, nem as águas limpas. Depois *íamos jogar* bola atrás do mercado municipal, onde hoje é o posto de saúde. *Ficávamos parecendo* tatus, a terra *grudava* nas roupas e na pele molhada. Depois disso *dávamos* mais um pulo na cachoeira, pois se chegássemos assim em casa a vara de amora *era* o presente para nossas pernas. [2010 – T9 – ECNS – SP]

Em (8), as formas verbais imperfectivas: “saíamos”, “íamos nadar”, “íamos jogar”, “dávamos” indicam a progressão da narrativa, logo, atuam como figura neste trecho. Em contrapartida, as formas imperfectivas: “ficávamos parecendo”, “grudava” e “era” configuram-se como fundo da narrativa, pois tratam de descrever o estado em que ficavam os personagens e de apresentar detalhes que caracterizam o fato. É esse tipo de ocorrência que caracteriza, de modo geral, a composição das narrativas de Memórias literárias.

Dessa forma, as Memórias literárias, dada a sua natureza predominantemente imperfectiva, apresentam as formas imperfectivo do indicativo e perífrase imperfectiva de passado codificando tanto fundo da narrativa, correlação clássica entre figura-formas perfectivas/ fundo-formas imperfectivas, como também se manifestando como figura,

¹⁶ O relevo discursivo: figura e fundo é apresentado, explicado e analisado no capítulo 6 deste trabalho, na seção referente à descrição e análise dos dados.

marcando a progressão da narrativa. Tal fato corrobora estudos já existentes sobre o assunto, como o de Pontes (2012), que defendem tendências de uso das formas imperfectivas como fundo, mas que apontam que usos de tais formas como figura podem ser percebidos na língua em uso, a depender, dentre outros, do gênero textual da narrativa sob análise, como é o caso das Memórias literárias, que apresentam quase que totalmente, em sua estrutura composicional, o uso de formas imperfectivas, a fim de atender aos seus objetivos discursivos: rememorar fatos passados, na contemporaneidade, demarcados por ocorrências habituais, progressivas ou iterativas, funções próprias das formas imperfectivas.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, buscamos caracterizar o gênero escolhido como fonte do *corpus* desta pesquisa: Memórias literárias, destacando, na primeira seção, as diferenças que o distinguem dos gêneros autobiografia e relato pessoal, apesar das acentuadas semelhanças entre os três, que os incluem no domínio discursivo autobiográfico. Em seguida, apresentamos as condições de produção definidas pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro para a redação de tais textos, que os distinguem até mesmo dentro do próprio gênero por apresentarem especificidades, como a produção prévia de uma entrevista para uma posterior retextualização, com vistas a considerar a situação sociocomunicativa em que estão inseridos os produtores dos textos.

Na segunda seção, o gênero Memórias literárias é apresentado como um contexto ideal para a obtenção das formas imperfectivas sob análise, visto que há o uso predominante das formas aspectuais imperfectivas de passado, em suas diversas funções: habitual, iterativa, progressiva e episódica.

Para o desenvolvimento da análise dos dados de formas imperfectivas obtidos nas Memórias literárias, consideramos uma leitura aspectual composicional das ocorrências de imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em interação com elementos morfossintáticos, semântico-discursivos e contextuais. Diante disso, apesar de neste trabalho tratarmos, propriamente, do Aspecto verbal de tais formas, na prática, é impossível dissociarmos os domínios funcionais tempo, aspecto e modalidade (FREITAG, 2007), visto que a expressão de um destes valores sobreposta a do Aspecto pode levar, inclusive, ao descarte de algum dado. Dessa forma, faz-se necessário que, ainda no momento da coleta dos dados, observemos, na manifestação das formas imperfectivas sob análise, a expressão do

tempo, da modalidade e do aspecto verbal e suas correlações na codificação do aspecto imperfeito de passado, assunto que será tratado no próximo capítulo.

4 O DOMÍNIO DISCURSIVO TEMPO, ASPECTO, MODALIDADE (TAM)

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.
João Ferreira de Almeida

O termo domínio funcional foi postulado por Givón (1984), e, segundo Freitag (2007, p. 49) costuma ser tratado, frequentemente, em estudos funcionalistas da língua, como sendo o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma (ou mais) forma em uma língua. Já para Hopper (1991, p. 22-23), domínio funcional trata-se de alguma área funcional (tempo, aspecto, modalidade, caso, referência) que, com frequência, se torna gramaticalizada, entrando na gramática da língua pelo processo de gramaticalização

Os domínios funcionais tempo, aspecto e modalidade são ligados às formas verbais, quer de forma direta ou indireta. Em virtude de tais categorias verbais estarem largamente relacionadas ao contexto de uso, apresentam-se como domínios complexos, impossibilitando, pois, a dissociação de um domínio do outro (FREITAG, 2007, p. 49).

Diante disso, podemos entender que não é a forma imperfeito do indicativo e a construção perifrástica de passado que expressam o valor imperfectivo do verbo; na verdade, a variação entre as duas formas na expressão de passado imperfectivo do Português será determinada pelo contexto, considerando-se uma leitura composicional, proposta por Givón (2005) e utilizada por Freitag (2007) e Pontes (2012), que atentam para a atuação de adjuntos adverbiais, de traços do próprio item lexical verbal ao qual a forma (ou a construção) se associa, da configuração sintático-semântica da referência, entre outros fatores. A recorrência do arranjo dos traços pode vir a ser convencionalizada e associada à forma, via gramaticalização. Apesar de tais formas serem aparentemente um fenômeno discreto, na medida em que podem competir pelo desempenho da mesma função, não podem ser explicadas por uma abordagem que considere apenas o nível da estrutura gramatical. Há de se considerar a codificação de tempo, aspecto e modalidade, conhecimentos que são relacionados com a experiência do indivíduo. A dimensão do tempo (o que é presente, passado, futuro; o que é remoto e o que é recente), do aspecto (acabado, inacabado, em andamento, pontual) e da modalidade (juízos de valor sobre epistemicidade e deonticidade) é construída com base nas experiências do falante que, segundo Pontes (2012, p. 43),

realiza a sua eleição a partir de fatores de cunho pragmático da situação de interação verbal, das necessidades enunciativas, no espaço epistêmico dado, no que tange às condições de verdade de suas proposições, as implicações e aos efeitos que quer conseguir. A escolha por uma perspectiva aspectual é uma forma de relatar a

situação e permite ao falante enfatizá-la, por meio de um determinado ponto de vista.

O modelo funcional de Givón (2001) acerca do domínio funcional tempo-aspecto-modalidade parece ser o mais adequado para tratar das influências semântico-discursivas que podem estar envolvidas em fenômenos de variação, em domínios funcionais complexos, como o que esta pesquisa propõe: análise da variação entre as formas imperfectivas de passado, a saber: pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado.

Assim, considerando-se os pressupostos do Sociofuncionalismo para o fenômeno da expressão variável do passado imperfectivo através das formas imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas, o objetivo específico, neste capítulo, é realizar o enquadramento do fenômeno como variável linguística, a partir da revisão da literatura acerca do domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade (doravante TAM), com vistas a definir a função semântico-discursiva em que as formas funcionam como variantes de uma mesma variável linguística: expressão do passado imperfectivo.

Contudo, embora não se possa, na análise das formas verbais, dissociar o complexo TAM, conforme já mencionado anteriormente, as subseções, a seguir, discutirão, separadamente, as teorias relacionadas a tempo, aspecto e modalidade, a fim de mostrar de que forma esses valores manifestam-se na codificação do passado imperfectivo.

4.1 Tempo verbal

Diversas são as teorias que buscaram e buscam conceituar, explicar e categorizar o tempo verbal, cada uma com interpretação própria, o que torna o intento de definir de maneira única tal categoria tarefa nada fácil.

Atualmente, a posição mais comum entre os estudiosos da língua é distinguir o tempo em: cronológico, psicológico e gramatical. Segundo Corôa (2005), o primeiro caracteriza-se por um ponto contínuo em deslocamento rumo ao futuro, de duração constante, uniforme e irreversível; já o segundo não tem duração constante e uniforme, pois depende do mundo interno do indivíduo, que pode parar, retroceder, acelerar etc; o terceiro é demarcado em Português por um radical, acrescido de morfemas típicos.

Neste capítulo, além de considerarmos o tempo como categoria cronológica, responsável pelos momentos físicos que constituem a história da humanidade, também abordaremos as considerações referentes ao tempo gramatical, aquele que como categoria linguística encontra-se demarcado por elementos mórficos, advérbios, adjuntos e orações

adverbiais de tempo. Para tanto, embora haja várias propostas teóricas que buscam explicar e categorizar o tempo verbal, as discussões realizadas aqui serão pautadas nos modelos de ponto de referência de Reichenbach (1947) e na proposta de Comrie (1985), visto que a maioria das propostas relacionadas às categorias verbais inspira-se nos postulados de Reichenbach, e que Comrie, seguindo tal tradição, propôs mudanças que devem ser consideradas para análise em questão nesta pesquisa.

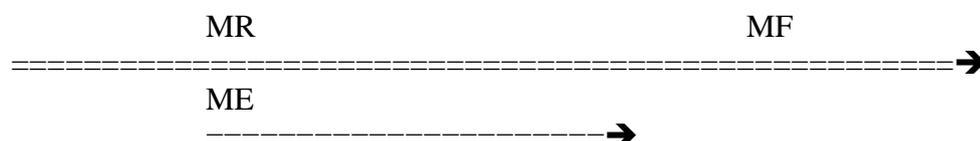
Inspirados na proposta de Reichenbach (1947, p. 287), os estudos sobre a categoria tempo defendem que os tempos verbais codificam o tempo considerando o momento de fala como a referência. Isto é, propõem que os tempos verbais são determinados pela ordenação do momento da situação em relação ao momento de referência e ao momento do ato de fala de um enunciado, estabelecendo três relações temporais básicas: antes do momento de fala, simultâneo ao momento de fala e posterior ao momento de fala (FREITAG, 2007), tendo-se, pois, pela fixação de somente um momento de referência (o de fala), três relações temporais: presente, passado e futuro.

A proposta de Reichenbach relaciona a expressão de tempo verbal a mais dois parâmetros a partir do momento de fala (MF): o momento do evento (ME) e o momento da referência (MR). O momento do evento é o instante da ocorrência da situação propriamente; já o momento da referência consiste no parâmetro utilizado como referência temporal para se determinar o momento do evento em referência ao momento de fala.

Os casos em que o passado imperfeito é codificado pelas formas de pretérito imperfeito e de perífrases imperfectivas, são apontados por Pontes (2012, p. 29), como situações que expressam:

[...] fatos localizados em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante, mas os fatos são relatados em seu desenvolvimento e não há informação sobre a sua conclusão. Desse modo, o momento de referência (MR) é anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME), geralmente, inicia-se na extensão do momento de referência (MR) seguindo um contínuo na linha temporal, porém sem um ponto que demarque a sua finalização [...].

Para demonstrar o que disse, Pontes (*op. cit.*), ainda, propõe o diagrama abaixo, a partir de uma adaptação das combinações elencadas por Reichenbach (1947) para as formas imperfectivas sob análise:



(9) Aqui encontrei o que *procurava*: sombra e água fresca. [2010 – T30 – IMM – MG]

(10) Chegando lá, minha tia... *estava saindo* de casa com um balde na mão. [2010 – T28 – BEC – SC]¹⁷

Em (9) e (10), podemos perceber claramente que as formas verbais “procurava” e “estava saindo” remetem a expressão de fatos ocorrendo em um momento anterior ao momento de fala e que apresentam as situações em seu desenvolvimento sem que seja demarcado o seu ponto final. Tais ocorrências temporais, segundo reforça Pontes (2012, p.29), têm o momento de referência (MR) anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME), geralmente, iniciando-se na extensão do momento de referência (MR), seguindo um contínuo na linha temporal, sem ponto de conclusão.

Comrie (1985), apesar de ter criado sua teoria para o tempo verbal inspirando-se no modelo de Reichenbach, propõe alterações neste, pois para o autor, a sua proposta de sistema de tempo verbal, por considerar o momento de referência, é denominada de sistema dêitico, divergindo do modelo anafórico de Reichenbach (1947), que é estruturado a partir de um momento de referência, mesmo que simultâneo ao momento da fala ou ao momento do evento, que por Comrie é chamado de momento da situação.

Dessa forma, Comrie (1985), a partir desse modelo dêitico, classifica os tempos verbais em: absolutos, relativos ou relativo-absolutos. Os tempos absolutos, a partir do centro dêitico são: presente, passado e futuro. Sendo o momento presente tomado pelos tempos absolutos como centro dêitico da orientação temporal, relacionando-se, normalmente, ao momento de fala (MF). A partir desse centro dêitico, há três possibilidades relacionadas ao momento da ocorrência do evento (ME): simultaneidade (presente), anterioridade (passado) e posterioridade (futuro).

Os tempos relativos, segundo Comrie (1985), são aqueles que, a partir do momento de referência definido pelo contexto, apontam o momento do evento como anterior, posterior ou simultâneo a essa referência. Para a distinção entre o tempo relativo e o tempo absoluto devem ser considerados os advérbios de tempo prototípicos para a demarcação de uma situação no tempo presente (hoje, agora, já), passado (ontem, antes) e futuro (amanhã, depois). Segundo Freitag (2007), por outro lado, há advérbios que localizam a situação

¹⁷ Os exemplos utilizados neste capítulo foram retirados de textos da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLP) e fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

relativamente a algum ponto de referência dado pelo contexto, tais como: “neste mesmo dia”, “no dia anterior”, “no próximo dia”.

Assim, na esquematização dos tempos relativos, há de se considerar também outro momento que é o momento de referência (MR), a partir do qual as situações podem ser: presente relativo (momento do evento simultâneo ao momento de referência), passado relativo (momento do evento anterior ao momento de referência), futuro relativo (momento do evento posterior ao momento de referência), considerando-se, pois, a relação de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade ao momento do evento e ao momento de referência.

Vale salientar, segundo Freitag (2007), que o momento de referência dos tempos relativos não é ancorado, ou seja, o ponto de referência não está vinculado ao centro dêitico, isto é, ao momento presente. Como exemplo de tempo relativo, temos: *O rapaz almoçando sonhava com o jantar*¹⁸. Neste caso, temos a forma “almoçando” apresentando o mesmo tempo de referência de “sonhava”, que é passado. Assim, o momento de referência de “almoçando” é simultâneo a este momento passado.

Freitag (*op. cit.*) afirma ainda que tempos relativos podem tomar como momentos de referência formas finitas (tempos relativo-absolutos) ou não-finitas (tempos relativo-puros). Os tempos relativo-absolutos estabelecem a relação entre um momento de referência (MR) e o momento presente (MF), e o momento do evento (ME) é localizado em relação a esse ponto de referência. Para tanto, são necessários os três pontos ME, MF, MR. Exemplo disso ocorre com o pretérito mais-que-perfeito, que localiza uma situação anteriormente a uma referência que, por sua vez, é anterior ao momento de fala ($ME < MR < MF$).

A autora, ainda com base em Comrie (1985), defende que as formas imperfectivas de passado podem ser percebidas como um tempo relativo, tendo em vista que tomam como ponto de referência para a localização da situação por elas expressas um ponto dado pelo contexto, não necessariamente sendo o momento presente. Diante disso, defende, também, que tais formas imperfectivas de passado, considerando-se a noção temporal de intervalo, expressam um intervalo temporal anterior ao momento da fala e simultâneo ao momento/ intervalo de referência, conforme visto em (09) e (10).

Assim como ocorre na relação temporal, a proposta de estruturação dos tempos verbais de Reichenbach (1947), também, pode ser utilizada para explicar as relações aspectuais, visto que, aspectualmente, o passado imperfectivo, por exemplo, caracteriza-se

¹⁸ Exemplo similar ao usado por Freitag (2007), criado especialmente para ilustrar a explicação referente a tempos relativos.

pela inserção do momento de referência no intervalo do evento, com a consequente sobreposição entre momento do evento e momento de referência, conforme veremos na seção a seguir, em que trataremos da categoria aspecto verbal, tema norteador da análise desenvolvida nesta pesquisa.

4.2 Aspecto Verbal

Diferentemente da categoria gramatical de tempo, que é responsável pela constituição temporal externa da forma verbal, estabelecendo relações com o momento de fala e os pontos de referência, a categoria aspecto verbal é responsável pela percepção da constituição temporal *interna* de uma situação (COMRIE, 1976). O que possibilita ao falante marcar, ou não, o aspecto verbal de acordo com suas escolhas estilísticas, organizando-o de forma a obter êxito em seu propósito comunicativo. Dentro dessa linha, o aspecto pode ser perfectivo, quando um evento é visto por inteiro como acabado, ou imperfectivo, quando o evento é visto como inacabado.

Assim, para a constituição do aspecto verbal, não se utilizam apenas elementos gramaticais, mas sim trata-se de uma organização composicional, resultado da interação entre o contexto, a flexão de tempo e os argumentos do verbo, que podem estar associados, segundo Freitag (2007), diferentes fatores linguísticos, tais como o aspecto inerente ao verbo; o aspecto codificado pela morfologia verbal e o aspecto marcado pelos modificadores adverbiais, todos interagindo entre si na constituição do aspecto verbal da situação comunicativa.

Ao falar de aspecto verbal, há aí dois domínios que se relacionam intimamente de forma composicional e que frequentemente são confundidos: aspecto gramatical, que, de modo geral, pode ter uma manifestação morfológica mais efetiva, que acarreta eminentemente a distinção entre perfectivo e imperfectivo, e o aspecto lexical, que está relacionado às classes acionais ou *Aktionsarten* e diz respeito a propriedades lexicais, nas quais repousam a localização de (a)telicidade, dinamicidade e duração.

De acordo com Freitag (2007), por ser o aspecto, principalmente, uma escolha estilística feita pelo falante, uma situação pode ter sua constituição interna considerada ou não. Nessa escolha, o falante deve perceber, como já citamos anteriormente, que o aspecto perfectivo é caracterizado pela totalidade fechada da situação, enfatizando seus pontos inicial e final. Já o aspecto imperfectivo não identifica os pontos inicial ou final da situação, mas

focaliza o seu desenvolvimento, em contraponto ao perfectivo. Smith (1997), ao destacar que não há casos estritamente perfectivos ou imperfectivos, reconhece, em sua proposta pragmática, três tipos de aspecto: o perfectivo, o imperfectivo e o neutro, este último reforçado por Pontes (2012, p. 39) como portador de algum ponto inicial ou final e pelo menos uma parte do estado interno da situação. Tendo em vista o objeto dessa pesquisa, o que nos interessa é perceber quais as diferenças semânticas entre eventos perfectivos e eventos imperfectivos e, mais precisamente, estudar os traços que compõem as situações imperfectivas. Assim, serão abordados, a seguir, primeiramente, o aspecto imperfectivo, sob a perspectiva gramatical da morfologia flexional (perfectivo vs imperfectivo) e, posteriormente, o aspecto inerente, que se limita ao nível lexical.

- Aspecto gramatical imperfectivo

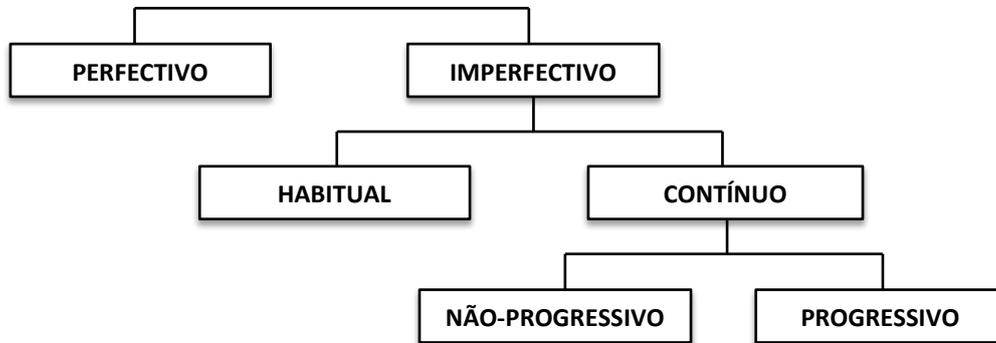
Conforme dito anteriormente, o aspecto gramatical, a partir de uma morfologia flexional, acarreta a identificação da perfectividade e da imperfectividade, considerando-se para tanto a duração do evento, que se apresenta em fases na imperfectividade, e como situações pontuais, concluídas, na perfectividade.

Contudo, segundo Freitag (2007), a classificação da imperfectividade é tão controversa quanto a conceituação de aspecto. Dessa forma, para efeitos de estudos acerca dos contextos em que as formas imperfectivas pretérito imperfeito do indicativo e perífrases de passado funcionam como equivalentes, discutiremos a proposta de classificação aspectual hierárquica de Comrie (1976), que trata do sentido aspectual mais específico do imperfectivo, o progressivo, ao sentido mais amplo, o imperfectivo genérico, tendo em vista ser esta a mais aceita pelos linguistas brasileiros, tais como Travaglia (1985) e Lopes (1987). Mas, para a análise dos dados imperfectivos, nesta pesquisa, adotaremos a classificação composicional de Wachowicz (2003) que, a partir de Castilho (2003), aponta a leitura aspectual como resultado da interação entre o aspecto inerente do verbo, os complementos do verbo, o tipo de modificador adverbial e, por fim, o contexto.

Para Comrie (1976), conforme já mencionado, uma situação imperfectiva é aquela que, contrastando com uma perfectiva, manifesta-se em andamento em relação a um ponto de referência específico (presente ou passado). Tal aspecto, geralmente, é usado em situações narrativas de fundo, por apresentar os detalhes e as descrições, ou seja, as informações acessórias envolvidas no contexto. Já a perfectividade codifica situações de figura (sequências de eventos), que expressam as informações mais relevantes. Para ilustrar sua proposta,

Comrie apresentou a sua classificação da oposição aspectual (perfectivo vs imperfectivo), conforme diagrama abaixo:

Figura 1: Classificação da oposição aspectual (COMRIE, 1976, p. 25)



De acordo com Freitag (2007), considerando-se, pois, a duração do aspecto imperfectivo em fases ou em andamento com relação ao momento de referência, o aspecto habitual, a forma mais genérica do imperfectivo, está presente em uma dada situação, de forma sistemática, repetida em diferentes fases, podendo se desdobrar em aspecto iterativo e frequentativo. O aspecto iterativo consiste em uma situação repetida em uma ocasião específica. Já o aspecto frequentativo apresenta caráter habitual, mas com demarcação do período com que ocorre a frequência da ação.

Nas situações em que o aspecto é contínuo, de forma dinâmica ou estática, percebe-se sua ocorrência em andamento em relação ao ponto de referência, diferindo do aspecto habitual por este não se apresentar com traço de dinamicidade e por aquele não ser mensurável, nem contado em número de ocorrências da situação. Já o aspecto progressivo só ocorre em predicados dinâmicos, sendo, pois, o sentido aspectual mais específico, conforme a classificação de Comrie (1976). Contudo, como identificar os valores aspectuais imperfectivos trata-se, em algumas ocasiões, de uma atividade complexa e não sempre discreta, podendo apresentar até mesmo ambiguidade aspectual no contexto, Torres Cacoullos (2001) simplificou a situação, propondo o termo “imperfectivo genérico” para os referidos casos em que os valores aspectuais não permitem distinção exata, por exemplo, o habitual do contínuo, utilizando-se, assim, o termo “imperfectivo genérico”, indistintamente, para os valores aspectuais que vão do habitual, ao contínuo e ao progressivo.

Alguns estudos acerca do aspecto verbal somaram-se aos de Comrie, como os de Verkuyl (1993), Godoi (1997) e Castilho (2003). E foi justamente a partir de tais estudos que Wachowicz (2003) desenvolveu sua classificação aspectual, considerada como

composicional, conforme dito anteriormente, por defender que o aspecto de uma situação é o resultado final da interação entre o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento adverbial e, por fim, o contexto (FREITAG, 2007).

Através dessa análise composicional do aspecto, proposta por Wachowicz (2003), é que se pretende verificar se e de que forma o imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado podem ser intercambiáveis, ou seja, co-ocorrerem em contextos que expressam a mesma função semântica, conforme exemplos abaixo, em que as formas verbais imperfectivas intercambiáveis presentes em (11) e (12), (13) e (14), (15) e (16), (17) e (18) codificam, respectivamente, aspecto progressivo, habitual, iterativo e episódico. Intencionalmente, elencamos exemplos em que todas as formas de imperfeito do indicativo admitem intercambialidade com formas perifrásticas formadas com o mesmo verbo auxiliar da perífrase do exemplo, na codificação das mesmas funções, com vistas a comprovar a leitura composicional do aspecto, que se estabelece mediante a consideração de fatores linguísticos e contextuais.

- Função aspectual progressiva

(11) Afinal, não *estava comemorando* somente o primeiro dia de vida (...) [2010 - T1 - WWSS – SE]

(12) (...) *iniciava-se* também o mês de comemoração dos santos juninos. [2010 - T1 - WWSS – SE]

- Função aspectual habitual

(13) *Vivia colocando* defeito nas minhas botinas (...) [2010 – T32 – BMC – MG]

(14) (...) *proseavam, contavam* “causos”, *cantavam, faziam* mexericos de comadres. [2010 – T32 – BMC – MG]

- Função aspectual iterativa

(15) Às vezes meu pai e minha mãe *iam passear* à casa de meus avós. [2010 – T6 – TL – PR]

(16) Em noites de moagens os trabalhadores se *reuniam* no galpão (...) [2010 – T13 – MPA – PB]

- Função aspectual episódica

(17) (...) delicioso cheiro de café que só a mamãe *sabia preparar*. [2010 – T25 – DOC – BA]

- (18) (...) muitas daquelas peculiaridades só eu *via*, pois *enxergava* com os olhos do coração. [2010 – T32 – BMC – MG]

A proposta de Wachowicz (2003) referente ao subcritério quantitativo do estado de coisas operativo, considera também a recorrência da situação, ou seja, a quantidade de vezes que um evento ocorre no intervalo da estrutura temporal, classificando, a partir daí, as relações aspectuais em: episódica (ocorrência de uma situação uma única vez no intervalo da estrutura temporal), iterativa (ocorrência de uma situação mais de uma vez dentro da estrutura temporal, de forma determinada) e habitual (ocorrência de uma situação mais de uma vez dentro da estrutura temporal, de forma indeterminada). Tal proposta foi apresentada por Freitag (2007, p. 81), em um esquema básico de relações aspectuais, reproduzido abaixo, no qual considera essa perspectiva quantitativa de Wachowicz, baseada em Castilho e Verkuyl.

Quadro 2: Esquema básico das relações aspectuais na perspectiva quantitativa

Recorrência da situação	Intervalo da estrutura temporal	
	Determinado	Indeterminado
Uma vez	<i>Episódica</i>	
Mais de uma vez	<i>Iterativa</i>	<i>Habitual</i>

Considerando que a relação episódica é caracterizada como aquela que tem por recorrência da situação uma única vez e considerando que casos em que percebemos esse tipo de ocorrência de forma pontual ou de forma estendida no tempo, é importante que ressaltemos, como o fez Freitag (2007), que há diferenças que distinguem os dois casos, tomados pela autora, conforme Bertinetto, Ebert e De Groot (2000), como progressivo focalizado e progressivo durativo, respectivamente. A diferença entre os dois tipos reside no fato de que:

No primeiro, a situação é vista em seu desenvolvimento a partir de um único ponto temporal (ponto de referência momentâneo), denominado “ponto de focalização”, enquanto no segundo, a situação é avaliada em relação a um ponto de referência do tipo intervalo (sucessão de “pontos de focalização”) ou ainda uma focalização pontual que denota a idéia de duração, como uma situação incidente. De acordo com Squartini (1998), o progressivo focalizado é o progressivo “puro”, o sentido aspectual mais estrito. (FREITAG, 2007, p. 82)

Os dados, a seguir, ilustram a diferença entre o aspecto progressivo focalizado, utilizado nesta pesquisa como o progressivo (exemplos 19 e 20), e o progressivo durativo, tomado por nós neste estudo como o episódico cursivo (exemplos 21 e 22).

- (19) (...) o isqueiro de metal a querosene *rodava* de mão em mão. [2012 – T28 – IKBB – CE]
- (20) (...) pegávamos aqueles peixinhos e *íamos subindo* na copa das árvores. [2012 – T18 – JGP – AC]
- (21) Quando menino, *morava* em uma casa que *dava* fundo para o Rio (...). [2012 – T16 – BMS – MG]
- (22) Como eu já *sabia ler* (...). [2012 – T19 – EAO – RJ]

Em (19) e (20), as formas verbais “pousávamos” e “íamos subindo” demarcam fatos ocorridos pontualmente, que se desenvolvem gradativamente, caracterizando o progresso do evento em dada situação, não se tratando, pois, fatos estendidos no tempo. Já em (21) e (22), o fato de “morar em uma casa” e de “já saber ler”, respectivamente, retrata a ocorrência de uma situação uma única vez no intervalo da estrutura temporal, só que não de forma pontual, focalizado, mas sim estendido no tempo, o que demarca, nesta pesquisa, o aspecto episódico cursivo.

Diante de tantos estudos acerca da categoria aspecto e por não haver consenso na literatura sobre os rótulos para as categorias aspectuais do imperfectivo, nesta pesquisa, fazendo uma adaptação à proposta de Freitag (2007), com vistas ao nosso objeto e ao contexto comunicativo de nosso *corpus*, classificamos os valores que podem ser expressos pelas formas imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado sob análise como: progressivo, episódico, iterativo e habitual.

- Aspecto inerente ao verbo

Considerando-se, conforme visto anteriormente, que a expressão do aspecto é composicional, constituída pela interação entre o tipo semântico-lexical do verbo, os morfemas gramaticais que constituem o verbo, os complementos dos verbos, adjuntos adverbiais e contexto situacional, é que se julga necessário tratar, nesta subseção, do aspecto inerente ao verbo (ou acionalidade, ou *aktionsart*), ou seja, ao traço próprio do item lexical, que interage com o componente gramatical.

Essa propriedade do léxico conceitual não se refere à estrutura interna da situação, mas ao tipo de situação expressa. Assim, apresentar-se-á o modelo teórico proposto por Vendler (1957, 1967), relevante para a expressão do passado imperfectivo, *que considera as*

situações quanto ao desenvolvimento, ao tempo verbal e as suas relações com os modificadores temporais (FREITAG, 2007, p. 86).

Segundo Vendler, o uso do verbo em si pode sugerir a forma como tal verbo conduz a noção de tempo. Assim, as formas verbais manifestam diferentes esquemas de tempo, conforme a divisão a seguir: estado – situação não-dinâmica, atélica, ou seja, com ponto final aberto; atividade – situação dinâmica, em que o ponto final é aberto (atélica); *accomplishments* – ou processo culminado (SPULDARO, 2005) – situação dinâmica, durativa, télica, isto é, com o ponto final definido) e *achievement* – ou culminação (SPULDARO, 2005) – situação dinâmica, momentânea, pontual e télica. Nesta pesquisa, adotaremos a tradução proposta por Spuldaro (2005) e utilizada por Pontes (2012). Para que se entenda melhor essa quadripartição, considerem-se os exemplos a seguir:

- a) As mães *sabem* a importância da educação.¹⁹
- b) Os cachorros de minha casa *latem* muito.
- c) Rodrigo *comeu* dois sanduíches.
- d) O gato *quebrou* o vaso da sala.

De acordo com a classificação de Vendler, o verbo do exemplo (a) apresenta-se como *estado*, por se caracterizar como não-agentivo e porque não conduz um processo que se desenvolva no tempo. Esse tipo de verbo expressa qualidade e não responde a perguntas como: “o que as mães fazem?”. Esses verbos de estado realizam um esquema temporal em que, por exemplo, se as mães sabem a importância da educação em um período de tempo, significa que, em qualquer momento compreendido dentro desse período de tempo, as mães sabem a importância da educação, pois a sentença terá o mesmo valor de verdade em cada subintervalo do período de tempo, assim como o tem no seu todo.

No exemplo (b), temos um verbo do tipo *atividade*, segundo o modelo teórico de Vendler. Diferentemente dos verbos de estado, os de atividade conduzem processos que se desenvolvem no tempo, são agentivos e respondem adequadamente à pergunta: “o que cachorros fazem?”. Assim como ocorre com os verbos de estado, os de atividade são homogêneos, ou seja, qualquer de suas partes apresenta a mesma natureza que o todo, mas diferem dos de estado porque, nos de atividade, podem-se identificar diferenças nos

¹⁹ Os exemplos (a), (b), (c) e (d) não foram retirados do *corpus* desta pesquisa, mas sim elaborados intencionalmente para explicar a diferença entre os diferentes tipos semântico-discursivos de verbos.

subintervalos, como por exemplo: numa atividade como “os cachorros de minha casa latem”, é possível perceber fases diferentes, ou seja, determinados momentos em que eles latem mais ou menos ininterruptamente, ou momentos em que dão uma pequena parada. No caso de “as mães sabem a importância da educação”, não se pode identificar mudanças desse tipo e isso é decisivo para que se distingam atividade e estado.

O exemplo (c) é um caso de processo culminado por também se desenvolver no tempo e apresentar dinamicidade, assim como os verbos de atividade, mas com a diferença de que se encaminha para um ponto determinado necessário para ser o que é. Ao dizermos que “cachorros latem”, não é preciso atingir um determinado ponto para *latir* ser o que é; já em “Rodrigo comeu dois sanduíches”, é necessário que se chegue ao fim do segundo sanduíche para que “comer dois sanduíches” seja uma sentença verdadeira. Quanto às partes constitutivas de um verbo de processo culminado, pode-se afirmar que, se ele é verdadeiro em um intervalo de tempo particular, ele não o é nos subintervalos desse intervalo: comparando com *latir*, em que cada fatia é igual ao todo (é *latir*), as diferentes fatias de “comer dois sanduíches” não são “comer dois sanduíches”, ou seja, cada fatia constitui parte necessária para que “comer dois sanduíches” se complete e seja o que é. Vendler utiliza o termo “ponto final determinado” para caracterizar os verbos de processos culminados.

No caso do exemplo (d), temos um verbo de culminação, que, segundo Vendler, tem quase todas as características dos verbos de processos culminados, com a diferença de que aqueles são pontuais, ou seja, predicam momentos de tempo únicos. No caso do exemplo “o gato quebrou o vaso da sala”, o processo não se desenvolve no tempo, mas sim acontece de forma instantânea: havia um vaso inteiro na sala e agora não há mais, ou seja, trata-se de uma passagem instantânea entre *o ter* e *o não ter mais* o vaso inteiro na sala.

Resumindo, essa é a forma como Vendler (1967) apresenta o aspecto inerente do verbo, referido por ele como as classes dos verbos ou esquemas temporais predicados pelos verbos. Contudo, vale ressaltar que o autor defende que a diferença entre as classes não pode ser explicada somente pelo tempo (presente, passado, futuro), mas que outros fatores como “presença ou ausência de objeto, condições, estados de coisas pretendidos, também entram em cena” (*op. cit.*, p. 97).

A classificação de Vendler (1967) está voltada principalmente para dois eixos: o tipo de eventualidade com um ponto final natural (ponto télico) e o tipo de evento em progressão ou em desenvolvimento, dinâmico ou em estágios, com duratividade da situação. Dessa forma, Rothstein (2004) sistematiza essas noções, mostrando as propriedades agregadas a tais classes acionais a partir desses dois eixos. O ponto télico, também chamado de

culminação ou ponto final do evento, separa estados e atividades de verbos de processos culminados e verbos de culminação.

Os eventos de estado e atividades são do tipo [-téllico] ou atélico, tendo em vista que, uma vez iniciados, podem continuar a ocorrer indefinidamente, pois seu ponto final não é definido. Já eventualidades processos culminados e culminação são do tipo [+ télica] por se encaminharem a um ponto final, a um ponto de culminação, determinadas pela descrição do evento em si. Assim, na descrição de “saber a importância da educação” e “latir” não há a determinação de um ponto específico em que tais eventualidades se realizam como tal, sendo, portanto, denominadas como atélicas, pois não apresentam um ponto de culminação determinado. Já em “comer dois sanduíches” e “quebrar um vaso” é necessário chegar ao ponto de culminação para que essas eventualidades sejam verdadeiras. Daí tais eventos, processos culminados e culminação, respectivamente, serem caracterizados como téllicos. O ponto de culminação de tais eventos será o momento em que os dois sanduíches forem totalmente comidos, e em que o vaso da sala seja quebrado pelo gato. Antes disso, não se pode dizer que esses eventos foram verdadeiramente realizados.

Vale salientar que essa noção de finitude e indefinitude do evento é relativa à proporção em que pode ocorrer, pois se sabe que um cachorro não late infinitamente e que não se ama eternamente, mas não há, nessas descrições, nada que especifique o ponto final do evento. Por outro lado, verbos de processos culminados e verbos de culminação têm um ponto final natural determinado pela descrição da eventualidade, mesmo que seja um tanto vago. O ponto final de ler um livro seria a leitura da última página ou a leitura dos comentários do pós-fácio, ou o momento em que se coloca o livro na prateleira? Essa imprecisão abre espaço para uma determinação contextual que não impede, no entanto, que se estabeleça que tal eventualidade tenha um ponto final.

De acordo com as discussões apresentadas nesta seção, percebemos que a classificação de Vendler é de sua importância para que possamos verificar os valores aspectuais expressos pelas formas imperfectivas sob análise, pois em interação com os demais fatores linguísticos constituintes da composicionalidade do aspecto imperfectivo, contamos também com as ideias manifestas pelo aspecto inerente do verbo, que nos revela a maneira como a situação se desenvolve no tempo: duratividade, dinamicidade e ponto téllico ou culminação. Isso nos leva a considerar, na análise de cada forma verbal, a leitura aspectual composicional, visto que as formas de imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado são estudadas mediante a interação entre os morfemas verbais, os modificadores adverbiais, os complementos verbais, o contexto e as três perspectivas codificadas pelo

aspecto inerente do verbo: com ênfase na duração, com ênfase na dinamicidade do evento e com ênfase na culminação da situação.

Nesta pesquisa, consideramos a classificação proposta por Vendler, ora apresentada, tomando-a como um dos grupos de fatores controlados como possíveis motivadores da variação e da multifuncionalidade das formas imperfectivas de passado: imperfeito do indicativo e perífrases.

Para a verificação da ocorrência de variação entre as formas imperfectivas de passado, contamos também com a análise da modalidade por elas expressa, que torna, muitas vezes, a forma verbal sob análise mais modal ou mais aspectual, a depender da posição do enunciador em relação àquilo que quer dizer, conforme veremos na seção a seguir.

4.3 Modalidade

É bastante comum percebermos autores considerando *modo* e *modalidade* indistintamente. Contudo, faz-se necessário que estabeleçamos as diferenças existentes entre as duas categorias. Segundo Givón (1984, p. 272), a modalidade é caracterizada, entre outras coisas, pelas noções de realidade que os indivíduos têm ao expressarem eventos com sentido de ter existência factual em algum tempo (verdadeiro), de não ter existência real em nenhum tempo (falso), ou de ter uma existência potencial em algum tempo (possível), ou seja, é a avaliação, a opinião, a atitude do enunciador sobre a proposição que seu próprio enunciado expressa. Dessa forma, para Neves (2006), a modalidade consiste em um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva. Já o modo é uma categoria gramatical expressa pela morfologia verbal para a expressão da modalidade, que se manifesta muito mais na maneira como o enunciador fala ou escreve. A modalidade, ainda de acordo com Neves (2006), pode ser considerada como uma categoria obrigatória, uma vez que o enunciador imprime em seu enunciado a verdade (ou não) do fato expresso, acrescentando também um nível de certeza a esse fato, o que nos leva à lógica de que não há enunciados não-modalizados, sendo corroborado pelo fato de que a modalidade está presente em todas as línguas, ainda que demarcadas de diferentes formas, como ocorre entre o Português e o Inglês, pois o primeiro apresenta, além de verbos modais, três modos morfologicamente diferentes, enquanto o segundo usa verbos modais para expressar a modalidade.

Para Castilho (1967, p.16), modo é a categoria que expressa a atitude do sujeito em relação ao processo verbal, podendo ser percebido como real (indicativo), eventual

(subjuntivo) ou necessário (imperativo). Dessa forma, percebemos que o modo é uma categoria gramatical distinta de modalidade, que se trata de uma categoria nocional ou semântica. A partir do ponto de vista lógico, tradicionalmente vêm sendo considerados três tipos de modalidades: modalidades aléticas ou aristotélicas (“verdade”) modalidades epistêmicas (“conhecer”) e modalidades deônticas (“o que é próprio”).

Givón (1984), com sua interpretação comunicativa/pragmática, defende quatro tipos de modalidade em termos de estados epistêmicos e objetivos comunicativos, tanto do falante quanto do ouvinte, conforme quadro abaixo, organizado por Costa (2009):

Quadro 3: Proposta comunicativa/pragmática da modalidade por Givón.

Pressuposição	Admitida como verdadeira e aceita por todos os envolvidos na situação de comunicação; não é contestada.
Asserção <i>realis</i>	Pode ser contestada, embora seja fortemente asserida pelo falante e possa ser defendida por ele.
Asserção <i>irrealis</i>	Asserida como possível, provável ou incerta (sub-modos epistêmicos) ou necessária, desejada ou indesejada (sub-modos deônticos). Há possibilidade de ser contestada, o que é esperado e/ou até solicitado.
Asserção negativa	Tida como falsa (contradiz crenças explícitas ou assumidas pelos ouvintes).

Para ilustrar a classificação proposta por Givón (1984): pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis*, asserção negativa, apresentamos, os exemplos a seguir que, embora sendo todos de passado imperfectivo, denotam, respectivamente, situação verdadeira e aceita por todos os envolvidos, situação defendida pelo locutor como real, mas que pode ser contestada, situação de necessidade ou de obrigação contestável e situação de negação do que é esperado.

(23) Na Rua de Cima *passavam* grandes caminhões [2010 – T19 – ELPA – MG]

(24) (...) *podíamos ter* a certeza de que *era* ela com seu Chevrolet. [2010 – T9 – ECNS – SP]

(25) (...) *tínhamos que nos deslocar* até a cidade vizinha [2010 – T3 – FMV – MS]

(26) Mas isso não *impedia* nossos passeios. [2010 – T3 – FMV – MS]

De acordo com essa proposta de Givón (1984), ao interpretarmos a modalidade como uma das categorias determinantes no propósito comunicativo, levamos em consideração a presença do locutor e do interlocutor. O locutor, mediante recursos linguísticos, pode

demonstrar, na proposição, o seu grau de envolvimento com relação ao dito. Já o interlocutor deve interpretar o grau de modalidade que a proposição emitida pelo locutor carrega. Portanto, a modalidade passa a ser interpretada como parte de uma situação interativa entre locutor(s) e interlocutor(s), o que também acaba dependendo do grau de capacidade do falante para revelar de maneira clara, através da linguagem, seu nível de envolvimento com o conteúdo da asserção e, no caso do ouvinte, sua capacidade para interpretá-la adequadamente (COSTA, 2009).

Dessa forma, alguns trabalhos, como de Görski *et al.* (2002) e de Coan *et al.* (2006), a partir de Givón, defendem que a modalidade codifica a atitude do falante, seu julgamento a respeito do conteúdo proposicional da oração, constituindo seu julgamento *epistêmico* (de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência) e *deôntico* (de desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, permissão, necessidade, manipulação). Nesse sentido, apesar de poder parecer que a modalidade não é um valor saliente no passado imperfectivo, autoras como Godoi (1992) defendem uma tendência diferente entre a modalidade expressa pelas formas simples e pelas formas perifrásticas do passado imperfectivo. Segundo a autora, no que se refere ao domínio da modalidade, as formas simples não-progressivas tendem a codificar situações de conhecimento, firmes, seguras²⁰; já as formas progressivas compostas manifestam evidências, conforme podemos conferir nos exemplos que seguem:

(27) Era sua vida que *mantinha* a nossa vida. [2010 – T2 – EASF – PE]

(28) Afinal, não *estava comemorando* somente o primeiro dia de vida [2010 - T1 - WWSS – SE]

Em (27), temos a forma verbal imperfectiva “*mantinha*” expressando uma afirmação firme, segura e não temporária, diferente do que ocorreria com o enunciado se trocássemos a mesma forma pela perifrástica “*estava mantendo*”, que passaria a expressar progressão da situação, com certa temporariedade. Já em (28), a forma “*estava*

²⁰ Pontes (2012) aponta-nos que o pretérito imperfectivo apresenta uma série de usos etiquetados de diferentes maneiras, cujo denominador comum é a modalização, ou seja, a atitude do falante frente à proposição expressa, manifesta mediante o uso dos “imperfectivos modalizados”, tais como: imperfectivo de cortesia (Eu precisava de uma informação, moça.); imperfectivo desiderativo (Com o maior prazer namorava-o, porque ele é muito bonito.); imperfectivo de exclamação ou desculpa (Desculpe-me, mas não o via na faixa de pedestre.); imperfectivo de surpresa (Poxa! Mas impressionante a atitude que ele tomava naquela ocasião); imperfectivo lúdico (Vamos brincar? Eu era a princesa e você era o sapo.).

comemorando” remete a uma leitura de situação passageira, progressiva, que descreve uma evidência e não um conhecimento, o que não aconteceria se tivéssemos, ao invés dessa forma, sua variável simples “comemorava”, que poderia remeter a duas possibilidades de leitura, em virtude do advérbio “somente”: poderíamos entender o enunciado de forma equivalente a leitura expressa pela forma perifrástica, mas também poderíamos ler como uma situação pontual e duradoura, ou seja, episódica, manifestando conhecimento seguro sobre o fato. Assim, apesar de intercambiáveis, as formas dos dois exemplos podem apresentar modalizações diferentes, em associação ao aspecto verbal.

Há também casos de construções perifrásticas imperfectivas em que temos uma sobreposição de valores evidenciada por [+modalidade] e [-aspectualidade], o que pode inviabilizar a possibilidade de intercambialidade entre forma simples e forma composta, como podemos observar em (29), em que a perífrase “queria acordar” não admite variação com a forma “acordava”, uma vez que essa forma perifrástica denota a atitude do locutor do enunciado de aspecto deôntico, na medida em que a situação envolve valores como desejo, preferência, intenção etc. O que não se configuraria, caso usássemos a forma “acordava”, na qual repousaria a mera significação de sair do sono, despertar. Em (29), o verbo modal “querer”, que auxilia o verbo pleno “acordar”, apresenta um tipo de modalidade subjetiva com forte valor volitivo e de desejo de “jamais acordar”, correspondendo as suas características prototípicas e assegurando a sobreposição do valor da modalidade nesta construção perifrástica.

(29) (...) estava em um sonho do qual jamais *queria acordar*. [2010 – T2 – EASF – PE]

Apesar das discussões sobre modalidade serem bem mais diversificadas e abrangentes, nesta seção, buscamos enfatizar as informações mais relevantes para a coleta, codificação e análise dos dados de formas imperfectivas de passado.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo buscamos, brevemente, apresentar os componentes do domínio funcional: tempo, aspecto e modalidade, que, por razões didáticas, foram tratados separadamente.

Na primeira seção deste capítulo, as discussões sobre o domínio tempo pautaram-se nos modelos de ponto de referência de Reichenbach (1947) e na proposta de Comrie (1985) para os tempos absoluto, relativo e relativo-absoluto. Na segunda seção, enfocamos o domínio aspecto verbal, destacando, em virtude do objeto desta pesquisa, o aspecto imperfectivo, sob a perspectiva gramatical da morfologia flexional, assim como o aspecto inerente do verbo, que se limita ao nível lexical. Na terceira seção, apresentamos uma breve discussão a respeito do domínio funcional modalidade, que foi de grande importância para a coleta e análise dos dados de formas imperfectivas de passado nesta pesquisa.

No próximo capítulo, com vistas a buscar suporte teórico que sustente e ampare as discussões e hipóteses por nós levantadas, neste estudo, trataremos das bases teóricas que guiaram esta pesquisa variacionista: Sociolinguística – teoria da variação e mudança; Funcionalismo Linguístico – de vertente norte-americana; Sociofuncionalismo – casamento teórico entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico.

5 BASES TEÓRICAS PARA ANÁLISE DO ASPECTO IMPERFECTIVO PASSADO

Toda teoria só é boa na condição de que, utilizando-a, se vá mais além.
André Gide

Nesta seção, apresentamos os pressupostos que norteiam esta pesquisa e que servem de base para a análise da variação das formas imperfectivas pretérito imperfeito e perífrases de passado: os postulados da Sociolinguística Variacionista por meio das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (1968), de Labov (1972, 1978, 1994, 2001, 2003 e 2010), que estuda a língua a partir do seu contexto social, buscando descrever de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam variação e mudança na língua, e os do Funcionalismo de vertente norte-americana (cf. GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 1993), que tratam a língua do ponto de vista funcional.

A exposição de tais teorias faz-se necessária, uma vez que neste estudo, mediante uma abordagem funcionalista e sociolinguística, com vistas ao seu casamento teórico, denominado Sociofuncionalismo, buscamos realizar uma análise do fenômeno de variação linguística das formas imperfectivas de passado, intercambiáveis – imperfeito do indicativo e perífrase –, com foco no domínio funcional (tempo, modalidade e, sobretudo, aspecto), observando os sentidos e as motivações na escolha por uma das formas, lidando, pois, com a noção de variável linguística, com base nos pressupostos sociolinguísticos.

Para tanto, seguimos, inicialmente, com uma breve exposição dessas teorias de base, buscando retratar os principais postulados de cada uma, que interessam diretamente a este trabalho. Vale salientar, diante disso, que subjaz a esses pressupostos a concepção de língua como atividade em tempo real e em constante adaptação, entendendo-se que a gramática não se trata de um produto acabado, mas que novas formas estão constantemente surgindo, assim como as velhas estão assumindo novas funções.

5.1 Sociolinguística – Teoria da Variação e Mudança

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança, teve seus primeiros estudos durante a década de 60 em reação ao Gerativismo de Chomsky, que, segundo Pontes (2012), propunha um estudo a partir da competência de um falante/ouvinte ideal em uma comunidade linguística homogênea. Ora, sabe-se que a

Sociolinguística surgiu em defesa da influência de fatores linguísticos e extralinguísticos nos fenômenos de variação e mudança inerentes às línguas, negando, assim, o caráter homogêneo e autônomo da língua, tão largamente defendido por Ferdinand de Saussure, conhecido como precursor da ciência linguística no século XX, que definiu a língua como objeto único e legítimo de estudo: “considerada em si mesma e por si mesma”.

Em 1964, William Bright organizou um congresso, no qual o termo Sociolinguística se fixou. O livro do congresso, *Sociolinguistics*, foi lançado em 1966 e, somente a partir dos estudos individuais de Labov (1972a) e dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968), doravante WLH, a Sociolinguística desenvolveu-se e ganhou notoriedade, pois passou a ter como objetivo descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala, e utilizando um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala dos indivíduos, fornecidos pelas já mencionadas comunidades de fala, rompendo, assim, com as correntes anteriores (estruturalismo e gerativismo), que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, estudadas fora de seu contexto social.

A Sociolinguística, ao mostrar a variação de forma sistemática e motivada por fatores sociais e linguísticos, trouxe uma nova abordagem, sobretudo por postular que é na heterogeneidade da língua que se devem buscar a estrutura e o funcionamento do sistema. Foi através desse novo olhar que se passou a analisar e descrever o uso de variáveis linguísticas por indivíduos de uma comunidade de fala, assim como a se perceber que a presença de heterogeneidade sistematizada por regras variáveis permite ao sistema linguístico manter-se em funcionamento, mesmo nos contextos de mudança linguística, pois a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (conforme Weinreich, Labov & Herzog, 1968, p.101).

Dessa forma, WLH (1968) defendem ser necessário aprender a ver a linguagem do ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico, como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática. A variação é, pois, inerente ao sistema linguístico, e como tal pode ser analisada, descrita e explicada em correlação com o contexto social e linguístico.

Levando em conta a Sociolinguística Quantitativa, percebe-se que seu objetivo é o de descrever e explicar o processo de variação e mudança, através do controle de fatores sociais (classe social, sexo, idade, escolaridade, etc.) e de fatores linguísticos (variáveis internas da língua), com vistas a identificar os fatores que influenciam a escolha de uma ou de

outra forma variante, mostrando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras, não categóricas, e sim variáveis.

Em 1966, William Labov apresenta o conceito de regra variável em substituição à noção estruturalista de variação livre, no qual defende que toda variação é condicionada. Para tanto, alega que uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e modelar-se à interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Para o autor, as variantes constituem os diversos modos de dizer a mesma coisa em um contexto de interação verbal. Em seus primeiros trabalhos, referentes às análises em Fonologia, Labov (1972) assevera que as variações são motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Tais trabalhos resultaram em outros tantos acerca da variação linguística nesse e nos demais níveis linguísticos. Entretanto, o uso desse modelo, em outros campos diferentes do fonológico, gerou críticas e discussões referentes à manutenção do mesmo significado das formas variantes, como a que foi travada entre Labov e Lavandera.

Essa questão debatida entre os dois estudiosos ocorreu a partir do trabalho de Weiner & Labov (1977), sobre as estruturas ativa e passiva do inglês, uma variável de natureza sintática. Nesse trabalho, os autores tratam a construção ativa e passiva sem agente como variantes linguísticas, ou seja, como possuindo o mesmo significado representacional.

Para Lavandera (1977), é difícil afirmar que haja variação em unidades de níveis acima do fonológico, como as de morfema, de um item lexical ou de uma construção sintática, que não podem ser substituídas por outras se alegando o mesmo valor de verdade, uma vez que tais formas possuem por definição um significado próprio. Daí propor que a noção de regra variável da sociolinguística não seja aplicável aos outros níveis que não seja o fonológico. Assim, Lavandera (1977) propõe substituir o conceito de equivalência semântica pelo de “comparabilidade funcional”, ou seja, que se deixe a concepção de que variantes sintáticas possuem o mesmo significado, e que se adote um estudo de condições de igualdade funcional entre as formas sintáticas alternantes.

Diante de tal proposição de Lavandera, Labov (1978) rebate afirmando que se duas sentenças se referem ao mesmo estado de coisas, têm o mesmo valor de verdade, reforçando, assim, o princípio da equivalência semântica e defendendo que são formas variantes aquelas que apresentam o mesmo significado referencial, sem que, necessariamente, possuam o mesmo significado, mas sim, que apresentam, em dado contexto, a mesma intenção comunicativa, como variantes de uma regra variável.

Outro questionamento levantado por Lavandera refere-se a não influência dos fatores sociais na variação, fora do campo fonológico, pois, para a autora, a Sociolinguística

deve estudar, necessariamente, a influência dos fatores sociais nos usos da língua. Fato que é rebatido por Labov (1978), ao defender que o que é analisado no fenômeno da variação não são somente fatores sociais, que podem sim influenciar, mas que não são, necessariamente, os condicionadores da variação. Completa, ainda, afirmando que por ser o objeto de estudo da Linguística a língua, todo linguista já é (sócio)linguista, não só porque lida com fatores estilísticos e sociais, mas porque analisa a língua como componente social, uma vez que a língua só existe para uso social. Se assim não o fosse, a Sociolinguística seria algo à parte da Linguística. Labov (1978), também, afirma que a Sociolinguística, mais do que medir o peso dos fatores sociais, busca prever a distribuição provável, na língua, de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc., preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua enquanto componente social.

É a partir daí que se abre espaço para as análises variacionistas, nos diferentes níveis gramaticais, e para a possibilidade de se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais (linguísticos), além dos fatores sociais e estilísticos (nem sempre relevantes), conforme se propõe com esta pesquisa: analisar a intercambialidade entre as formas imperfectivas de passado (imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva).

Contudo, vale lembrar que, segundo a regra variável, para que formas linguísticas alternantes sejam chamadas de variantes, faz-se necessário que haja manutenção do significado referencial e possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto (LABOV, 1978). Com base nessa premissa, é que nesta pesquisa apontam-se as formas imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado como sendo variantes de uma mesma variável, pois, em um mesmo contexto, podem se apresentar com a mesma função/significado. Entretanto, nem sempre essas formas imperfectivas são intercambiáveis, daí a importância dos testes feitos, nesta pesquisa, em todas as ocorrências de imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, com vistas a observar a possibilidade de intercambialidade, sendo descartados os dados que não atendem a tal premissa da regra variável.

Segundo Pontes (2012), sabendo-se que variação linguística realmente se faz presente na comunicação, tendo em vista ser a língua um dinâmico meio de identidade social, é inevitável a ocorrência de mudanças em todos os âmbitos da linguagem verbal. Mas vale salientar que nem toda variação gera mudança, entretanto a mudança é precedida por estágios de variação, segundo Labov (1982). Foi através de Weinreich, Labov e Herzog (1968) que emergiram numerosos estudos acerca da mudança linguística, pois a partir de seus postulados surgiram várias propostas sobre a estrutura do fenômeno de variação e mudança linguística.

Labov (1994) propõe, para melhor compreensão do processo de mudança linguística, que seu estudo aconteça sob dois métodos de observação: mudança em tempo aparente e mudança em tempo real, buscando uma observação da mudança em dois estados da língua: no tempo aparente, analisando-se como um grupo de diferentes gerações, em determinado tempo, comporta-se linguisticamente, por exemplo, como os jovens utilizam algumas formas mais do que os adultos e os idosos; no tempo real, confrontando-se os usos de determinadas formas em dois ou mais períodos discretos de tempo.

De acordo com Labov (1994), para o estudo de mudança aparente, os dados atuais são coletados e relacionados às idades dos informantes, levando-se em conta que a aquisição da língua é concluída até o final da adolescência, mantendo-se intacta no decorrer da vida.²¹ Assim, de posse do uso atual, o pesquisador pode inferir o uso no passado e projetar os possíveis usos no futuro. Esta visão acerca da estabilidade do falante após a puberdade está diretamente ligada a da instabilidade da comunidade de fala com o decorrer das décadas.

Essa proposta de Labov parte do pressuposto de que é possível captar mudanças através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias, análise essa que se convencionou chamar de mudança em tempo aparente. As formas das curvas de distribuição dariam a indicação de uma variação estável ou de uma mudança em curso e, nesse caso, implementação ou perda de um processo. Essa distribuição, no entanto, por faixas etárias, pode ser apenas aparente e não representar mudanças na comunidade, vindo a constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração. Dessa forma, a fim de solucionar os problemas decorrentes da interpretação dos dados em tempo aparente, deve basear-se nas observações feitas em tempo real, isto é, na observação e confronto de determinados usos em dois ou mais períodos discretos de tempo. Assim, a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real constitui o método fundamental de análise da mudança em curso.

²¹ De acordo com os estudos da Terceira Onda, Eckert (1997) defende que o comportamento linguístico dos indivíduos muda no decorrer da vida, considerando as comunidades de prática a que pertencem. Entendendo-se comunidades de prática como o conjunto de pessoas que se envolve em algum empreendimento comum, desenvolvendo estratégias para a realização de práticas necessárias à empreitada, mediante compartilhamento de orientações comuns em relação ao mundo. Segundo Eckert e McConnel-Ginet (2010, p. 102), “uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, a família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc.”

Para a obtenção de dados em tempo real de curta duração há duas possibilidades básicas de abordagem: 1. o recontato dos mesmos falantes em posterior período - caracterizado como estudo em painel – ou 2. a composição de nova amostra representativa (caracterizada como estudo de tendências). O estudo em painel permite identificar, através do comportamento estável ou instável do mesmo indivíduo, em dois momentos distintos, se estamos diante de uma mudança geracional ou de uma gradação etária. Caso o indivíduo de uma determinada faixa etária reproduz, ao passar para outra, em certa medida, o comportamento linguístico de falantes da mesma geração na amostra anterior, tem-se um indicativo de ser a variação característica daquela faixa etária. Se, no entanto, ao mudar de faixa etária, reproduz o seu próprio comportamento na faixa anterior, tem-se um indício não de característica etária, mas sim de mudança geracional. Porém esse estudo, *per se*, não distingue gradação etária de mudança comunitária ou estabilidade de mudança geracional, uma vez que só se pode ter uma visão da comunidade através do comportamento dos mesmos indivíduos. Por outro lado, o estudo de tendências, em que se realiza o confronto de duas amostras, em dois períodos de tempo discretos, com indivíduos distintos, também nos permite perceber o comportamento da comunidade. A combinação desses dois tipos de estudo produz quatro padrões distintos de mudança no indivíduo e na comunidade (LABOV, 1994, p.83), conforme ilustra o quadro abaixo.

Quadro 4- Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

Padrões de mudança	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação etária	Instável	Estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança comunitária	Instável	Instável

A interpretação dos dois primeiros padrões nos diz que, se o comportamento dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e a comunidade se mantém também estável, não há variação a analisar e tem-se estabilidade; se os indivíduos mudam seu comportamento linguístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo permanece a mesma, o padrão pode ser caracterizado como gradação etária. Na mudança geracional, os indivíduos apresentam uma frequência característica para uma variante particular, mantendo-a durante toda a sua vida. Aumentos regulares, porém, dessas frequências individuais durante várias gerações podem levar a uma mudança comunitária. Na mudança da comunidade, todos os membros da comunidade alteram conjuntamente suas frequências ou adquirem simultaneamente novas formas. Segundo Labov (1994), este seria o padrão característico da

mudança lexical e sintática, enquanto a mudança geracional seria típica da mudança sonora e morfológica.

Contudo Labov, considerando objetivo primeiro da Sociolinguística, que é o de observar e analisar o comportamento linguístico dos falantes dentro de uma comunidade de fala, e percebendo que mais importante do que saber por que as línguas mudam é perceber os fatores que propiciam as mudanças, propõe que se considerem, para efeito e análise da mudança, os fatores sociais que envolvem os falantes, uma vez que esses interferem diretamente no desenvolvimento da mudança linguística, destacando também a importância dos fatores culturais e cognitivos como motivadores no processo de mudança linguística. Os fatores culturais relacionam-se aos aspectos sociais, enquanto que os fatores cognitivos influenciam a aquisição do sistema linguístico e a percepção do contexto. Dessa forma, os fatores culturais e cognitivos auxiliam-no na compreensão linguística da comunidade de fala.

Isso nos remete ao que já foi dito anteriormente: a língua não é homogênea, mas sim de um sistema heterogêneo, motivado por fatores estruturais, sociais e cognitivos. Tais fatores configuram-se como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias se apresentam de forma sistemática e estatisticamente previsível. É exatamente nessa previsibilidade e regularidade linguística que se descarta a ideia de que a variação possa acontecer de forma aleatória, arbitrária, ao bel prazer do falante. Embora havendo variações, o sistema obedece a padrões estruturais e linguísticos, o que leva as línguas a exibirem unidade em meio à heterogeneidade.

Nesta pesquisa, adotamos a análise de uma categoria que está acima do nível fonológico, tendo em vista que a variável em estudo é verbal, o que leva a crer que fatores sociais não exerçam tanta influência sobre a escolha por uma das formas imperfectivas de passado. Contudo, a ampliação do modelo variacionista para níveis além da Fonologia, a partir dos questionamentos de Lavandera, abriu as portas à incorporação de hipóteses funcionalistas, que respaldam a ocorrência de motivações, principalmente, no interior da estrutura da língua para variações morfossintáticas.

Para tratar de uma variável morfossintática, como as formas aspectuais imperfectivas de passado, cujos condicionadores podem ser de natureza linguística, além de social, lançamos mão da abordagem funcionalista, para orientar a formulação das hipóteses e a descrição dos contextos de uso das variantes em questão.

5.2 Funcionalismo Linguístico

O Funcionalismo linguístico é uma corrente teórica que concebe a língua como um sistema de comunicação e interação social, regido por regras pré-estabelecidas pelo uso para que se formem estruturas gramaticais. Mas que não é autônoma, pois depende do discurso e da intenção comunicativa do falante, a fim de que possa fazer compreender.

Essa concepção despertou interesse inicialmente, nos anos 20, com a Escola de Praga, nascida a partir do Círculo Linguístico de Praga, sob o comando de grandes estudiosos, tais como: Vilém Mathesius, Trubetzkoy e Roman Jakobson, que se mostraram interessados em discussões acerca dos aspectos funcionais da linguagem, defendendo que a linguagem seria o maior veículo para o homem reagir e externar a realidade extralinguística, opondo-se aos postulados meramente estruturalistas, que priorizavam a forma à função, sobretudo a Saussure, no que se referente à diacronia/sincronia e à noção de homogeneidade da língua.

Várias perspectivas funcionalistas da linguagem têm sido consideradas nesses últimos 40 anos, pelo menos. O ponto de vista funcional é, portanto, percebido, além da Escola Linguística de Praga, nas teorias de Sapir, Firth, Halliday, Austin e Searle.

Nos anos 70, o funcionalismo linguístico despontou também um importante movimento nos EUA, Califórnia, com os linguistas Chafe, Givón, Li, Thompson, Hopper, Delancey, DuBois, Van Valin, dentre outros. Conforme se percebe, o funcionalismo encontra-se vinculado a uma vasta variedade de modelos teóricos, em tempos e lugares diversificados, tornando-se irrefletida a possibilidade de se considerar a existência de uma única teoria compartilhada, uniformemente, por todos que aderiram a tal corrente.

Muitos estudiosos, como John Lyons, consideram que não há contraposição entre os termos estruturalismo e funcionalismo, sendo este visto por eles como um movimento particular dentro daquele, uma vez que os funcionalistas não negam a importância da estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas, ou seja, do sistema, mas também não assumem uma preocupação com a forma em si, mas com a função dessas estruturas no uso social, nas intenções e finalidade por elas atingidas. Há um reconhecimento de que a estrutura das línguas é geralmente determinada por suas funções características.

O Funcionalismo não goza, pois, de uma unidade teórica, considerando a diversidade de linguistas que se denominam como funcionalistas, mas que apresentam concepções divergentes entre si, que vão desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até aqueles que criam uma nova teoria. Destacam-se, entretanto, o Funcionalismo Europeu,

tendo com seus principais representantes Michael Halliday e Simon Dik, e o Funcionalismo Norte-Americano, representado por Givón, Hopper e Thompson.

Apesar das diversas vertentes funcionalistas e do grau de diferenças entre elas, há um elo que as une: a perspectiva da linguagem em seu uso funcional. Diante disso, Neves (1997), baseando-se em Nichols (1984), reafirma que há o funcionalismo conservador, que aponta a inadequação do formalismo, sem, contudo, propor uma análise nova; o funcionalismo extremado, que nega a realidade da estrutura como estrutura, considerando que as regras se baseiam internamente na função e o funcionalismo moderado, que destaca a inadequação do formalismo, além de propor uma análise funcionalista da estrutura.

Halliday, funcionalista da escola inglesa, conhecida como Escola de Sidney, encara a linguagem como um sistema sócio-semiótico (HALLIDAY, 1989, p. 3), em que a língua é vista como um sistema que influencia e que é influenciado pelos que estão a sua volta, um sistema no qual o falante faz escolhas a depender de suas representações de mundo, de suas relações com as pessoas e da própria organização da linguagem, deixando claro o como e o porquê de determinadas escolhas discursivas, sendo a linguagem estudada a partir de três perspectivas (metafunções): interpessoal, ideacional e textual.

Para esta pesquisa, seguimos os postulados da vertente funcionalista norte-americana, mais especificamente os de Givón (1995) sobre o princípio de marcação, os de Dubois e Votre (1994) sobre expressividade, bem como os de Hopper e Thompson (1980) sobre os planos da narrativa: figura e fundo.

A teoria Funcionalista de corrente americana (GIVÓN, 1995, 2001) propõe uma concepção de gramática em que padrões morfossintáticos regulares e estáveis coexistam com mecanismos de codificação emergentes na língua. Nessa abordagem, as formas linguísticas originam-se no discurso e se acomodam às necessidades comunicativas do falante, que são motivadas por fatores pragmático-discursivos.

A língua é vista como um fenômeno social. E diante do fato de que a língua reflete as necessidades comunicativas do falante, é, pois, concebida como uma instituição maleável às constantes pressões oriundas do uso. Dessa forma, a gramática é vista como dinâmica por estar constantemente em mudança em decorrência das necessidades comunicativas. Daí Hopper (1991) defender que a gramática é um fenômeno emergente, o que abala diretamente a noção de gramática como um conjunto de regras rígidas, pois novas funções surgem para formas já existentes, ou novas formas emergem, competindo com outras em um mesmo domínio funcional.

Como aponta Neves (1997, p. 15), a gramática funcional considera a competência comunicativa, levando em conta as situações reais de produção e as motivações discursivas para as estruturas linguísticas. Dessa forma, a língua muda, moldando-se às pressões funcionais exercidas durante o desempenho linguístico do indivíduo. Assim, devido ao caráter criativo, dinâmico e comunicativo da língua, diversos fatores atuam na variação, entrando em jogo o componente proposicional (semântica), o sintático (sintaxe) e o discursivo (pragmática).

Para Givón (1995, p.09): a) a linguagem é uma atividade sociocultural; b) a estrutura linguística serve a funções cognitivas ou comunicativas; c) a estrutura é não-arbitrária, mas motivada, icônica; d) a mudança e a variação estão sempre presentes; e) o significado é dependente do contexto e não-atômico; f) as categorias não são discretas, mas contínuas; g) a estrutura é maleável, não rígida; h) a gramática é emergente, as regras da gramática permitem alguma flexibilidade.

No entanto, o autor admite que não há uma relação categórica de correspondência entre função e forma, pois nesse processo adaptativo de mudança, a língua pode apresentar mais de uma forma para uma mesma função ou vice-versa. Há, na verdade, uma infinidade de funções e formas que estão sempre em mobilidade devido a um conjunto de motivações funcionais (cognitivas, comunicativas e sociais). Esse é o campo visível da variação. Daí o interesse desta pesquisa, inserida nessa perspectiva, em investigar as diferentes funções desempenhadas pelas formas imperfectivas de passado (imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado), bem como as situações em que tais formas são intercambiáveis e suas escolhas motivadas por fatores sociais e linguísticos.

Em uso, cada função precisa de uma forma para lhe dar sustentação. Numa língua natural, conforme dito anteriormente, uma forma pode assumir mais de uma função ou uma função pode ser codificada, em alguns momentos, por mais de uma forma.

Para Givón (1995), na correlação entre forma e função, é preciso admitir a existência de certa arbitrariedade na codificação linguística, pois a iconicidade está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas, tanto na forma (código/estrutura) quanto na função (mensagem). Isso faz com que o código sofra alterações provocadas pelo componente fonológico, e a mensagem, alterações em decorrência da criatividade do falante. Essas alterações, por sua vez, podem gerar, por certo período de tempo, ambiguidades na forma e na função. Na forma, pode ocorrer correlação entre uma forma e várias funções (polissemia); quanto à mensagem, observa-se a correlação entre várias formas e uma função (variação).

Assim, por entender a língua como atividade em tempo real e em constante adaptação, podemos aproximar a teoria variacionista da abordagem funcionalista, focalizando, para tanto, o caso do uso das formas imperfectivas de passado imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas, as relações variáveis entre formas e funções (bem como a mudança linguística atrelada a alterações na correlação entre forma/função), decorrentes de pressões linguísticas e/ou sociais.

5.2.1 Princípios funcionalistas da marcação e da expressividade retórica

Nesta subseção, são apresentadas algumas considerações sobre os princípios do Funcionalismo que subsidiam esta pesquisa. São eles: o princípio da marcação, proposto por Givón (1990, 1991, 1995, 2001), e o princípio da expressividade, proposto por Dubois e Votre (1994), que embasam a análise da variação e das multifunções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas nesta pesquisa.

Segundo o Funcionalismo linguístico, a gramática é um conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e do uso, um sistema aberto a mudanças provenientes de fatores sociais ou linguísticos, portanto, variável, e que nunca estará completa. Ora, como o Funcionalismo concebe a gramática a partir das interações verbais, o seu interesse está além das estruturas gramaticais, buscando nos contextos de uso as motivações para as manifestações linguísticas.

O princípio da marcação pode ser apontado como uma das motivações cognitivas para o uso de determinadas formas na língua, conforme será verificado nesta pesquisa, no que se refere ao controle de fatores, como: polaridade, tipo de oração e modificadores aspectuais, uma vez que promove a distinção entre categorias marcadas e não marcadas, a depender da complexidade estrutural. Assim, categorias marcadas tendem a ser utilizadas em contextos estruturalmente mais marcados, então mais complexos; já as formas não-marcadas (ou menos marcadas) tendem a ser utilizadas em contextos estruturalmente menos marcados, menos complexos. Contudo, segundo Pontes (2012), a marcação depende do contexto de interação para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, ou seja, precisa-se considerar fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

Dessa forma, a fim de que se possam mapear as formas marcadas e as não marcadas, Givón (1990, 2001) estabeleceu três critérios de análise da marcação prototípica: a) complexidade estrutural, na qual a estrutura marcada tende a ser mais complexa (e até maior)

que a sua correspondente estrutura não-marcada; b) complexidade cognitiva, a estrutura marcada tende a ser mais complexa cognitivamente do que a estrutura não-marcada; e c) distribuição de frequência, em que a estrutura marcada tende a ser menos frequente que a sua correspondente não-marcada.

Como se pode observar, os critérios de marcação, segundo Givón (1990), sugerem uma implicação direta, pois, na medida em que temos formas mais complexas cognitivamente, temos também maior complexidade estrutural e menor frequência de uso. Contudo, tais critérios devem ser observados independentemente, até que se tenha uma definição de marcação. Assim, facilmente poderá ser verificado que “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas” (GIVÓN, 1995, p. 25).

Já a frequência de uso pode coadunar com a marcação estrutural/cognitiva ou não, fato que somente com a análise quantitativa pode ser confirmado. Como princípio de organização gramatical, a marcação não pode ser vista como uma constante, mas dependerá, pois, do contexto: uma das formas pode ser marcada em um contexto, mas na mudança de contexto, a forma marcada pode passar a ser a outra. Como consequência da dependência do contexto, a marcação só pode ser explorada em contextos específicos, pois os correlatos cognitivos, comunicativos, socioculturais e biológicos podem variar de um domínio ao outro (GIVÓN, 2001, p. 39, *apud* PONTES, 2012).

Diante das limitações do princípio da marcação no que se refere a alguns fenômenos linguísticos, apresentados anteriormente, Dubois e Votre (1994) nos trazem o princípio da expressividade, ou marcação expressiva, que consiste numa reformulação teórica do princípio da marcação, com vistas à formulação de um princípio de contrabalanceamento e complementar (BISPO, 2009), que equilibre o esforço de codificação provocado por aspectos de um fenômeno discursivo.

Assim, a marcação dos fenômenos linguístico-discursivos pode atuar em dois sentidos: ao paralelismo, no qual contextos definidos como mais marcados atraem formas mais marcadas e contextos menos marcados motivam formas menos marcadas – princípio da marcação segundo Givón (1990); e ao equilíbrio cognitivo, a ser analisado em alguns dos fatores controlados nesta pesquisa, no qual formas marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas tendem a ser atraídas para contextos mais marcados, buscando equilibrar, assim, o esforço de codificação (DUBOIS e VOTRE, 1994).

Dubois e Votre apresentam-nos, em síntese, uma comparação entre o princípio de marcação e o princípio de expressividade, que se encontra representada no quadro abaixo.

Quadro 5 – Postulação dos princípios de marcação e expressividade retórica

PRINCÍPIO DE MARCAÇÃO	PRINCÍPIO DE EXPRESSIVIDADE
<ul style="list-style-type: none"> O princípio de marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação. 	<ul style="list-style-type: none"> O princípio da expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação.
<ol style="list-style-type: none"> Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo. Um elemento marcado será menos frequente. Um elemento marcado exigirá mais esforço de codificação. 	<ol style="list-style-type: none"> Um procedimento discursivo marcado poderá ser menos elaborado e menos longo. Um procedimento discursivo marcado pode ser menos frequente. Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

Vale ressaltar que os princípios da marcação e da expressividade não atuam sozinhos, mas sim são motivações que podem competir ou complementar outras motivações, conforme será testado nesta pesquisa, ao se controlar as variantes sob o escopo da função aspectual imperfectiva, do tipo semântico-discursivo do verbo, do tipo de oração, dos modificadores aspectuais adverbiais, da polaridade e dos planos da narrativa: figura e fundo.

5.2.2 Planos da Narrativa: *Figura e Fundo*

Para a realização da análise a ser desenvolvida nesta pesquisa, será considerada, dentre outros fatores, a codificação dos planos figura e fundo na narrativa pelas formas imperfectivas de passado, calcada na proposta funcionalista de Hopper e Thompson (1980).

De acordo com a perspectiva funcionalista, autores como Givón defendem que o uso da língua se dá em contextos de interação não homogêneos, com vista a um propósito comunicativo. Assim é inegável que, na composição e na estruturação do pensamento humano, o processo de hierarquização das informações acontece, estabelecendo-se os graus do que se pretende como central ou periférico, isto é, a seleção feita pelos falantes, quando de uma situação comunicativa, das informações que são essenciais (figura) e daquelas que são acessórias (fundo). Pois para nos comunicar organizamos nosso discurso de forma a garantir que atinjamos perfeitamente nossos propósitos comunicativos.

Hopper e Thompson (1980) relacionaram e diferenciaram figura e fundo na fala dos indivíduos, a partir dos conceitos de figura e fundo oriundos da Gestalt, na Psicologia, que aponta o processo de formação de figura-fundo como sendo dinâmico, no qual figura depende do fundo sobre o qual se apoia, e fundo fornece a sustentação para que figura possa aparecer, determinando-a. Para tanto, observaram que os falantes tendem a organizar seus discursos, considerando, adequadamente, as informações centrais (figura), aquelas que devem

apresentar destaque na sua fala, a fim de que atinjam seus propósitos comunicativos, assim como também demarcam o que são detalhes, descrições, ou seja, informações periféricas (fundo), que darão sustentação ao seu propósito na interação verbal. Ou seja, os falantes organizam seu discurso dispondo as informações de forma que seu interlocutor perceba a finalidade das colocações.

Na narrativa, as informações centrais correspondem à parte do texto que apresenta os eventos ordenados numa sequência temporal, fazendo com que o mundo narrado avance. Trata-se, geralmente, de eventos pontuais, afirmativos, concluídos, *realis*, desencadeados por um agente, e que se caracterizam como a comunicação central, dada sua sequencialidade necessária (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 39). Já as informações periféricas referem-se ao fundo, uma vez que se apresentam como descrições de estados, exposições do cenário e de detalhes, explicações, comentários avaliativos. O fundo corresponde à parte do texto na qual são expressas as informações de suporte às informações de figura. É o fundo que dá as características ao evento, funcionando como um cenário para que a ação ocorra, mas que não faz a história avançar (FREITAG, 2007).

Segundo Hopper e Thompson (1980), a composição de figura e fundo caracteriza, pois, o relevo discursivo, que é determinado por traços linguísticos, dentre eles a transitividade, enunciando que: orações de figura apresentam traços de alta transitividade, tais como: dois ou mais participantes; + ação; + télico; + pontual; + volitivo; afirmativo; + real; + agente; objeto + individuado e + afetado; enquanto que orações de fundo têm traços de baixa transitividade, opostos aos supracitados.

Dessa forma, ao associar o relevo discursivo ao aspecto verbal, Hopper e Thompson (1980) consideram, pois, o aspecto perfectivo como sendo de alta transitividade, ou seja, configurando-se como figura; por outro lado, o aspecto imperfectivo é apontado como sendo de baixa transitividade, codificando orações de fundo, consideração essa respaldada pelo fato de que, em narrativas tradicionais, há, predominantemente, o uso de formas verbais imperfectivas de passado como fundo (detalhes e descrições) e de formas perfectivas constituindo a ordenação dos fatos narrados, conferindo-lhes progressão.

Assim, a escolha entre os aspectos perfectivo e imperfectivo está relacionada ao relevo discursivo dado pelo falante, na medida em que busca destacar ou apenas caracterizar eventos numa narrativa. Caso o falante do Português tencione relevar uma situação passada, dispõe prototipicamente de uma forma verbal específica, o pretérito perfeito, que codifica aspecto perfectivo, então figura; mas caso busque apenas enfatizar os detalhes, o cenário no qual aconteceram os fatos, tal falante dispõe, prototipicamente, das formas verbais pretérito

imperfeito e perífrases imperfectivas de passado, que expressam aspecto imperfectivo, então fundo.

Contudo, Pontes (2012), a partir de Givón (1984) e do resultado de sua pesquisa, diz que, no discurso, alguns elementos da descrição podem ser considerados como a essência da história, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo-se, portanto, como figura do discurso. Já os elementos satélites, que ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso, correspondente ao preenchimento das lacunas, às digressões. Tal codificação pode ser largamente percebida em narrativas de memórias literárias (gênero do *corpus* desta pesquisa), que se dão, basicamente, através de sequências descritivas de ações, costumes, etc. Nesse gênero, tanto a progressão textual como a caracterização dos elementos são expressas, geralmente, pelas formas imperfectivas de passado. Na narrativa de memórias literárias são poucas as ocorrências de formas perfectivas de passado.

No que se refere à prototipia do relevo discursivo figura e fundo, Pontes (2012) também aponta que, para Hopper, as orações prototípicas de figura caracterizam-se pelos seguintes traços: sequência cronológica bem demarcada; eventos reais e dinâmicos, codificação morfossintática de orações principais, absolutas ou coordenadas; formas verbais perfectivas. Já as orações prototípicas de fundo apresentam-se caracterizadas pelos seguintes traços: eventos simultâneos e não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas e necessárias para compreensão de atitudes (subjetividade); trocas frequentes de sujeito; formas verbais não-perfectivas; estrutura sintática subordinada, além de também poderem ser codificadas por orações coordenadas, absolutas ou principais.

Tendo em vista que os planos textual-discursivos das narrativas não são categorias discretas, de fácil distinção, muitos estudiosos buscaram a gradação existente no que se refere aos graus de “figuricidade” e de “fundidade”, tais como Silveira (1997), que, ao estudar figura e fundo em narrativas, propõe uma revisão do conceito Fundo, proposto por Hopper & Thompsom (1980).

Segundo a autora, as funções das cláusulas-fundo são muito abrangentes e poderiam ser melhor especificadas. Dessa forma, ela propõe uma hierarquia de fundidade. Essa hierarquia é estruturada em uma gradiente que vai da categoria 1, de figura (nível mais relevante) até a categoria 6, de cláusula-fundo 5, com menor grau de relevância. Na verdade, o plano narrativo fundo é que sofre essa gradação em níveis, uns mais próximos de figura, sendo mais objetivos, icônicos, e outros mais distantes, configurando-se, absolutamente,

como informações periféricas e secundárias, conforme apresentado no quadro a seguir, proposto por Silva & Silva (2011), com vistas a sintetizar os cinco de níveis de fundo.

Quadro 6 – Hierarquia de fundidade.

Categoria	Grau de objetividade (do mais para o menos icônico)	Como são	Tipo de cláusulas-fundo (relação funcional entre as cláusulas)
Fundo 1	Mais próximo do real, mais concreto.	Apresentam informações concretas sobre o evento.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do evento; • Apresentação do cenário; • Apresentação dos participantes; • Apresentação da fala dos participantes.
Fundo 2	Ainda mais próximo do real.	Através de circunstâncias, especificam o âmbito em que os fatos acontecem.	<ul style="list-style-type: none"> • Especificação do tempo; • Especificação de modo; • Especificação de finalidade.
Fundo 3	Próximo da estrutura do texto (mais abstrato e elaborado linguisticamente)	Especificam vocábulos da cláusula anterior.	<ul style="list-style-type: none"> • Especificação do referente; • Especificação de processo/ação.
Fundo 4	Próximo da interpretação do falante ao assistir ao evento	Especificam relações inferidas dos fatos narrados.	<ul style="list-style-type: none"> • Especificação de causa; • Especificação de consequência; • Especificação de adversidade.
Fundo 5	Próximo do ato de narração.	Apresentam interferências do falante no evento que está narrando.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de opinião; • Apresentação de resumo; • Apresentação de dúvida; • Apresentação de conclusão. • Apresentação de canal.

Fonte: Silva e Silva (2011, p. 121).

Chedier (2007) simplificou a proposta de Silveira (1997), agrupando as seis categorias em apenas três. Para tanto, manteve a categoria I - de figura, e reorganizou as demais categorias de fundo em apenas duas, sistematizado por Pontes (2012, p. 104) como:

Fundo 1 – apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário, os participantes e a fala dos personagens. Há também cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais). Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas). Pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas e conclusões.

Dessa forma, apesar de termos ciência dos níveis de gradação entre fatos de figura e de fundo, e de outras pesquisas mostrarem relevância no tratamento escalar, optamos por não trabalhar com a hierarquia de fundidade proposta por Silva e Silva (2011), tendo em vista que não pretendemos com esta análise identificar quais os níveis de fundidade codificados pelas formas em estudo. Portanto, assim como o fez Pontes (2012) em seus estudos, nesta pesquisa, ao verificarmos, nas narrativas de memórias literárias, em quais contextos as formas imperfectivas atuam como informação essencial (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a classificação proposta por Chedier (2007) para os graus de fundidade. A partir desse mapeamento, buscamos perceber quais planos discursivos (figura, fundo 1 e fundo 2) da narrativa de memórias literárias condicionam o uso de uma das duas formas imperfectivas de passado sob análise.

5.3 Sociofuncionalismo

O casamento teórico entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo resultou no Sociofuncionalismo, painel teórico que conduz os trabalhos provenientes desta pesquisa. Conforme dito anteriormente, nos apoiamos nos pressupostos funcionalistas para a formulação das hipóteses e descrição dos contextos de uso das formas aspectuais imperfectivas de passado e na Sociolinguística Variacionista para analisar as motivações das formas imperfectivas de passado em variação, considerando frequência das formas em cada função e motivações de uso de uma ou outra variante.

Este estudo é, pois, situado na interface da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico, conciliação teórica que, nos últimos anos, vem ganhando força no Brasil (SILVA e SCHERRE, 1996; NARO e BRAGA, 2000; TAVARES, 2003; GORSKI e TAVARES, 2008; PONTES 2012).

Contudo, o casamento das duas teorias requer alguns cuidados metodológicos, visto que não se trata simplesmente de somá-las. Há pressupostos teóricos de uma e de outra que vão a direções diferentes e isto implica uma decisão dentro da pesquisa, pois não se pode assumir uma postura absolutamente neutra.

Nesse sentido, Tavares (2003, p. 132) aponta que a associação entre tais teorias é possível e satisfatória, desde que se trace um mapa das convergências entre os postulados da teoria variacionista e da teoria funcionalista, o que equivale a uma perspectiva teórica distinta

das originais, já que não pode haver uma mera junção. Diante disso, Tavares (2003) realiza uma discussão bastante aprofundada e uma proposta de conciliação teórica, conforme se apresenta, a seguir, de forma resumida, reforçando alguns aspectos básicos dessa convergência:

a) ainda que na perspectiva laboviana a mudança decorra da variação e na perspectiva funcionalista da gramaticalização, no sociofuncionalismo defende-se que a variação é que decorre da mudança. Ambas as abordagens consideram a existência de formas em variação e de mudança linguística, assim como o caráter gradual da mudança. O diferencial é o foco central de cada perspectiva teórica, pois enquanto a primeira se ocupa basicamente de formas variantes para um mesmo significado e da possibilidade da mudança ocorrer em função da extinção de uma das formas, a segunda trata basicamente da trajetória de uma forma e as múltiplas funções que vai adquirindo, podendo tal forma, em um determinado estágio, competir com outras formas para o desempenho de uma função específica. Nesta pesquisa, buscar-se-á esse casamento, na medida em que se pretende investigar a variação linguística de duas formas imperfectivas de passado, bem como as múltiplas funções que tais formas podem adquirir em contextos de variação.

b) A noção laboviana de variável linguística aproxima-se da noção de domínio funcional: em termos variacionistas, duas ou mais variantes (formas em competição) constituem uma variável linguística. Em termos funcionalistas, duas ou mais camadas podem coexistir num domínio funcional, ou seja, Tavares (2003) afirma que uma convergência possível entre as duas teorias, nesse sentido, consiste no fato de que uma mesma função pode ser codificada por várias formas – camadas/variantes.

c) Quanto à resolução da variação/estratificação: em ambas as abordagens prevê-se a solução da variação: i) variacionista – regras variáveis tendem a se tornar categóricas; ou ii) gramaticalização – situações em que uma função é desempenhada por duas ou mais formas tendem a mudar para uma em que haja correlação entre uma forma e uma função. Como se dá a solução da variação?

Hopper (1991) prevê a *especialização* como capaz de suavizar ou mesmo extinguir uma situação de estratificação funcional. Uma das camadas sofreria abstração e generalização, passando a se sobrepôr às demais. Desse modo, poderia assumir a totalidade ou grande parte dos papéis abarcados pelo domínio, o que levaria à diminuição do uso ou mesmo eliminação das concorrentes. Além da *especialização por generalização*, há também a possibilidade de *especialização por especificação*, em que cada camada adquiriria significados específicos e/ou preponderaria em contextos sociolinguísticos distintos, o que também acarretaria o fim da competição. (GÖRSKI; TAVARES, 2008).

Dessa forma, Tavares (2003), conforme já dito, confronta pressupostos de ambas as teorias, relacionando aqueles que convergem sem maiores problemas, aqueles que necessitam de uma tradução e, finalmente, aqueles cujos princípios são naturalmente opostos e obrigam estudiosos a fazer escolhas. Em resumo, dentre os tópicos oriundos do funcionalismo e da sociolinguística variacionista que convergem, ficam as seguintes noções:

[...] a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; as situações de comunicação real em que falantes reais interagem; o destaque à mudança linguística, entendida como processo contínuo e gradual; a mudança é disseminada ao longo do âmbito linguístico e do âmbito social, com alterações contínuas e em termos de frequência; a complementaridade entre dados sincrônicos e diacrônicos; a maioria das inovações é passageira, apenas algumas são repetidamente re-utilizadas e, caso aceitas pela comunidade de fala, podem ser cada vez mais difundidas. (TAVARES, 2003, p. 127)

Repensados os pontos comuns entre as duas teorias, apontam-se aqueles em que a possibilidade de associação é mais difícil, configurando-se, verdadeiramente, como divergências.

A primeira questão diz respeito ao modo como a mudança é vista: para o Funcionalismo, a variação decorre da mudança; já para a Sociolinguística, a mudança decorre da variação. Tavares (2003) ainda reforça o papel atribuído por cada modelo teórico para a forma e para a função. Nesse sentido, o Funcionalismo concebe a gramática como um processo, cuja construção decorre de pressões do uso, atribuindo um papel central à função, pois o uso de uma determinada forma linguística é motivado. Já a Sociolinguística concebe a gramática como um sistema de regras variáveis, defendendo a noção de regra variável e dos condicionamentos para o uso de determinada forma.

Outra diferença elencada por Tavares (2003) e destacada em Pontes (2012) diz respeito ao tratamento dos dados no tocante à análise estatística, pois o Funcionalismo não possui um instrumento estatístico específico, valendo-se para tanto de frequência, ou seja, os fatores decorrem da noção de *continuum*. Nessa teoria, a frequência de uso é um dos fatores essenciais à mudança: quanto mais frequente é uma forma linguística, mais sujeita está a transformações fonéticas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Dessa forma, Pontes (2012) ainda defende que com a Sociolinguística, além de se contar com esse aparato, trabalha-se com pesos relativos para controlar os grupos de fatores que atuam como variáveis independentes, obtidos através de um avançado programa computacional que trabalha como um instrumento estatístico: o GOLDVARB, que realiza uma análise multivariada (GUY E ZILLES, 2007).

Diante de todos os aspectos divergentes e convergentes elencados entre as duas teorias: Funcionalismo da vertente norte-americana e Sociolinguística variacionista, ressalta-se a necessidade de se considerar as possíveis inter-relações entre os pressupostos cabíveis de cada uma delas para a realização desta pesquisa, com vistas ao seu casamento teórico, o Sociofuncionalismo.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, tratamos das bases teóricas que guiaram a análise do aspecto imperfeito: a Sociolinguística variacionista e o Funcionalismo linguístico norte-americano, convergindo no ajuste teórico intitulado Sociofuncionalismo. Essa opção é perfeitamente adequada ao que se propõe a pesquisa: analisar formas em variação no domínio funcional da imperfectividade. Assim, observamos, a partir do enfoque sociofuncionalista, se as formas imperfectivas de passado salientam tempo, aspecto ou modalidade, se todas são variáveis ou se há contexto de restrição, quais as motivações e de que natureza, qual o papel da frequência e quais princípios funcionalistas justificam as escolhas, destacando-se o da marcação e o da expressividade.

Dessa forma, para análise das formas imperfectivas de passado variantes, buscaremos salientar os fatores motivadores da variação linguística, interpretando os resultados à luz dos princípios funcionalistas da marcação e da expressividade. Para tanto, alguns procedimentos metodológicos, apresentados no capítulo seguinte, foram adotados, permitindo um tratamento científico do fenômeno sob análise.

6 METODOLOGIA

Não basta dar os passos que nos devem levar um dia ao objetivo, cada passo deve ser ele próprio um objetivo em si mesmo, ao mesmo tempo que nos leva para diante.

Johann Goethe

O conhecimento científico distingue-se dos demais por apresentar veracidade dos fatos analisados, mediante suas verificabilidades. Para tanto, utiliza-se de método(s) específico(s) à natureza da pesquisa. Nesse sentido, método consiste em um caminho delineado para se chegar a um determinado fim (GIL, 1987), devendo, pois, relacionar-se ao objeto de estudo, bem como aos objetivos definidos.

Dessa forma, tendo em vista que esta pesquisa busca analisar variação e multifuncionalidade no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, em memórias literárias produzidas, em 2010 e 2012, por alunos do 7º e do 8º anos finalistas da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, compreende-se ser necessária a adoção de um método científico que, conforme Gil (1987, p.27), define-se “[...] como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Diante disso, com vista a uma melhor explicitação dessa pesquisa, passa-se a discorrer, nas subseções seguintes, acerca da abordagem metodológica e demais aspectos referentes ao estudo, tais como a caracterização da pesquisa, os sujeitos, o contexto, os instrumentos e os procedimentos de geração e análise de dados.

6.1 Método de abordagem

No que refere à abordagem metodológica, esta pesquisa se utilizará da combinação dos métodos indutivo e dedutivo (método indutivo-dedutivo), conforme indicado por Givón (1995), ao afirmar que não se deve, enquanto linguistas, adotar um reducionismo metodológico, prendendo-se apenas a um dos dois extremos (método dedutivo ou indutivo). Nesse sentido, Givón (1995, p. 19-21) aponta três etapas para a aplicação do método indutivo-dedutivo: a) abdução, que corresponde ao momento da pesquisa, no qual, as hipóteses são levantadas e as decisões pré-empíricas são tomadas, no que diz respeito à relevância de alguns fatos e à irrelevância de outros; b) indução, que é utilizada no tratamento dos dados empíricos, corresponde à quantificação destes dados e aos testes estatísticos; c) dedução, em cuja etapa

são analisadas as implicações e desdobramentos das hipóteses propostas e de que modo os resultados obtidos se relacionam com elas.

Com base na perspectiva proposta por Givón (1995), bem como a partir das hipóteses elencadas, propõe-se com esta pesquisa o levantamento de dados, com vistas à análise do *corpus* sob enfoque sociofuncionalista, no que diz respeito ao fenômeno de variação linguística e às multifunções do passado imperfectivo em narrativas de memórias literárias. Propõe-se ainda que, numa etapa posterior, as hipóteses sejam retomadas e confrontadas com os resultados obtidos, a fim de que sejam traçadas observações da realidade fundamentadas na experiência desenvolvida, em outros estudos já realizados e à luz dos pressupostos teóricos.

6.2 Método de procedimento

6.2.1 Tipo de pesquisa

Quanto ao objetivo delineado, que busca analisar variação e multifuncionalidade no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, em memórias literárias produzidas, em 2010 e 2012, por alunos do 7º e do 8º anos finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, compreende-se ser esta pesquisa descritivo-explicativa, tendo em vista que visa, além de descrever a associação entre variantes de uma variável e a multifuncionalidade das formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais), também a buscar explicação acerca da natureza dessa relação, ou seja, “[...] identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2002, p. 42), tais como: planos discursivos, modificadores aspectuais, tipo de verbo, tipo de oração e polaridade – de caráter linguístico; e região geográfica – de caráter extralinguístico.

6.2.2 Procedimento adotado para coleta de dados

Esta pesquisa adota para coleta de dados o procedimento documental, visto que busca os dados nas memórias literárias produzidas por alunos do 7º e do 8º anos do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, as quais se constituem materiais que não receberam propriamente um tratamento analítico, característico desse tipo de procedimento documental. Para tanto, adota

como planejamento para esta pesquisa a seguintes etapas, a saber: determinação dos objetivos; identificação e localização das fontes; obtenção do material a ser utilizado; tratamento dos dados; análise dos dados obtidos e redação do trabalho.

Ainda que com esta pesquisa se tencione a interpretação dos dados obtidos, a descrição e explicação acerca do porquê da ocorrência do fenômeno, o que pode gerar uma compreensão de que neste estudo prevaleça a abordagem de natureza qualitativa, ressalta-se, entretanto, que, por se tratar da análise de fenômenos variáveis e não categóricos, observados através de um tratamento estatístico dos dados, classifica-se a presente pesquisa como predominantemente quantitativa, pois busca respostas para os problemas levantados a partir da contagem das ocorrências da variável, descrevendo, pois, as tendências e os fatores que influenciam o uso de uma ou de outra variante, usando-se de métodos estatísticos. Um exemplo disso ocorre ao se verificar, mediante análise quantitativa, se a situação sob o escopo da polaridade (positiva ou negativa) influencia a escolha de uma das formas para a expressão do passado imperfectivo no Português.

A perspectiva da ocorrência de variação e multifuncionalidade das formas imperfectivas de passado (imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva) em narrativas, conforme verificado em estudos já realizados (FREITAG, 2007; PONTES, 2012), conduz à seguinte questão: em que medida as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) que motivam a variação das formas imperfectivas de passado, em que essas formas se apresentam em competição?

Na medida em que se destaca um problema para investigação, também se estabelece hipótese para tal problema. Assim sendo, para a questão anteriormente suscitada, levanta-se a hipótese de que a escolha pelo uso de uma das formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais) é motivada por fatores linguísticos (funções aspectuais, tipo de verbo, tipo de oração, modificadores aspectuais, polaridade e planos discursivos) e por fatores extralinguísticos, tais como região geográfica.

Na tentativa de verificar tal hipótese, dado o objeto de investigação, com a obtenção quantitativa dos dados e a precisão exigida, é que se delineia o planejamento da pesquisa. Diante disso, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, aponta-se, principalmente, para o método estatístico, pois se partindo do pressuposto de que o fenômeno de variação linguística não ocorre de forma aleatória, é de vital importância quantificar e identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso de uma determinada variante em estudo.

6.2.2.1 *Sujeitos da pesquisa*

Nesta pesquisa, utilizamos 76 textos produzidos por alunos de 7º e 8º anos de escolas públicas brasileiras de diferentes regiões do país. Tais textos são do gênero memórias literárias e foram selecionados como finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, sendo 38 finalistas da 2ª edição, ocorrida em 2010, e 38 finalistas da 3ª edição, no ano de 2012.

Os alunos produtores dos textos participaram indiretamente desta pesquisa, tendo em vista que não foram convidados, durante nenhum momento deste estudo, a desenvolverem textos, mas sim estão representados por suas produções finalistas no concurso supracitado, tendo esses participado por um processo orientado de produção textual, sob a estratégia metodológica de sequências didáticas²², desenvolvidas pelo professor durante as aulas de Língua Portuguesa.

Os textos selecionados e que foram utilizados como *corpus* dessa pesquisa passaram por um rigoroso processo avaliativo, sob a colaboração de especialistas da Língua Portuguesa e com a coordenação e orientação de docentes das Universidades parceiras, em cada estado da Federação.

6.2.2.2 *Contexto da pesquisa*

A investigação foi feita em textos produzidos para o programa *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social, com a coordenação técnica do Centro de Estudo e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), que tem como parceiros na execução das ações o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura. Aqui no Ceará, o referido Programa conta também com a parceria da Universidade Federal do Ceará (UFC), quando da indicação de um docente responsável pela formação presencial de técnicos e professores inscritos.

Desde 2008, a *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* (OLP) promove ações de formação para os professores com o objetivo de contribuir para a melhoria

²² A estratégia metodológica de sequência didática pode ser definida como uma sucessão planejada de atividades progressivas e articuladas entre si, guiadas por um tema, um objetivo geral e uma produção (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

do ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas brasileiras, daí o Programa ter sido incluído como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação, em parceria com os municípios, bem como com os demais órgãos e instituições supracitados.

Assim, os organizadores da OLP destacam que esta vai além de um concurso, pois oferece condições pedagógicas aos professores inscritos, quer mediante as propostas de formações presenciais e a distância, quer através do material didático-pedagógico elaborado e disponível de forma digital e impresso a todos os professores inscritos, com vista a contribuir para uma melhor prática pedagógica no que se refere às orientações acerca do processo de produção dos alunos²³.

A OLP tem caráter bienal e, em anos pares, realiza um concurso de produção de textos que premia as melhores produções de alunos de escolas públicas de todo o país. Participam professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (EF) ao 3º ano do Ensino Médio (EM), nas categorias: *Poema*, no 5º e 6º anos do EF; *Memórias Literárias*, no 7º e 8º anos do EF; *Crônica*, no 9º ano do EF e 1º ano do EM; *Artigo de Opinião* no 2º e 3º anos do EM. Nos anos ímpares, a OLP desenvolve ações de formação presencial e a distância, além da realização de estudos e pesquisas, elaboração e produção de recursos e materiais educativos destinados aos professores inscritos na Olimpíada.

Quando da produção dos textos para a Olimpíada, todos os gêneros (Poema, Memórias Literárias, Crônica e Artigo de Opinião) devem abordar o tema “O lugar onde vivo”, obedecendo às orientações do que deve ou não conter nos textos, a serem trabalhadas pelos professores sob a estratégia metodológica de sequência didática, proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), organizadas em oficinas, durante as aulas de Língua Portuguesa.

Considerando-se que o sujeito se realiza na e pela linguagem, a ideia trazida pelo tema da OLP reforça ainda mais o sentimento de pertencimento e de construção da própria identidade do aluno perante o mundo, pois ao criar seu texto em torno de sua realidade palpável (o lugar onde vive), o aluno imprime sua subjetividade não palpável (seus princípios, percepções e modos de dizer e fazer) no mundo das palavras, quando do momento da transposição da própria experiência para a matéria narrável.

Tal identidade entre a subjetividade dos alunos e a sua produção em torno do lugar onde vive pode ser percebida, claramente, nos textos que se destacam na Olimpíada de

²³ Todo material didático-pedagógico da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro está disponível em: www.escrevendo.cenpec.org.br.

Língua Portuguesa, quer pelo tom pitoresco empregado por alguns, quer pelo regionalismo, quer por variações de nível lexical, morfossintático e até mesmo fonológico.

Contudo, não se sabe até que ponto a riqueza dos referidos textos está atrelada a um tratamento sociolinguístico dado pelo professor, quando do momento das oficinas, ou se parte de uma iniciativa do próprio educando. Em contrapartida, percebem-se também textos com total adesão à norma padrão da língua, mas que não representam o indivíduo que o produziu, são meramente técnicos e sem expressividade.

6.2.2.3 Descrição do instrumento e da coleta dos dados

Os textos que fazem parte do corpus foram coletados nos cadernos disponíveis no ambiente virtual da OLP: <http://escrevendo.cenpec.org.br>, que se intitulam *Textos dos Finalistas*, do gênero Memórias Literárias, tanto da 2ª como da 3ª edição, ocorridas em 2010 e 2012, respectivamente.

A seguir será descrito o corpus selecionado para a pesquisa, destacando os critérios que motivaram a sua seleção, bem como a descrição dos procedimentos adotados para sua composição.

- *Corpus*

Como corpus desta pesquisa foram utilizados todos os textos finalistas tanto da 2ª edição da OLP, ocorrida em 2010, como da 3ª edição, em 2012. Tal decisão pelo *corpus* justifica-se pela facilidade de acesso a esse material, que se encontra em site público, bem como pela riqueza de dados referentes às formas sob análise nas narrativas de memórias literárias. Assim, contamos com uma coletânea de 38 textos por edição, perfazendo um *corpus* composto de 76 textos de diferentes regiões do Brasil, produzidos por alunos de 7º e 8º anos.

A seleção desses textos é feita por uma Comissão Julgadora Regional, nos encontros de semifinalistas, respeitando o quantitativo de vagas disponíveis por polo. Para tanto, os 26 estados e o Distrito Federal são agrupados em sete polos, contando, cada um destes, com a garantia prévia de uma vaga dentre as 38. As 31 vagas restantes são atribuídas aos polos proporcionalmente ao número de textos válidos recebidos pela Comissão Julgadora, na etapa estadual, calculada da seguinte forma:

Vaga do polo na categoria

= 1 (garantida)

$$+ \left(\frac{\text{n}^\circ \text{ total de textos válidos recebidos pelos Estados do polo na categoria}}{\text{N}^\circ \text{ de textos válidos do Brasil na categoria}} \right) \times 31 \text{ vagas}$$

O resultado de tal processo seletivo, nas edições de 2010 e 2012, encontra-se representado, respectivamente, nos quadros 1 e 2, a seguir.

Quadro 7 – Distribuição quantitativa dos textos finalistas da OLP na edição de 2010.

Polo	Qtde	Abrangência por Unidade da Federação						
		SP						
Sudeste I	05	05						
		ES	RJ	MG				
Sudeste II	07	02	00	05				
		PR	SC	RS				
Sul	07	01	03	03				
		GO	MT	MS	DF			
Centro-Oeste	04	02	00	01	01			
		AC	AM	AP	PA	RO	RR	TO
Norte	03	01	00	00	02	00	00	00
		CE	MA	PI	RN			
Nordeste I	06	02	01	01	02			
		AL	BA	PB	PE	SE		
Nordeste II	06	01	02	01	01	01		
		Total geral						

Fonte: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (2010)

Quadro 8 – Distribuição quantitativa dos textos finalistas da OLP na edição de 2012.

Polo	Qtde.	Abrangência por Unidade da Federação						
		SP						
Sudeste I	04	04						
		ES	RJ	MG				
Sudeste II	06	01	02	03				
		PR	SC	RS				
Sul	07	02	03	02				
		GO	MT	MS	DF			
Centro-Oeste	05	03	00	02	00			
		AC	AM	AP	PA	RO	RR	TO
Norte	05	01	01	00	00	02	00	01
		CE	MA	PI	RN			
Nordeste I	05	02	00	02	01			
		AL	BA	PB	PE	SE		
Nordeste II	06	01	02	01	02	00		
		Total geral						

Fonte: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (2012).

Apesar de ter se mostrado relevante em outras pesquisas acerca do tema em estudo, não será controlado o fator faixa etária, pois não há registro da idade de tais alunos nos materiais utilizados para a coleta dos dados, e não se pode afirmar, categoricamente, a idade dos alunos com base no seu ano de escolarização. Também não será controlado o ano de escolarização, por não existir uma distância significativa entre os alunos de 7º e 8º anos.

Levando em consideração o caráter dinâmico e heterogêneo da língua, bem como os pressupostos sociofuncionalistas que norteiam esta pesquisa, reconhece-se a impossibilidade de analisar a língua em sua totalidade, assim como de realizar afirmações generalizantes a seu respeito. Nesse sentido, não se tem a pretensão de afirmar que o *corpus* selecionado para esta pesquisa representa como a Língua Portuguesa é utilizada no Brasil. Selecionou-se o *corpus* com o objetivo de, a partir dele, analisar a expressão do passado imperfectivo e apresentar tendências de uso, em textos escritos, sem que se apontem generalizações de uso das formas analisadas, em outros contextos.

6.2.2.4 Descrição da análise dos dados

Conforme já dito anteriormente, o fenômeno da variação linguística não se dá de forma aleatória, mas sim motivada por fatores sociais e linguísticos. Diante disso, aponta-se a necessidade de se realizar um tratamento estatístico dos grupos de fatores linguísticos (plano discursivo, modificador aspectual, tipo de verbo, tipo de oração e polaridade) e extralinguístico (região geográfica) que motivam ou não o uso da variante em estudo.

Nesse sentido, a fim de se obterem os valores de cada um dos grupos de fatores, nesta pesquisa será realizada uma análise estatística dos dados codificados no programa computacional GOLDVARB, que atribui para cada fator controlado (variável independente), em uma rodada estatística, um valor numérico (peso relativo), que indica a probabilidade desta variável independente em análise motivar ou não a aplicação da regra variável.

Para tanto, calcula-se um valor para cada fator de análise, devendo esse valor ser um número entre 0 e 1, indicando, pois, a medida e a direção quantitativa da aplicação da regra. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 41):

Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5, corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui para sua maior ou menor aplicação) e um valor exatamente igual a 0,5 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra [...]. Ademais, um valor próximo de 0 indica que a regra relevante (ou escolha) nunca se aplica no

contexto daquele fator (um “nocaute negativo”), e um valor próximo de 1 indica que a regra sempre se aplica no contexto daquele fator (um “nocaute positivo”).

Embora haja outros métodos para análise estatística, como o ANOVA, o SPSS, a utilização do programa GOLDVARB, nesta pesquisa, justifica-se por ser este um método multivariado, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística, ou seja, permite verificar a influências de várias variáveis independentes dentro do contexto. Outra vantagem é que, em células que não apresentam nenhum dado, ou apenas um, não fica comprometida a operação estatística, que tolera muito bem esses tipos de desvios de distribuição. Uma terceira vantagem do GOLDVARB é que ele permite recodificação e manuseio dos dados, facilitando, assim, as possíveis e necessárias alterações. Além de tudo isso, esse programa contribui para a construção de um dos modelos matemáticos de dados mais poderosos e sofisticados na estatística. (GUY E ZILLES, 2007).

Assim, através do GOLDVARB, desenvolvemos a análise estatística variacionista das formas sob análise, mediante os cálculos de frequência, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos diferentes grupos dos fatores controlados. Mas, antes de se utilizar dos cálculos estatísticos do GOLDVARB para a análise da variação linguística, realizamos a codificação de todas as ocorrências das formas imperfectivas de passado (imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas), considerando-se para tanto os fatores linguísticos e extralinguísticos que controlados, a fim de que se pudessemos verificar sua influência no uso de uma ou de outra forma variante.

6.2.2.5 Grupo de fatores de análise

Nesta subseção, será feita uma breve exposição dos grupos de fatores utilizados nesta pesquisa.

- Grupos de fatores linguísticos:

a) Planos discursivos: figura, fundo 1 e fundo 2 , conforme proposta de Chedier (2007) – utilizado para que verifiquemos o papel das formas aspectuais imperfectivas, em relação à organização das informações em uma narrativa e à forma como o falante apresenta a informação, ou seja, de que tipo de forma verbal ele lança mão. Considerem-se os exemplos (30), (31) e (32), em que as formas verbais imperfectivas de passado codificam, variavelmente, situações de figura, fundo 1 e fundo 2, respectivamente.

(30) (...) *trazia* os filmes da capital e *passava* para os poucos habitantes existentes. [2010 – T3 – FMV – MS]

(31) Bastava uma olhadinha e nós já *sabíamos* o que era! [2010 – T5 – GAO – SC]

(32) (...) e achava que *estava abafando*! [2010 – T11 – EMP – AC]

b) tipos de verbo: estado, atividade, *achievement* (culminação), *accomplishment* (processo culminado), conforme Vendler (1957, 1967) – o controle desse grupo de fator objetiva a verificação de que forma o aspecto inerente do verbo atua na composição do passado imperfectivo e na variação entre as formas do pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas de passado. Vejamos os exemplos (33), (34), (35) e (36), em que as situações são codificadas por verbos de estado, de atividade, de processo culminado e de culminação, respectivamente.

(33) Como me *encantavam* as sombras das árvores (...) [2010 – T11 – EMP – AC]

(34) (...) enquanto o mel engrossava ... *contavam* histórias [2010 – T13 – MPA – PB]

(35) (...) um escorregador, no qual *rolávamos* de cima a baixo. [2010 – T13 – MPA – PB]

(36) (...) enquanto eu ia para a cama, papai *apagava* as velas e a lamparina. [2010 – T16 – MRSJ – GO]

c) modificadores aspectuais: adjuntos adverbiais que expressam duração, progressão, localização (durativos), aqueles que denotam frequência (quantificadores) e aqueles que se referem a situações específicas (pontuais) – controlados para que verifiquemos qual forma imperfectiva de passado (em suas formas variantes de imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva) é motivada por cada tipo de modificador aspectual na expressão de progressividade, habitualidade e continuidade, considerando-se a proposta de composicionalidade do aspecto de Givón (2005). Os exemplos (37), (38) e (39) apresentam as formas imperfectivas acompanhadas por modificadores durativo, quantificador e pontual, respectivamente.

(37) Mamãe sempre me *apressava*. [2010 – T20 – SDH – MG]

(38) *Aguardava* o bom velhinho o ano todo. [2010 – T18 – ACS – SP]

(39) (...) um fogão a lenha que *aquecia* nossos corpos nas noites frias e longas. [2010 – T18 – ACS – SP]

d) tipo de oração – com o controle do tipo de oração em que se dá a ocorrência aspectual imperfectiva de passado, averiguamos a possibilidade de correlação entre determinada configuração sintático-semântica e uma das formas para a expressão de passado imperfectivo, conforme ocorre nos exemplos (40), (41), (42), (43), (44), (45) e (46), em temos a formas verbais imperfectivas inseridas em orações do tipo principal, absoluta, coordenada sindética, coordenada assindética, subordinada substantiva, subordinada adjetiva e subordinada adverbial, respectivamente.

(40) (...) eles não compreendiam que eu vinha de longe. [2010 – T4 – ACC – SP]

(41) Esperava por elas o ano inteiro. [2010 – T2 – EASF – PE]

(42) A sanfona e a zabumba começavam a tocar e o coração da gente disparava [2010 – T2 – EASF – PE]

(43) Depois, *pulava* o muro da escola, voltava às refrescantes águas... [2010 – T2 – EASF – PE]

(44) Recordo-me de que jogávamos bola às margens do enorme rio Sirigi. [2010 – T2 – EASF – PE]

(45) Naquela época, o carreirinho que ia à igreja já estava branquinho. [2010 – T5 – GAO – SC]

(46) Quando os casais começavam a dançar, todo mundo aplaudia. [2010 – T5 – GAO – SC]

e) polaridade – este grupo de fator é utilizado para verificarmos como a situação sob o escopo da polaridade (positiva ou negativa) pode influenciar a escolha da forma para a expressão do passado imperfectivo no Português, conforme podemos observar nos exemplos (47) e (48), que apresentam, respectivamente, orações positiva e negativa.

(47) Às vezes meu pai e minha mãe *iam passear* à casa de meus avós. [2010 – T6 – TL – PR]

(48) (...) por isso muitas não estudavam e poucas aprendiam a escrever. [2010 – T8 – NAAS – SP]

f) funções imperfectivas (habitual, progressiva, episódica e iterativa) – com este grupo de fator verificamos qual das funções aspectuais são motivadoras na escolha por uma das formas imperfectivas de passado: imperfeito do indicativo e perífrase. Vejamos os exemplos (49), (50), (51) e (52), em que temos codificadas pelas formas imperfectivas as funções habitual, progressiva, episódica e iterativa, respectivamente.

(49) (...) naquela idade eu já *lavava* a roupa da família [2010 – T8 – NAAS – SP]

(50) Eu *ia cantarolando* que nem um sabiá [2010 – T9 – ECNS – SP]

(51) (...) o único verde que *restava era* um juazeiro. [2010 – T10 – ECF – CE]

(52) As bancas armadas *disputavam* espaço [...], nos sábados. [2010 – T12 – JPL – RN]

- Grupo de fator extralinguístico:

a) região geográfica – o controle de tal fator tem por pretensão verificar se as diferentes regiões geográficas brasileiras, também, motivam a escolha de uma das formas imperfectivas de passado sob análise.

A discussão dos resultados dar-se-á à luz dos pressupostos teóricos que embasam essa pesquisa: os pressupostos teóricos do Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003), resultado do casamento teórico do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995, 2001) com os postulados da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001 e 2010).

6.3 Dados desconsiderados

Nesta seção, discutiremos os critérios adotados para a composição do “envelope de variação” desta pesquisa, bem como a natureza dos dados desconsiderados por não atenderem a tais critérios, em decorrência do tipo de verbo da forma simples, da verificação da auxiliaridade do verbo nas formas compostas e da saliência de valor do domínio modalidade sobre aspectualidade nas formas verbais sob análise.

Por se tratar de uma pesquisa variacionista, para a coleta de dados das formas imperfectivas de passado, consideramos apenas as ocorrências em que imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva são intercambiáveis, descartando as formas que não atendiam a tal critério. E, ao testarmos a intercambialidade das formas de imperfeito do

indicativo para as possíveis perífrases, comprovamos o que nos diz Heine (1993), ao afirmar que os verbos utilizados como auxiliares, quando em sua forma plena, geralmente não podem ser nominalizados ou ocorrer em compostos, e foi daí que fizemos o primeiro corte nos dados, visto que verbos como *ser*, *estar*, *haver*, *ficar*, *ter*, *existir*, dentre outros que podem funcionar como auxiliar, na maioria dos casos, não admitem a intercambialidade entre imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, como ocorre com os verbos nos exemplos abaixo:

- (53) Lembro-me de que *era* um velhinho alto (...). [2010 – T23 – DDS – PI]
- (54) Mas nós não *estávamos* satisfeitos (...). [2010 – T15 – SASS – ES]
- (55) Eu pensei que *havia* alguém brigando, corri e chamei meu pai. [2010 - T1 - WWSS – SE]
- (56) (...) encostada numa parede *ficava* uma cristaleira que *tinha* como principal adorno o símbolo das bodas de ouro do senhor daquela casa e de sua esposa. [2010 – T23 – DDS – PI]
- (57) Nossas roupas branquinhas passadas a ferro em brasa – até então não *existia* energia elétrica (...). [2010 – T15 – SASS – ES]

Como podemos observar em (53), (54), (55), (56) e (57), a forma de imperfeito do indicativo não admite intercambialidade com nenhuma forma perifrástica, o que torna tais ocorrências como essas descartadas de nossos dados sob análise.

No caso das perífrases, a sua (ex)inclusão nos dados para as rodadas estatísticas levou em conta, além do critério variacionista (intercambialidade, mantendo-se o mesmo significado referencial), os critérios comumente utilizados para identificação da auxiliaridade em tais formas, o que sempre foi bastante problemático entre estudiosos do assunto, em virtude da diversidade de critérios adotados por cada um para as testagens, como Lobato (1975), que apresentou um dos mais exaustivos estudos, no qual utilizou-se de dezesseis critérios apontados até então para verificação da auxiliaridade dos verbos e destes considerou como válidos, em sua pesquisa, apenas oito: unidade significativa (auxiliaridade somente com sujeito único), restrições paradigmáticas (todo auxiliar deve ser defectivo), impossibilidade de construções completivas (não podendo o sintagma verbal se desmembrar em duas orações), grau de ligação: circunstante de tempo (o sintagma verbal formando um constituinte único), apassivação (auxiliares pertencendo ao grupo de verbos suscetíveis de cocorrer com um verbo apassivável), extensão do campo de aplicação do morfema (verbos sem restrição quanto

ao sujeito ou quanto aos auxiliados), negativização (uma sequência verbal em auxiliação não podendo ser separada por uma negação), pronominalização (possibilidade de substituição do segundo verbo da sequência por um pronome oblíquo). Já Serrone (1992), após analisar cada um dos critérios elencados por Lobato (1975), considerou como pertinentes para a identificação da auxiliaridade dos verbos somente três deles: sujeitos diferentes, possibilidade de construção completiva e negativização. Essa diversidade de critérios, segundo Gonçalves (1995), que também estudou os verbos auxiliares no Português, deve-se à ausência de critérios de auxiliaridade formais, nomeadamente no quadro da Gramática Tradicional.

Diante disso, muitos são os estudos que concordam, discordam ou elencam outros critérios para a determinação da auxiliaridade verbal, mas o grande consenso entre eles é que para que se tenha auxiliaridade, portanto perífrase, é necessário que haja: impossibilidade de desdobramento da oração, sujeito único, detematização (perda sofrida pelo auxiliar da propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina), impossibilidade de negativização do verbo auxiliado (pleno) na locução.

Nesta pesquisa, adotamos como critérios básicos para seleção das perífrases submetidas à análise estatística a impossibilidade de desdobramento da oração e a ocorrência de sujeito único, e como critério auxiliar a impossibilidade de negativização do verbo principal da locução. Não adotamos a detematização como critério por considerarmos, assim como Lobato (1975), que há vários graus de perda semântica, além do fato de que tal perda nem sempre ocorre totalmente, como em (58), em que o auxiliar “sair”, dentro do contexto, não apresenta propriamente uma perda sêmica, mas sim um enfraquecimento do traço de movimento, o que leva a possibilidade de duplo sentido: “o ato de sair e ir cantando” ou “o ato de ir cantando”, portanto, “cantar”. Observemos que, apesar de em (58) a perífrase não atender ao critério da detematização, atende aos demais critérios adotados nesta pesquisa, visto que não há possibilidade de desdobramento da oração, não se admitem sujeitos diferentes nessa construção, nem se pode intercalar a locução com uma negativização do verbo principal.

- (58) Depois de muita explicação cantada, alguns deram dinheiro para comprar bebidas e outras coisas para a comemoração e a maioria juntava-se ao grupo, que *saía cantando*. [2010 - T1 - WWSS – SE]

Após descartar todos os casos em que não identificamos perífrases, passamos a analisar, dentre as ocorrências que sobraram, aquelas em que havia possibilidade de intercambialidade. Percebemos que algumas perífrases autênticas, em certos contextos, não

admitiam a intercambialidade por apresentar o verbo auxiliar com traço mais de modalidade do que de aspectualidade, como em (59), em que a perífrase “podíamos chegar” não equivale a “chegávamos”, uma vez que o verbo “poder”, neste caso, mantém forte a modalização de “não poder-fazer”, conforme Borba (1990). Já em (60) o mesmo verbo “poder” apresenta-se como mais aspectual, podendo ser substituído pela forma simples “acreditávamos” sem comprometer a carga sêmica da sentença, uma vez que não há sobreposição da modalização “não poder-fazer”, mas sim no aspecto imperfectivo de “ não acreditar”.

(59) (...) e não *podíamos chegar* tarde porque a professora era muito brava, [2010 – T20 – SDH – MG]

(60) Nem *podiam acreditar*, pois a professora que nunca mostrava afeição por ninguém estava bem ali do meu lado (...) [2010 – T4 – ACC – SP]

Após a realização exaustiva de todas as testagens das ocorrências de formas imperfectivas de passado mediante observação dos critérios anteriormente apontados, obtivemos um total de 2205 dados, sendo 1926 destes dados de pretérito imperfeito do indicativo e 279 formas de perífrases imperfectivas de passado, que foram submetidos à análise variacionista, com vistas a verificar quais os contextos motivadores da escolha por uma ou por outra forma codificada.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo de metodologia, apresentamos o método de abordagem (indutivo-dedutivo) e o método de procedimento utilizados na realização desta pesquisa, destacando-a como do tipo descritivo-explicativo, com o procedimento documental para a coleta de dados a serem analisados quali-quantitativamente, mediante resultados obtidos a partir de rodadas estatísticas realizados no programa computacional GoldVarb, para a verificação de percentuais e pesos relativos das variáveis independentes: planos discursivos - figura e fundo (1 e 2); tipos de verbo – estado, atividade, processo culminado e culminação; modificadores aspectuais – durativos, quantificadores e pontuais; tipo de oração – principal, absoluta, coordenada sindética, coordenada assindética, subordinada substantiva, subordinada adjetiva e subordinada adverbial; polaridade – positiva e negativa; função aspectual – habitual, progressiva, episódica e iterativa; região geográfica brasileira – Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste. Ainda no detalhamento do método de procedimento adotado, apresentamos os

sujeitos, o contexto e o corpus desta pesquisa, todos oriundos e relacionados à Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Finalizamos este capítulo descrevendo os critérios adotados para a (des)consideração dos dados a serem analisados no capítulo seguinte.

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A viagem da descoberta consiste não em achar novas paisagens, mas em ver com novos olhos.
Marcel Proust

Neste capítulo, apresentamos uma análise quali-quantitativa, na qual desenvolvemos um estudo variacionista das duas formas imperfectivas de passado, a partir dos resultados estatísticos obtidos na interação entre a variável dependente e as variáveis independentes, correlacionando tais resultados ao princípio de marcação e de expressividade, considerando a complexidade estrutural, a distribuição de frequência e a complexidade cognitiva, segundo a proposta de Givón (1990, p. 947) e a de Dubois e Votre (1994); para tanto, tratamos da descrição e da discussão dos resultados, ressaltando os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a escolha de uma das formas imperfectivas de passado, confirmando ou refutando as nossas hipóteses iniciais. Ao final, a partir de todos os resultados analisados neste capítulo, apresentamos e discutimos os contextos prototípicos de uso das formas imperfectivas.

Conforme enfatizado no final do capítulo anterior, para a coleta dos dados foram adotados critérios de seleção que garantissem, ao máximo, a confiabilidade dos resultados obtidos acerca do fenômeno em estudo. Assim, após todas as testagens das ocorrências de formas imperfectivas de passado, observando exaustivamente todos os critérios, a saber: tipo de verbo da forma simples, verificação da auxiliaridade do verbo nas formas compostas e saliência de valor do domínio modalidade sobre aspectualidade, foram coletados, codificados e rodados 2205 dados de formas imperfectivas de passado do *corpus*, sendo 1926 destes de pretérito imperfeito do indicativo, perfazendo um total de 87,3% do total, contra 279 perífrases imperfectivas de passado, que totalizaram um percentual de 12,7% de ocorrências, conforme apresentado abaixo na Tabela 1.

FORMAS VARIÁVEIS	N/TOTAL	%
Imperfeito do indicativo	1926/2205	87,3
Perífrase de passado	279/2205	12,7

Tabela 1: Distribuição (N e %) das formas variáveis imperfectivas de passado – imperfeito do indicativo e perífrase.

Os referidos dados foram submetidos à análise estatística realizada pelo programa computacional GoldVarb, que revelou resultados referentes à frequência, aos pesos relativos e

à ordem de significância dos diferentes grupos dos fatores controlados, tais como: funções aspectuais (habitual, progressiva, episódica e iterativa); tipos de verbo (estado, atividade, processo culminado e culminação); tipos de oração (principal, absoluta, coordenada assindética, coordenada sindética, subordinada substantiva, subordinada adjetiva e subordinada adverbial); modificadores aspectuais (quantificadores, durativos, pontuais e sem modificador); polaridade (positiva, negativa); planos da narrativa (figura, fundo 1, fundo 2) e regiões geográficas (Norte, Sul, Sudestes, Nordeste, Centro-Oeste).

Para o cálculo dos resultados, o programa computacional exige um valor de aplicação (aplicação da regra variável). Dessa forma, assim como o fez Freitag (2007), adotamos, de maneira geral, a forma imperfeito do indicativo como aplicação da regra, utilizando-nos, como critério para tal definição, do princípio de marcação, comumente evocado nesses níveis de análise, que respalda a escolha por formas menos marcadas. Daí a opção pela forma simples: por ser esta a que possui maior frequência de uso, em virtude da diversidade de funções que pode codificar, assim como por demandar menor complexidade estrutural do que a forma perifrástica em questão. Além disso, ressalta-se o fato de que o imperfeito do indicativo é a forma imperfectiva de passado gramaticalizada na Língua Portuguesa (FREITAG, 2007). Contudo, também realizamos rodadas com a perífrase como aplicação da regra, a fim de discutirmos os resultados obtidos, especificamente, para esta forma mais marcada.

7.1 Análise variacionista das formas imperfectivas de passado

Nesta seção, analisamos os resultados estatísticos revelados pelas rodadas do programa computacional GoldVarb, no que se refere à relevância de cada grupo de fator linguístico (funções aspectuais; tipos de verbo; tipos de oração; modificadores aspectuais; polaridade; planos da narrativa: figura e fundo) e extralinguístico (regiões geográficas) para o condicionamento de uma das formas variantes sob análise: imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado. Vale salientar que a apresentação dos resultados por fatores seguirá a ordem da seleção estatística de relevância. Contudo, antes de apresentarmos a descrição dos valores obtidos com cada um dos fatores, apresentaremos e comentaremos nossas hipóteses iniciais referentes ao fato sob análise, para que, posteriormente à análise dos resultados, possamos confirmar ou refutar tais hipóteses levantadas.

Conforme dito e justificado na apresentação deste capítulo, de modo geral, adotou-se, como aplicação da regra variável, a forma verbal pretérito imperfeito do indicativo,

tendo sido submetidas às rodadas estatísticas somente suas ocorrências intercambiáveis com perífrases imperfectivas de passado. Contudo, ressaltamos que, para comprovar e reforçar os resultados obtidos com o imperfeito, apresentamos também, em seguida, os resultados referentes às perífrases como aplicação da regra, obtidos em novas rodadas estatísticas.

Assim, nesta seção, ao analisarmos os grupos de fatores citados anteriormente, observaremos de que forma se configuram os contextos de uso das formas imperfectivas de passado, bem como quais são os contextos mais favoráveis ao imperfeito do indicativo e à perífrase imperfectiva de passado.

7.1.1 Funções imperfectivas: habitual, progressiva, episódica e iterativa

O aspecto imperfectivo manifesta-se em valores que expressam a duração do evento, podendo tal evento ocorrer uma única vez de forma estendida (função episódica) ou pontual (função progressiva), ou ocorrer mais de uma vez, podendo ser quantificado o número de ocorrências (função iterativa) ou acontecer habitualmente, sem que se possa quantificar (função habitual). Há ainda os casos em que não se tem exatidão da expressão do evento, permitindo, pois, uma leitura progressiva (focalizada ou durativa²⁴), habitual ou iterativa, causando, assim, ambiguidades, como as que acontecem, respectivamente, nos exemplos abaixo de Mendes (2005), de Travaglia (1981) e de Givón (2001), destacados por Freitag (2007) em seu estudo, em que temos, na primeira situação, a possibilidade de leitura progressiva (“naquele momento, estava trabalhando/trabalhava pela modernização da área”), assim também como de leitura habitual (“sempre estava trabalhando/trabalhava pela modernização da área”). Na segunda situação, também podemos ter um evento progressivo focalizado (“Ele estava falando às 10h”) ou habitual (“Ele sempre falava às 10h”). Já na terceira situação apresentada por Givón, em virtude do tipo de verbo de culminação (*achievement*), podemos ter uma leitura iterativa (“Ele atirava repetidamente em X.”), habitual (“Ele costumava atirar em X.”) ou progressiva (“Naquele momento, ele estava atirando em X.”).

²⁴ Bertinnetto (2000) e Bertinnetto, Ebert e De Groot (2000) consideraram a necessidade de revisão da classificação do aspecto progressivo, tendo em vista o critério “intervalo da estrutura temporal”, pois situações progressivas podem se apresentar com um ponto de focalização específico e definido, caracterizando o progressivo focalizado, ou com um intervalo de tempo estendido, caracterizando o progressivo durativo, adotado nesta pesquisa como episódico.

1ª situação - *João estava trabalhando pela modernização da área.*

2ª situação – *Ele falava às 10h.*

3ª situação – *Lo-tiraba (IMP)/Ele atirava em X.*

Com vistas à necessidade de delimitação do nosso objeto e ao contexto comunicativo de nosso *corpus*, nesta pesquisa não tratamos dos casos de ambiguidade, somente do controle da expressão de funções habituais, progressivas, episódicas e iterativas, claramente percebidas pelo contexto mediante uma leitura composicional, em uma adaptação à proposta de Freitag (2007), conforme mencionado na seção 4.2.

O contexto de produção do *corpus* desta pesquisa é marcado pela imperfectividade, manifesta de diferentes maneiras, pois ao relatar as memórias literárias do lugar onde viveu, o autor o faz emitindo um valor de duração dos fatos, costumes e tradições do lugar em uma época passada, por vezes mencionando a periodicidade com que ocorriam, manifestando-os como um hábito, rotina do local/época, ressaltando uma situação pontual específica ou caracterizando uma única situação de ocorrência de forma estendida, conforme veremos nos exemplos abaixo extraídos do nosso *corpus*, que ilustram cada uma das funções controladas nesta pesquisa.

- Função habitual

(61) Entre encontros e desencontros, começamos a namorar escondido.
Encontrávamo-nos na pracinha perto do colégio. [2012 – T37 – BS – TO]

(62) Naquele tempo *íamos* a pé *andando* por um pique (...) [2012 – T18 – JGP – AC]

Em (61) e (62), temos os eventos “encontrar” e “ir andando” tomados como situações habituais, que se repetem sucessivas vezes em um dado tempo, sem que se possa mensurá-las. Embora na maioria dos contextos a construção perifrástica “íamos andando” seja entendida como uma função progressiva, em virtude da ideia de ação em curso que expressa, em (62), por considerarmos a composicionalidade do aspecto, percebemos, pelo contexto e pelo modificador aspectual “naquele tempo”, que não temos uma ação pontual em curso, mas sim uma ação que se repete como um hábito dentro de um tempo estendido, configurando-se, pois, como uma função aspectual habitual. Já em (61) a função aspectual habitual não vem demarcada por nenhum modificador aspectual, mas sim conduzida pelo contexto, que nos

leva a entender que “era costume da época os jovens encontrarem-se, rotineiramente, na pracinha perto do colégio”.

- Função progressiva

(63) (...) avistei ao longe, sobre uma rocha, um ponto amarelo que se *movia*.

(64) (...) o engenho acolhia de braços abertos todos os que ali *iam chegando*. [2012 – T28 – IKBB – CE]

Em (63) e (64) temos, notoriamente, a codificação da função progressiva, visto que os eventos “mover” e “ir chegando” expressam situações pontuais em curso, sendo as duas formas perfeitamente intercambiáveis com suas variáveis equivalentes: “estava movendo”, para (63) e “chegavam”, para (64). Em (63), embora não tendo um modificador aspectual pontual, a forma imperfectiva “se movia” especifica o complemento da forma perfectiva “avistei”, que requer, nesse contexto, uma complementação pontual em curso. Já em (64), a forma perifrástica “iam chegando” especifica o complemento de outra forma também imperfectiva, o que não modifica em nada a leitura aspectual progressiva, que vem sendo definida pelo contexto em que se encontra.

- Função episódica

(65) (...) eu o *amava* infinita e incondicionalmente. [2012 – T29– CSV – RS]

(66) (...) as frutas que o Paraguaçu *podia oferecer*: jatobá, ingá, pajaú. [2012 – T23 – NSJ – BA]

Embora a função progressiva possa ser entendida como episódica, decidimos, nesta pesquisa, adotar a distinção do progressivo proposta por Bertinetto, Ebert e De Groot (2000), ao entenderem que há dois tipos de progressivo: o progressivo focalizado, utilizado nesta pesquisa como progressivo, e o progressivo durativo, adotado aqui como episódico, ou seja, utilizado para uma focalização pontual que denota a ideia de duração, como uma situação incidente, conforme ocorre com as formas “amava” e “podia oferecer” em (65) e (66), respectivamente, que expressam situações de única ocorrência, mas que se estendem no tempo indefinidamente.

- Função iterativa

(67) Deus, aquele para quem mamãe *rezava* conosco [...] todas as noites. [2012 – T22 – JBA – MS]

(68) (...) pois muitas noites *ficava estudando* até altas horas. [2012 – T06 – APAA – PE]

Em (67) e (68), temos a ocorrência de “rezar” e de “ficar estudando”, respectivamente, mais de uma vez dentro de uma estrutural temporal, o que caracteriza a leitura aspectual iterativa, que se difere da habitual por esta não poder ser mensurada, quantificada, enquanto que a iterativa tem o número de recorrência da situação definida. Em (67), a repetição da situação “rezava” é determinada pelo modificador aspectual “todas as noites”, permitindo-nos a quantificar a ação imperfectiva. Em (68), também o modificador aspectual “muitas noites” nos leva à percepção quantificada da recorrência da situação “ficava estudando”, podendo até ser delimitado seu final, em cada ocorrência, pelo modificador “até altas horas”.

Nossa hipótese inicial para o condicionamento das funções aspectuais na competição entre as duas formas imperfectivas de passado é de que a função progressiva, com valor mais específico, definido e pontual, por ser mais marcada, esteja mais relacionada à forma perifrástica, que é a forma imperfectiva de passado também mais marcada, atendendo, assim, ao princípio de marcação de Givón (1990), que defende que contextos mais marcados atraem formas mais marcadas, assim como contextos menos marcados motivam a escolha por formas menos marcadas, como deve acontecer com relação à frequência das funções habitual, episódica e iterativa (que muito se aproxima do valor habitual, categórico para imperfeito do indicativo), contextos menos marcados em textos de memórias literárias, e que acreditamos que estejam mais associadas ao uso do imperfeito do indicativo, por ser esta forma imperfectiva de passado também a menos marcada.

As rodadas estatísticas do GoldVarb apontaram este grupo de fator como o mais relevante de todos, com um valor de significância de 0.000. A significância estatística, segundo Guy e Zilles (2007), consiste numa estimativa de probabilidade de se obter determinada distribuição de dados com características a serem discutidas em relação à natureza da fonte de que os dados foram coletados, fornecendo os “melhores” grupos de fatores, ou seja, aqueles que favorecem a presença do fenômeno linguístico observado. É a partir das rodadas estatísticas que se obtém o valor de significância referente a cada grupo.

Esses valores são padronizados e expressos em referência à hipótese nula, que nos diz que nada está acontecendo, ou seja, que o grupo de fator analisado não influencia a variável dependente. Assim, a significância geralmente expressa probabilidade de que a hipótese nula seja verdadeira, apresentando um valor usado como ponto de corte mínimo de 0,05 ou de 0,01, o que equivale dizer que há 5% ou 1% da hipótese nula ser verdadeira. Dessa forma, quanto menor que 0,05 for o valor de significância, menor a probabilidade de que a hipótese nula se confirme e maior a chance de que o grupo de fator analisado condicione a variável dependente. Daí o resultado apontar a função aspectual como o grupo de fator que mais significativamente influenciou a variável dependente sob análise, tendo em vista seu valor ser 0,000, o menor valor obtido, descartando a possibilidade de a hipótese nula ser verdadeira.

Na tabela abaixo, podemos observar os resultados obtidos referentes à frequência e ao peso relativo para o grupo de fatores funções aspectuais como motivador na concorrência por uma das duas formas imperfectivas de passado, tomando o imperfeito do indicativo como aplicação da regra.

Função aspectual	N/Total	%	Peso relativo
Episódica	587/621	94,5	0.684
Habitual	690/770	89,6	0.520
Iterativa	171/193	88,6	0.494
Progressiva	478/621	77,0	0.296
Total	1926/2205	87,3	-

Tabela 2: Influência da função aspectual sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

Como podemos perceber, a tabela 2 confirma nossa hipótese inicial referente à motivação das funções aspectuais episódica e habitual pela seleção de uso do imperfeito do indicativo, visto que estas se apresentaram, nesta ordem, com primeiro, segundo maiores pesos relativos²⁵, de 0.684 e 0.520, respectivamente, ficando a função progressiva, a mais marcada, com menor peso, de 0.296, na motivação pela escolha do imperfeito do indicativo, o que contraria os resultados obtidos por Pontes (2012), que obteve em sua análise estatística

²⁵ O núcleo de análise de regra variável é a estimativa dos efeitos restritivos e sua significância. Isso envolve calcular um valor para cada fator da análise; esse valor vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (GUY e ZILLES, 2007, p. 41).

mais ocorrências da função habitual com a forma perifrástica. A função iterativa, fugindo ao que acreditávamos, não se mostrou relevante na escolha pelo imperfeito do indicativo, visto que apresentou peso 0.494, ou seja, valor abaixo de 0.5, o que significa dizer que, assim como a função progressiva, a iterativa desfavorece a aplicação da regra. Os resultados de fala obtidos por Freitag (2007) revelaram maior ocorrência das funções progressiva e durativa com o uso da forma perifrástica imperfectiva de passado, e a função iterativa manifestou-se mais com o uso do imperfeito do indicativo, em oposição aos nossos resultados. Esse resultado pode ser explicado pelo princípio da marcação proposto por Givón (1990), visto que os contextos menos marcados, como aqueles codificados por funções aspectuais episódicas, habituais, atraíram a forma menos marcada imperfeito de indicativo.

Na tabela abaixo, temos também os resultados para perífrase como aplicação da regra na motivação de funções aspectuais na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, a fim de que possamos comparar com os resultados obtidos com o imperfeito do indicativo como aplicação.

Função aspectual	N/Total	%	Peso relativo
Progressiva	143/621	23,0	0.704
Iterativa	22/193	11,4	0.506
Habitual	80/770	10,4	0.480
Episódica	34/621	5,5	0.316
Total	279/2205	87,3	-

Tabela 3: Influência da função aspectual sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

Podemos verificar com os dados da tabela 3 que, assim como as funções episódica e habitual favorecem a ocorrência de imperfeito do indicativo (demonstrado na tabela 2), a função progressiva, desponta, nesta rodada, como motivadora do uso de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo de 0.704, número muito superior àquele evidenciado com as demais funções, principalmente se comparado ao peso relativo da função episódica, de 0.316, evidenciando-a como pouco motivadora de perífrases, o que reforça sua forte tendência pela forma imperfeito do indicativo, já demonstrada na tabela 2. Percebemos ainda que a função iterativa tende a favorecer perífrase, já que seu peso é de 0.506. O comportamento da função progressiva, contexto mais marcado, favorecendo a ocorrência de formas perifrásticas, que também são mais marcadas, caminha ao encontro do que apregoa o princípio da marcação de Givón (1990), defendido por nós nas hipóteses iniciais.

Assim, podemos entender que a motivação das funções aspectuais pela escolha de uma das formas imperfectivas de passado atende ao princípio de marcação de Givón (1990), visto que os contextos menos marcados: funções episódica e habitual favoreceram a ocorrência da forma menos marcada: imperfeito do indicativo, enquanto que o contexto mais marcado, a função progressiva, atraiu a forma mais marcada: perífrase imperfectiva de passado, comprovando nossa hipótese inicial. Contudo, fazemos uma ressalva aos resultados referentes à função iterativa que, ao contrário do que acreditávamos, apresentou peso levemente favorável à perífrase (0.506) e, na mesma proporção, desfavorável ao imperfeito do indicativo (0.494).

7.1.2 Tipo semântico-discursivo do verbo

Conforme já ressaltado por muitos trabalhos, como os de Wachowicz (2003), de Freitag (2007) e de Pontes (2012), a leitura aspectual é composicional, na qual é considerada a interação entre o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento adverbial e o contexto. Dessa forma, ao analisarmos os possíveis motivadores da variação entre as formas imperfectivas de passado, não poderíamos desconsiderar o forte condicionamento do tipo semântico-discursivo de verbo (ou aspecto inerente do verbo), que associado a fatores como função aspectual, objeto do verbo, tipo de modificador aspectual e o próprio contexto, manifestam-se como significativos na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, tendo sido selecionado pelas rodadas estatísticas como o segundo mais relevante fator motivador do fenômeno em estudo, corroborando o que já fora revelado nos estudos de Freitag (2007), em que os resultados também apontaram que o tipo de verbo, de acordo com a classificação de Vendler, é fator fortemente motivador na escolha da forma para a expressão do passado imperfectivo.

Nesta pesquisa, adotamos a classificação do tipo de verbo proposta por Vendler (1957,1967), na qual categoriza os verbos com base nos traços semânticos [+ pontual] / [- pontual], [+ télico] / [- télico] e [+dinâmico] / [- dinâmico] em: estado, atividade, *accomplishment* (processo culminado) e *achievement* (culminação), embora alguns trabalhos como o de Verkuyl (1993) considere que tal classificação não deva ser adotada como ponto de partida infalível para o desenvolvimento de uma teoria sobre a composicionalidade do aspecto (MENDES, 2005). Conforme Wachowicz (2003), a proposta de classificação de Vendler foi exaustivamente retomada por alguns pesquisadores, *que propuseram rótulos diferentes para denominar as diferentes classes gerando classificações diferentes ou um refinamento de*

traços para defini-las de forma mais explícita, como o fez Bertinetto (2001), ao propor três traços semânticos associados à expressão de aspecto inerente: [duratividade], [dinamismo] e [homogeneidade], arranjo expresso no quadro abaixo organizado e apresentado por Freitag (2007) para expressão do passado imperfectivo²⁶.

Quadro 9: Arranjo dos traços aspectuais de IMP e PPROG

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
Estados	+	-	+
Atividades	+	+	+
<i>Acomplishments</i>	+	+	-

Assim, de acordo com a classificação do tipo semântico de verbo proposta por Vendler (1957, 1967), utilizada nesta pesquisa, apresentamos abaixo exemplos extraídos do nosso *corpus* com verbos de estado, de atividade, de processo culminado e de culminação nas formas imperfectivas de passado.

- Estado

(69) *Sentia-me* como um passarinho repousando no ninho [2010 – T2 – EASF – PE]

(70) *Ficávamos parecendo* tatus, [2010 – T9 – ECNS – SP]

- Atividade

(71) Muito alegre e acompanhado pelos companheiros, meu pai *cantava* [2010 - T1 - WWSS – SE]

(72) *Estava a carregar* pedras num velho carrinho de mão. [2012 – T29– CSV – RS]

- Processo culminado

(73) *Fazíamos* um círculo e uma pessoa ia passando o anel. [2010 – T3 – FMV – MS]

(74) *Tínhamos que caminhar* até um rio muito longe [2010 – T14 – SSR – RS]

²⁶ Freitag (2007, p. 141), ao apresentar os *feixes de traços aspectuais pertinentes à expressão do passado imperfectivo*, salientou que *achievements* (verbos de culminação), em interação com o aspecto gramatical, resultam em *accomplishments* (verbos de processo culminado).

- Culminação

(75) Lembro-me de que, (...), eu *subia* em um banquinho (...) [2010 – T8 – NAAS – SP]

(76) Alguém sempre *ficava acendendo e apagando* o interruptor. [2012 – T21 – STLG – ES]

Em (69) e (70), temos ocorrências de verbos de estado, pois “sentia” e “ficava parecendo” apresentam-se com traços [- pontual], [- télico] e [- dinâmico], característicos desse tipo de verbo. Já em (71) e (72), temos verbos de atividade, uma vez que o imperfeito “cantava” e a forma perifrástica “estava a carregar” expressam situações [- pontual], [- télico] e [+dinâmico]. Em (73) e (74), as formas verbais “fazíamos” e “tínhamos que caminhar”, por apresentarem, nesse contexto, traços [- pontual], [+ télico] e [+dinâmico] comportam-se como verbos de processo culminado. As formas verbais “subia” e “ficava acendendo e apagando” dos exemplos (75) e (76), respectivamente, podem ser consideradas como de culminação, pois o aspecto inerente dos verbos *subir*, *acender* e *apagar* apresenta traços [+ pontual], [+ télico] e [+dinâmico]. Vale salientar que Freitag (2007) defende que verbos de culminação, quando em interação com o aspecto imperfectivo, resultam em verbos de processo culminado, conforme podemos perceber nos exemplos (77) e (78), em que os verbos principais *chegar* e *cair*, que são inerentemente de culminação, quando inseridos em uma construção perifrástica imperfectiva, passam a apresentar um traço [- pontual], pois pode ser percebido como acontecendo em fases.

(77) (...) sinal de que o frio *vinha chegando*. [2010 – T32 – BMC – MG]

(78) Aquelas árvores enormes, quando *iam caindo* (...) [2012 – T07 – YST – SC]

No que se refere à marcação dos tipos de verbo, Freitag (2007), a partir da proposta de Givón (2001) de uma escala de (im)perfectividade em função do critério de marcação resultante da interação entre *fronteira temporal* e *duração* da situação, estabelece uma correlação entre o aspecto gramatical imperfectivo e o aspecto inerente do verbo e observa que

no plano da *imperfectividade*, a combinação entre *aspecto imperfectivo* e *verbos de estado* seria a relação aspectual *menos marcada*, e mais previsível; e a combinação entre *aspecto imperfectivo* e *verbos compactos*, a *mais marcada*, e menos previsível. A escala de (im)perfectividade e marcação de Givón se verifica na distribuição das ocorrências de IMP expressando passado imperfectivo: estados, menos marcados e mais previsíveis, são os que mais contabilizam ocorrências, seguidos escalarmente por atividades e *accomplishments*, até a não-ocorrência de *achievements*, mais marcados e menos previsíveis. Porém, PPROG apresenta distribuição contrária ao

contínuo da marcação: estados, em princípio, menos marcados e mais previsíveis, contabilizam menos ocorrências, e *accomplishments*, relativamente mais marcados e menos previsíveis, são os que mais contabilizam ocorrências. (FREITAG, 2007, p. 140)

Nesse sentido, nossa hipótese inicial, considerando-se as pesquisas de Freitag (2007) e de Pontes (2012), é de que os verbos de culminação (mais marcados e menos previsíveis) constituem contextos pouco favoráveis para o uso das funções imperfectivas de passado, dada sua natureza télica. Por outro lado, por serem atélicos e durativos, os verbos de estado e de atividade (os menos marcados e mais previsíveis) constituem contextos favoráveis ao uso das funções codificadas pelas formas imperfectivas sob análise, sendo que a forma imperfeito do indicativo (forma menos marcada) tende a ser escolhida quando o predicado for estativo, por apresentar propriedades aspectuais: [- dinâmico], [+ durativo], [-télico], já com verbos de atividade, acreditamos que as duas formas sob análise sejam intercambiáveis, embora também havendo tendência à escolha da forma imperfeito do indicativo, considerando-se que, além de apresentar aspecto [+durativo], [-télico] – traços de imperfectividade, manifesta-se também como menos marcada. Acreditamos que os verbos de processo culminado (mais marcados), embora apontados por Pontes (2012) como sendo também pouco favoráveis para o uso das funções imperfectivas em virtude do seu traço [+télico], condicionem o uso de formas perifrásticas, na expressão da função progressiva focalizada, visto que se apresenta também como um processo durativo, mas que culmina. Portanto, nossa hipótese, além de considerar a correlação entre os traços inerentes de cada tipo de verbo e a expressão das funções imperfectivas, também atenta para o princípio de marcação de Givón (1997).

Na tabela 4, apresentamos os resultados obtidos com as rodadas estatísticas no que se refere ao condicionamento do tipo semântico-discursivo do verbo na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, tendo o imperfeito do indicativo como aplicação da regra.

Tipo de verbo	N/Total	%	Peso relativo
Processo culminado	262/300	87,3	0.619
Culminação	271/311	87,1	0.573
Atividade	546/628	86,9	0.566
Estado	847/966	87,7	0.397
Total	1926/2205	87,3	-

Tabela 4: Influência do tipo de verbo sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

Os resultados expressos na tabela 4 refutam a nossa hipótese inicial com relação à motivação do tipo de verbo na escolha por uma forma imperfectiva de passado, uma vez que os resultados das rodadas estatísticas revelaram que os verbos de processo culminado seguidos pelos de culminação, ambos de *status* mais marcado, foram os que mais condicionaram o uso da forma imperfeito do indicativo, de *status* menos marcado, com pesos relativos de 0.619 e 0.573, respectivamente, assim como os verbos de estado (menos marcados) foram os que menos motivaram o uso do imperfeito, com peso relativo de 0.397, o que, ao contrário do que pensamos inicialmente, atende ao princípio da expressividade, com vistas ao equilíbrio cognitivo defendido por Dubois e Votre (1994), no qual contextos mais marcados (processo culminado e de culminação) favorecem o uso de formas menos marcadas (imperfeito do indicativo), enquanto que contextos menos marcados (estado) atraem formas mais marcadas (perífrases). Já os verbos de atividade (menos marcados), confirmando o que defendemos inicialmente, apresentaram-se como motivadores do uso de imperfeito do indicativo, com peso de 0.566, ou seja, favorável à aplicação da regra.

Na tabela 5 abaixo, apresentamos os dados referentes às rodadas estatísticas com as perífrases imperfectivas de passado como aplicação da regra, a fim de que pudéssemos comprovar os dados observados com relação ao imperfeito do indicativo.

Tipo de verbo	N/Total	%	Peso relativo
Estado	119/966	12,3	0.603
Atividade	82/628	13,1	0.434
Culminação	40/311	12,9	0.427
Processo culminado	38/300	12,7	0.381
Total	279/2205	12,7	-

Tabela 5: Influência do tipo de verbo sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

Como podemos observar, os dados da tabela 5 coincidem com aqueles expressos, na tabela 4, referente ao condicionamento pelo uso da forma imperfeito do indicativo. No caso das perífrases, os verbos de estado, com peso relativo de 0.603, motivaram mais a sua ocorrência do que os de atividade, de culminação e de processo culminado, que apresentaram pesos de 0.434, 0.4270 e 0.381, respectivamente, reforçando também aqui o princípio de marcação expressiva de Dubois e Votre (1994), citado anteriormente. Dessa forma,

percebemos que os verbos mais dinâmicos motivaram imperfeito do indicativo e o estático motivou perífrase²⁷.

7.1.3 Tipo de oração

No que se refere ao condicionamento do tipo de oração para a escolha por uma das duas formas imperfectivas de passado sob análise, optamos pelo uso do agrupamento das orações pela composição estrutural: com/sem indicadores formais de dependência/independência, ou seja, adotamos, para fins de análise variacionista das formas imperfectivas de passado, os seguintes tipos de oração: absoluta (equivalente ao período simples, que é constituído por apenas uma oração); coordenada assindética (aquela com independência sintática, que se apresenta, simplesmente, justaposta, isto é, colocada uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as una); coordenada sindética (aquela que possui independência sintática, mas que se prende a outra pelas conjunções coordenativas aditivas, alternativas, adversativas, explicativas e conclusivas); principal (aquela à qual se associa uma oração – ou mais de uma, que funciona como termo dela, havendo uma relação de dependência mútua entre elas); subordinada substantiva (aquela que mantém relação de dependência com a oração principal, utilizando-se de conjunções integrantes e exercendo as funções próprias do substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal e aposto); subordinada adjetiva (aquela que mantém relação de dependência com a oração principal, utilizando-se de pronomes relativos e exercendo as funções dos adjetivos em uma oração – restritiva ou explicativa) e subordinada adverbial (aquela que mantém relação de dependência com a oração principal, utilizando-se de conjunções subordinativas adverbiais e exercendo a função dos advérbios dentro de uma oração – adjunto adverbial).

Vale salientar que, nos casos em que as orações apresentaram mais de uma possibilidade de classificação, em virtude de estar em uma relação de dependência/independência com a outra oração que a antecedia e que a sucedia, adotamos, para efeito de codificação dos dados, aquela função oracional que apresentou maior peso semântico dentro do contexto, como em (79):

²⁷ Os resultados da análise variacionista para imperfeito do indicativo, nesta pesquisa, coincidem com os de Pontes (2012), visto que, em ambos os trabalhos, os verbos de processo culminado foram os que mais favoreceram ao uso desta forma imperfectiva de passado.

- (79) Isso *acontecia* toda vez que os vizinhos e amigos se juntavam e, de surpresa, *chegavam* à casa de alguém para ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil. [2012 – T01 – EMSM – GO]²⁸

Como podemos perceber, em (79) há uma relação de coordenação entre a oração “toda vez que os amigos e os vizinhos se juntavam” (que é subordinada a “ Isso acontecia”) e “de surpresa, chegavam à casa de alguém”, que, por sua vez, possui uma relação de subordinação com a oração “para ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil.”, prevalecendo, pois esta última classificação, visto que a relação de coordenação, neste contexto, possui menos peso semântico do que a relação de subordinação estabelecida entre as duas últimas orações mencionadas, visto que “de surpresa, chegavam à casa de alguém” aparece mais para anunciar o que se fazia nas ocasiões retratadas (“ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil”), do que somente para adicionar uma ação que costumava se realizar. Como critério adicional para análise do peso semântico da oração, utilizamo-nos da verificação do impacto da exclusão para o que vem antes e para o que vem depois, pois, neste caso, se excluía “de surpresa, chegavam à casa de alguém” do contexto, prejudica a interpretação do que segue (“para ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil”) e não do que vem antes (Isso *acontecia* toda vez que os vizinhos e amigos se juntavam). Dessa forma, prevalece a classificação referente à relação de subordinação.

A seguir, apresentamos exemplos de cada tipo de oração adotado nesta pesquisa em coocorrência com as formas imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, respectivamente:

- Oração absoluta

- (80) Esperava por elas o ano inteiro. [2010 – T2 – EASF – PE]
- (81) Às vezes meu pai e minha mãe iam passear à casa de meus avós. [2010 – T6 – TL – PR]

- Oração coordenada assindética

- (82) (...) a menina gritava, chorava e não conseguia sair. [2010 – T13 – MPA – PB]
- (83) Depois, entrava correndo na cozinha, colocava a caneca esmaltada em cima da mesa e ia brincar com meus amigos. [2012 – T16 – BMS – MG]

²⁸ As formas “acontecia” e “chegavam” são intercambiáveis com formas perifrásticas, como: “costumava acontecer” e “iam chegando”, respectivamente.

- Oração coordenada sindética

(84) (...) enchia o chimarrão com a água da chaleira e contava causos. [2010 – T22 – BEL – RS]

(85) Fazíamos um círculo e uma pessoa ia passando o anel. [2010 – T3 – FMV – MS]

- Oração principal

(86) Enquanto caminhava, a poeira batia em meus olhos. [2010 – T9 – ECNS – SP]

(87) Lá, eu ficava tomando banho até dar a hora de ir para casa. [2010 – T2 – EASF – PE]

- Oração subordinada substantiva

(88) Recordo-me de que jogávamos bola às margens do enorme rio Sirigi. [2010 – T2 – EASF – PE]

(89) (...) pensava que estava viajando entre as nuvens. [2010 – T7 – ML – ES]

- Oração subordinada adjetiva

(90) Era sua vida que mantinha a nossa vida. [2010 – T2 – EASF – PE]

(91) (...) com as construções que iam brotando da noite para o dia. [2010 – T21 – JHBJ – DF]

- Oração subordinada adverbial

(92) (...) enquanto o mel engrossava ... contavam histórias. [2010 – T13 – MPA – PB]

(93) Naquela época, as águas eram tão cristalinas que conseguiam refletir a imagem perfeita. [2010 – T8 – NAAS – SP]

Nossa hipótese inicial referente ao condicionamento do tipo de oração na escolha por uma das formas imperfectivas de passado ampara-se no princípio da marcação expressiva, proposto por Dubois e Votre (1994), como visto no capítulo 5 deste trabalho, que propõe o equilíbrio cognitivo, no qual formas mais marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas tendem a ser atraídas para contextos mais marcados. Tal princípio trata-se de uma reformulação ao princípio de marcação de Givón (1990), que, no

sentido do paralelismo, defende que contextos mais marcados atraem formas mais marcadas e contextos menos marcados motivam formas menos marcadas.

Dessa forma, acreditamos que as orações absolutas, coordenadas (assindéticas e sindéticas) e principais condicionam o uso das perífrases, uma vez que tais orações apresentam o *status* de não-marcadas, e as perífrases de marcadas, como em (81), (83), (85) e (87). Já as orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais), por terem o *status* de marcadas, condicionam o imperfeito do indicativo, que é uma forma não-marcada, como em (88), (90) e (92), buscando, assim, o usuário da língua, equilibrar o esforço de codificação decorrente de aspectos de um fenômeno semântico-discursivo (FREITAG, 2007).

As rodadas estatísticas do GoldVarb apontaram este grupo de fator como o terceiro mais relevante de todos, com um valor de significância de 0.003, valor que favorece a presença do fenômeno linguístico em estudo, na medida em que expressa probabilidade de que a hipótese nula não seja verdadeira, o que equivale dizer que há menos de 5% de que nada esteja acontecendo com relação a esta motivação do tipo de oração para a escolha de uma das formas imperfectivas de passado. Daí o resultado apontar o tipo de oração como um grupo de fator que, significativamente, influenciou a variável dependente sob análise.

Vejam, na tabela a seguir, como se comportaram estatisticamente os dados analisados para o grupo de fator tipo de oração como motivador na escolha de uma das duas formas imperfectivas variantes. Para tanto, consideremos a frequência e os pesos relativos com que as formas imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado se dão, quando inseridas nas orações analisadas, adotando o imperfeito do indicativo como aplicação da regra.

Tipo de oração	N/Total	%	Peso relativo
Coordenada assindética	311/338	92,0	0.609
Subordinada adverbial	188/212	88,7	0.589
Subordinada adjetiva	360/397	90,7	0.559
Coordenada sindética	239/276	86,9	0.480
Principal	464/547	84,8	0.442
Absoluta	287/339	84,7	0.415
Subordinada substantiva	77/96	80,2	0.365
Total	1926/2205	87,3	-

Tabela 6: Influência do tipo de oração sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

A tabela 6 confirma nossa hipótese inicial, no que se refere às orações subordinadas adverbiais e adjetivas como motivadoras para o uso do imperfeito do indicativo, visto que estas se apresentaram com o segundo e o terceiro maiores pesos relativos, de 0.589 e 0.559, respectivamente, ficando entre as três mais relevantes orações na escolha pela forma de imperfeito do indicativo. Já os resultados das coordenadas assindéticas divergiram do que havíamos apregoado, visto que foram as que mais motivaram o uso do imperfeito do indicativo, com peso relativo de 0.609, e com percentual de 92% do total de suas ocorrências com tal forma verbal, fugindo, assim, ao princípio do equilíbrio cognitivo, que adotamos em nossa hipótese, mas atendendo ao princípio da marcação proposto por Givón (1990), no qual contextos mais marcados condicionam formas mais marcadas e contextos menos marcados (coordenadas assindéticas) condicionam formas menos marcadas (imperfeito do indicativo).

As orações coordenadas sindéticas, principais e absolutas confirmaram nossa hipótese inicial de que contextos menos marcados condicionam formas mais marcadas, o que não é o caso do imperfeito do indicativo, que se apresenta como forma menos marcada, daí as ocorrências dessas orações terem ficado entre as quatro que menos motivaram o uso da forma imperfeito do indicativo, por serem elas de *status* não-marcado, apresentando-se com pesos relativos de 0.480, 0.442, 0.415, respectivamente, confirmando, assim, o princípio do equilíbrio cognitivo, ou seja, o princípio da marcação expressiva de Dubois e Votre (1994).

Contudo, houve discordância acentuada no que se refere às orações subordinadas substantivas, que, ao contrário do que esperávamos, foram as que menos favoreceram o uso do pretérito imperfeito do indicativo, com um peso relativo de 0.365, fugindo, assim como se deu com as coordenadas assindéticas, ao princípio do equilíbrio cognitivo, visto que o contexto mais marcado (subordinada substantiva) não condicionou a forma menos marcada (imperfeito do indicativo), mas sim atendeu ao princípio da marcação defendido por Givón (1990).

A seguir, apresentamos a tabela 7, em que a perífrase imperfectiva de passado é tomada como aplicação da regra, a fim de que possamos constatar se os resultados dessas rodadas estão de acordo com os que foram revelados com o imperfeito do indicativo como aplicação da regra para os tipos de oração, analisados a partir da tabela 6.

Tipo de oração	N/Total	%	Peso relativo
Subordinada substantiva	19/96	19,8	0.635
Absoluta	52/339	15,3	0.565
Principal	83/547	15,2	0.558
Coordenada sindética	37/276	13,4	0.520
Subordinada adjetiva	37/397	9,3	0.441
Subordinada adverbial	24/212	11,3	0.411
Coordenada assindética	27/338	8,0	0.391
Total	279/2205	12,7	-

Tabela 7: Influência do tipo de oração sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

No que se refere ao uso das perífrases imperfectivas de passado, os resultados contidos na tabela 7 mostraram-nos que a atuação dos tipos de oração como motivadores na escolha pela forma perifrástica confirma o que havíamos previsto em nossa hipótese inicial, excetuando o que se deu, assim como com o imperfeito do indicativo, com as orações coordenadas assindéticas e com as subordinadas substantivas, que ficaram com relevância na motivação muito inversa ao que acreditávamos, com base no princípio da marcação expressiva.

As orações absoluta, principal e coordenada sindética ficaram, nesta sequência, dentre as quatro orações que mais motivaram a ocorrência de perífrases, com pesos relativos de 0.565, 0.558 e 0.520, respectivamente, perdendo apenas para a oração subordinada substantiva, com peso relativo de 0.635, que fugiu ao que previmos em conformidade com o princípio do equilíbrio cognitivo, uma vez que as orações subordinadas substantivas, a partir dos três critérios (complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva) para determinação do *status* de marcação, mostram-se como mais marcadas, diferentemente das três outras: absoluta, principal e coordenada sindética, que têm *status* de menos-marcadas, tanto é que, no que se refere à distribuição de frequência, podemos observar, na tabela 7, que tivemos apenas 96 ocorrências de orações subordinadas substantivas, contra 339, 547 e 275 de ocorrências de orações absoluta, principal e coordenada sindética, respectivamente. Vejamos, nos exemplos abaixo, esses quatro tipos de oração que mais condicionaram o uso da forma imperfectiva perifrástica:

- Oração subordinada substantiva

(94) Eu adorava cantar e achava que estava abafando! [2010 – T11 – EMP – AC]

- Oração absoluta

(95) Todos os moradores daquele sítio iam comprar na nossa bodega. [2010 – T35 – JPSS – RN]

- Oração principal

(96) Tinha que andar muito para chegar no “Grupo” (...) [2012 – T17 – NPS – GO]

- Oração coordenada sindética

(97) No Pau da Lima não tinha feira, portanto tínhamos que ir até outro bairro. [2012 – T14 – ANFPC – BA]

Com relação às orações que menos favoreceram o uso de perífrases imperfectivas de passado, nos surpreendemos apenas com as coordenadas assindéticas, que se mostraram com menor peso relativo (0.391) dentre todas as demais, mesmo possuindo o *status* de menos-marcada, o que contraria o critério de equilíbrio cognitivo, por nós adotado, e atende ao critério de paralelismo, princípio da marcação de Givón (1990). Contudo, a hipótese referente às orações subordinadas adjetivas e adverbiais confirmou-se, pois ambas ficaram entre os três tipos que menos motivaram a escolha pela forma perifrástica, com pesos relativos muito similares: 0.441 e 0.411, respectivamente.

Dessa forma, podemos concluir que prevaleceu, como critério geral para a motivação da escolha por uma das formas imperfectivas de passado, o princípio da marcação expressiva, defendido por Dubois e Votre (1994), com vista ao equilíbrio cognitivo, ainda que tenhamos dois casos em que o princípio atendido tenha sido o da marcação, no sentido do paralelismo: as orações subordinadas substantivas (mais marcadas) condicionando o uso de perífrases imperfectivas de passado (mais marcadas); e as orações coordenadas assindéticas (menos marcadas) condicionando o uso do imperfeito do indicativo (menos marcada).

7.1.4 Modificador aspectual

Para a análise da relação existente entre os modificadores aspectuais adverbiais e o aspecto imperfectivo de passado (em suas formas variantes de imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva), adotamos a proposta de Mendes (2005), que agrupa tais

modificadores em durativos – aqueles que expressam duração, progressão ou localização no tempo – e em quantificadores²⁹ – aqueles que expressam quantidades de vezes, frequência. Além desses dois tipos, consideramos também a ausência de modificador e a presença de modificadores pontuais, aqueles que expressam situações temporais específicas, conforme apresentamos nos exemplos abaixo, tanto com a forma imperfeito do indicativo como com a forma perifrástica imperfectiva de passado:

- Modificador durativo

(98) Casei-me muito cedo, pois naquela época as meninas já *nasciam* com um único destino – casar e ter filhos. E muitos filhos! [2010 – T8 – NAAS – S]

(99) O ar trazia o perfume das verduras do canteiro de minha mãe e da goiabeira que *estava sempre* me *convidando* para uma visita. [2012 – T10 – MSP – AM]

- Modificador quantificador

(100) Isso *acontecia* toda vez que os vizinhos e amigos se juntavam (...) [2012 – T01 – EMSM – GO]

(101) Durante os bailes, de vez em quando *íamos lavar* o rosto [2012 – T02 – JSD – MS]

- Modificador pontual

(102) Em um domingo de sol, (...), *ouvíamos* ao fundo o som da TV. [2012 – T04 – BPB – SP]

(103) Certa noite, *estávamos dormindo* e o galo já começava os avisos do dia [2012 – T01 – EMSM – GO]

- Sem modificador aspectual

(104) Na varanda o café *descia* pela minha garganta em goles rápidos. [2010 – T7 – ML – ES]

(105) *Fazíamos* um círculo e uma pessoa *ia passando* o anel e só o deixava cair na mão de quem gostasse mais. [2010 – T3 – FMV – MS]

²⁹ Assim como defendido por Mendes (2005), consideramos que, ao aparecer mais de um tipo de adjunto, a ocorrência deve ser classificada de acordo com o adjunto adverbial de frequência, pois este conduz a uma leitura iterativa, quantificadora.

Nesta seção, antes da apresentação dos resultados, retomamos as hipóteses inicialmente levantadas acerca da motivação dos adjuntos adverbiais na escolha por uma das duas variantes imperfectivas de passado.

Tendo em vista que os adjuntos adverbiais funcionam como modificadores aspectuais, ao expressarem duração, progressão, localização e frequência, conforme Mendes (2005), levantamos a hipótese de que tais modificadores funcionam como motivadores na escolha por uma das formas sob análise, assim como coordenadas temporais para as formas imperfectivas de passado, pois acoplados a tais formas, podem levar à expressão de progressividade (focalizada e durativa), habitualidade e iteratividade. Além disso, também consideramos o princípio da marcação e da expressividade no condicionamento por uma das duas formas imperfectivas, ressaltando que os modificadores durativos apresentam-se como menos marcados, no que se refere, sobretudo, à distribuição de frequência, especialmente em contexto de memórias literárias, que remetem constantemente para a duração dos fatos num dado tempo/época; em contrapartida, os quantificadores e os pontuais apresentam-se como mais marcados, nos contextos de memórias literárias.

Dessa forma, acreditamos que o uso de modificadores aspectuais durativos, por expressarem duração, progressão e localização e, em atendimento ao princípio da expressividade (DUBOIS e VOTRE, 1994), por terem *status* de menos marcados, condicionam a escolha pela forma perifrástica (mais marcada), na expressão da função progressiva no tempo, do modo como ocorre abaixo:

(106) Enquanto isso minha mãe *ficava fazendo* almoço [2012 – T06 – APAA – PE]

No entanto, não há nenhuma restrição gramatical que impeça a construção de tais adjuntos durativos com formas de imperfeito do indicativo, expressando funções durativas ou locativas, conforme apresentadas, respectivamente, nos exemplos abaixo:

(107) Naquela época, alguns *levantavam* assustados e enfurecidos. [2010 - T1 - WWSS – SE]

(108) (...) que nos dias de frio me *aquecia* e nos de calor me *acalorava*... [2010 – T4 – ACC – SP]

Já o uso de modificadores aspectuais quantificadores, por expressarem o número de vezes, a frequência, e os modificadores pontuais, por expressarem situações temporais

específicas, e por serem os dois mais marcados, acreditamos que condicionam a escolha pela forma imperfeito do indicativo (menos marcado), em atendimento ao equilíbrio cognitivo, proposto no princípio da marcação expressiva (DUBOIS e VOTRE, 1994), na expressão da função iterativa, que consiste em uma situação repetida em uma ocasião específica, e da função habitual, caracterizada pela ocorrência de uma situação de forma sistemática, repetida em fases, conforme ilustram os exemplos abaixo, respectivamente para os quantificadores e os pontuais:

- (109) Todos os anos, a partir do mês de agosto até meados de novembro, realizavam-se as moagens durante várias semanas. [2010 – T13 – MPA – PB]
- (110) Em noite de lua cheia [...] *brincávamos* na bagaceira da cana [2010 – T13 – MPA – PB]

Acreditamos, contudo, que a ausência de um modificador aspectual, que em distribuição de frequência, complexidade estrutural e complexidade cognitiva, apresenta-se como contexto menos marcado, em atendimento ao princípio da marcação, favoreça o uso da forma imperfeito do indicativo, na manifestação de quaisquer das funções habitual, progressiva e iterativa, uma vez ser esta forma menos marcada e gramaticalizada na língua.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos nas rodadas estatísticas, que mostram a frequência e os pesos relativos com que as formas imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado ocorrem na ausência e na presença de modificadores aspectuais adverbiais (durativos, quantificadores e pontuais). Vale salientar que este grupo de fator foi selecionado pelas rodadas estatísticas como o quarto grupo mais relevante, com um valor de significância de 0.023.

Primeiramente, analisemos a tabela 8, que nos traz os valores obtidos com imperfeito do indicativo como aplicação da regra na ausência ou na presença de modificadores aspectuais adverbiais (durativos, quantificadores e pontuais).

Modificador aspectual	N/Total	%	Peso relativo
Quantificador	97/108	89,8	0.564
Sem modificador	1453/1646	88,3	0.518
Durativo	261/300	87,0	0.448
Pontual	115/151	76,2	0.366
Total	1926/2205	87,3	-

Tabela 8: Influência do modificador aspectual sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

A tabela 8 confirma a nossa hipótese, no que se refere à frequência e ao peso relativo de uso do imperfeito do indicativo em correlação com a presença dos quantificadores, bem como com a ausência de modificadores aspectuais, uma vez que os resultados apontam que estes dois casos favorecem mais a ocorrência de formas de imperfeito do indicativo do que com os durativos e com os pontuais, aqueles com pesos relativos 0.564 e 0.518 e estes com 0.448 e 0.366, respectivamente. Prova disso é que, das 108 construções com presença de modificador quantificador, 97 delas dão-se com as formas de imperfeito do indicativo, perfazendo um total de 89,8% das ocorrências com modificadores quantificadores. Nas construções sem a presença de modificadores, que representam a maior quantidade (1646 ocorrências de um total de 2205 dados), verificamos que, das 1646 construções sem a presença de marcadores aspectuais, 1453 são ocorrências com a forma imperfeito do indicativo, ou seja, 88,3% do total de formas sem modificadores aspectuais. No caso do modificador quantificador, que é a forma mais marcada, ao condicionar o uso por imperfeito do indicativo, que é uma forma menos marcada, atendeu ao princípio da marcação expressiva, com vistas ao equilíbrio cognitivo, conforme acreditávamos. Já a ausência de modificador, que se apresenta como um contexto não marcado, ao favorecer a ocorrência de imperfeito do indicativo, atendeu ao princípio da marcação, com a manutenção do paralelismo, no qual os contextos menos marcados favorecem o uso de formas menos marcadas.

Apresentamos, a seguir, na tabela 9, os resultados referentes à forma perifrástica como aplicação da regra, na qual poderemos analisar como se comportaram os modificadores, bem como a sua ausência, com relação à forma imperfectiva de passado mais marcada.

Modificador aspectual	N/Total	%	Peso relativo
Pontual	36/151	23,8	0.634
Durativo	39/300	13,0	0.552
Sem modificador	193/1648	11,7	0.482
Quantificador	11/108	10,2	0.436
Total	279/2205	12,7	-

Tabela 9: Influência do modificador aspectual sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

Os resultados referentes à ocorrência de perífrases imperfectivas de passado na presença dos modificadores durativos, contidos na tabela 9, confirmam nossa hipótese inicial, mas na presença dos modificadores pontuais refutam nossa hipótese, pois os modificadores pontuais e durativos favoreceram o uso das perífrases mais do que a ausência de modificador

aspectual e os quantificadores, o que foi confirmado pelos pesos relativos, que revelam os modificadores pontuais e os durativos com pesos de 0.634 e 0.552, respectivamente, já a ausência de modificador e os quantificadores com peso de 0.482 e 0.436, respectivamente. Ou seja, os pesos relativos dos modificadores pontuais e durativos com perífrases foram superiores aos pesos das ocorrências sem modificador e com modificador quantificador. Assim, o resultado para modificadores durativos confirma o princípio da marcação expressiva, no sentido de equilibrar o esforço de codificação (DUBOIS e VOTRE, 1994), conforme havíamos previsto, visto que os modificadores durativos, contextos menos marcados, condicionaram o uso de perífrases imperfectivas de passado, que são formas mais marcadas. Já os modificadores pontuais, cujos resultados refutaram a nossa hipótese inicial, atenderam ao princípio da marcação (GIVÓN, 1990), pois como contextos mais marcados atraíram a forma mais marcada, perífrase imperfectiva de passado.

Ao compararmos as tabelas 8 e 9, considerando a relação entre o número total de ocorrência das duas formas imperfectivas de passado sob análise: 1926 formas de imperfeito do indicativo contra 279 formas perifrásticas de um total geral de 2205 dados, vemos a confirmação dos resultados quantitativos: enquanto os modificadores quantificadores e a ausência de modificadores favorecem o uso da forma verbal imperfeito do indicativo, os modificadores durativos e pontuais favorecem o uso de perífrases imperfectivas de passado, conforme ilustrado pelos exemplos abaixo:

- (111) *Aguardava* o bom velhinho o ano todo. [2010 – T18 – ACS – SP]
- (112) *Preparávamos* o café com os grãos que *colhíamos* no sítio. [2010 – T20 – SDH – M]
- (113) (...) e a precariedade já estava sendo vista a olho nu. [2010 – T13 – MPA – PB – PE]
- (114) Certa noite, *estávamos dormindo* e o galo já começava os avisos do dia. [2012 – T01 – EMSM – GO]

Em casos como o do exemplo (111), o modificador quantificador “o ano todo” aparece com função de expressar a frequência com que se “aguardava o bom velhinho”, codificando, pois, o aspecto imperfectivo habitual frequentativo, que se caracteriza por estar presente em uma dada situação, de forma sistemática, repetida em fases, demarcando o período em que ocorre a frequência da ação, mas não determinando a quantidade de vezes com que ela se repete, aspecto próprio da função iterativa. Já no exemplo (112), apesar da ausência de um modificador aspectual, podemos, também neste caso, perceber o caráter

habitual expresso pelo aspecto imperfeito, uma vez que, embora não haja uma demarcação iterativa ou de frequência, o contexto nos fornece a seguinte leitura aspectual: “*Costumávamos preparar o café com os grãos que costumávamos colher no sítio*”, codificando, assim, uma função habitual.

Com relação aos contextos em que houve maior motivação pela forma perifrástica, ilustramos com os exemplos (113) e (114), nos quais há a codificação da função progressiva, sendo que em (113) temos claramente essa função imperfectiva expressa pela forma perifrástica prototípica da progressividade (verbo ESTAR + verbo PLENO no gerúndio) associada a um modificador durativo “já”, enquanto que em (114), apesar de termos um modificador pontual (“Certa noite”), que é de natureza diferente do modificador do exemplo (113), contamos também com uma situação aspectual progressiva, na medida em que há uma progressão no ato de “estar dormindo” em relação ao momento em que “o galo começava os avisos do dia.

Dessa forma, constatamos que os modificadores aspectuais adverbiais, além de motivarem a escolha por uma das formas imperfectivas de passado em estudo, ainda auxiliam na codificação das funções aspectuais: habitual, progressiva, episódica e iterativa.

7.1.5 Polaridade

De modo geral, entendemos por polaridade a negação, ou não, de uma dada situação. Contudo, segundo Ilari (2000), podemos ter a negação apenas da reiteração regular de certa ação e não, necessariamente, a negação de que essa mesma ação tenha acontecido, esteja acontecendo ou venha a acontecer outra(s) vez(es), como em (115):

(115) (...) não havia quase motos ou carros nas ruas. [2010 – T27 – CACA – CE]

(116) Afinal, não estava comemorando somente o primeiro dia de vida (...) [2010 - T1 - WWSS – SE]

Em (115), “quase” funciona como um quantificador indefinido da negação da situação (MENDES, 2005), ou seja, a negação não é generalizada, pois embora se negue a frequência regular de motos e carros nas ruas, “quase” indica que motos e carros, seguramente, aparecem uma vez ou outra, dentro do intervalo de tempo em questão. O que não acontece em (116), em que “não” nega categoricamente a possibilidade de “estar comemorando somente o primeiro dia de vida” dentro de todo o intervalo de tempo em questão, não havendo nenhuma marca de quantificação (número de vezes, frequência).

Porém, para esta pesquisa, que é de natureza variacionista, não nos deteremos em examinar os casos em que a negação é marcada por iteratividade, frequência, mas sim nos interessa perceber quais os contextos de polaridade (positiva e negativa) que condicionam uma das duas formas imperfectivas de passado. Para tanto, adotaremos o princípio da marcação expressiva (DUBOIS e VOTRE, 1994), por considerar que, em termos de distribuição de frequência, de complexidade estrutural e de complexidade cognitiva, a oração negativa possui *status* de mais marcada, condicionando, assim, o uso da forma imperfeito do indicativo, que é menos marcada. Já as orações positivas, de *status* menos marcadas, condicionam o uso das formas perifrásticas. Dessa forma, acreditamos que a interação entre polaridade e formas imperfectivas de passado possa também seguir o critério do equilíbrio cognitivo, ou seja, que o contexto mais marcado, oração negativa, atraia a forma menos marcada, imperfeito do indicativo, e que o contexto menos marcado, atraia a forma mais marcada, perífrase imperfectiva de passado, como acontece nos exemplos abaixo:

(117) Não *tinha* espaço para ver os bonecos. [2010 – T19 – ELPA – MG]

(118) Lá, eu *ficava tomando* banho até dar a hora de ir para casa. [2010 – T2 – EASF – PE]

Nas rodadas estatísticas, este grupo foi selecionado como o quinto mais significativo estatisticamente, com valor de significância de 0.022. Assim, faremos uma análise daquilo que os resultados nos revelaram com relação à variação entre as formas imperfectivas de passado sob a motivação da polaridade, que, embora não seja o fator de maior condicionamento para o fenômeno em estudo, foi selecionado pelas rodadas estatísticas por apresentar percentuais/pesos relativos que demonstram uma considerável tendência da polaridade positiva para imperfeito e da polaridade negativa para perífrase, conforme podemos ver na tabela 10, que traz o imperfeito do indicativo como aplicação da regra variável.

Polaridade	N/Total	%	Peso relativo
Positiva	1834/2095	87,5	0.509
Negativa	92/110	83.6	0.341
Total	1926/2205	87,3	-

Tabela 10: Influência da polaridade sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

A partir dos dados da tabela 10, observamos que a polaridade comportou-se de forma a se considerar, pois das 2095 ocorrências de oração positiva, 1834 delas são com

formas de imperfeito do indicativo, perfazendo um percentual de 87,5% do total de ocorrências; já no contexto com oração negativa, das 110 ocorrências totais, 92 são de formas de imperfeito do indicativo, perfazendo um percentual de 84,9% do total. Tal resultado refuta nossa hipótese inicial, pois a polaridade de *status* menos marcada (positiva) condicionou mais a ocorrência da forma menos marcada (imperfeito do indicativo), enquanto que a polaridade mais marcada (negativa) condicionou mais a ocorrência da forma mais marcada (perífrase imperfectiva de passado), em atendimento ao princípio da marcação de Givón (1990), o que também pode ser confirmado na tabela 11, na qual adotamos como aplicação da regra a forma perifrástica³⁰.

Polaridade	N/Total	%	Peso relativo
Negativa	18/110	16,4	0.659
Positiva	261/2095	12,5	0.491
Total	279/2205	12,7	-

Tabela 11: Influência da polaridade sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

A tabela 11 confirma-nos a motivação das formas negativas para o uso de perífrases, contrariando nossa hipótese inicial, mas em atendimento ao princípio da marcação, uma vez que tal tendência vai ao encontro do paralelismo, no qual formas mais marcadas condicionam o uso de formas mais marcadas. Essa interação entre polaridade e formas imperfectivas de passado encontra-se ilustrada pelos exemplos abaixo, em que, em (119), a polaridade negativa “não” (mais marcada) atrai a forma perifrástica “podia levar” (mais marcada), enquanto que, em (120), a polaridade positiva (menos marcada) atrai, acentuadamente, em todas as orações, a forma imperfeito do indicativo (menos marcada): “bordava”, “era”, “encomendavam” e “fazia”.

(119) (...) porque meu pai não mais *podia* me *levar*. [2012 – T19 – EAO – RJ]

(120) (...) ela *bordava* muito ponto cruz, que *era* moda; as vizinhas *encomendavam* e ela *fazia*. [2010 – T3 – FMV – MS]

³⁰ Freitag (2007), ao analisar os resultados da motivação da polaridade na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, em situações de fala, observou que orações afirmativas condicionaram o uso de perífrases, enquanto que as orações negativas favoreceram à ocorrência de imperfeito do indicativo, em sentido ao equilíbrio cognitivo, defendido por Dubois e Votre (1994). Tal resultado foi contrário ao obtido nesta pesquisa, realizada em um corpus de modalidade escrita.

7.1.6 Plano da narrativa: figura e fundo

Para a realização da análise do fenômeno em estudo, investigamos também a motivação dos planos da narrativa: figura e fundo na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, calcando-nos nos pressupostos funcionalistas de Hopper e Thompson (1980), comentados na seção 5.2.2.

Os planos discursivos da narrativa foram caracterizados por Hopper e Thompson, a partir, dentre outros fatores, da transitividade que, segundo eles, manifesta-se alta em contextos de figura e baixa em situações de fundo, o que é mensurado pela observação dos dez parâmetros elencados no quadro abaixo, que, apesar de independentes, funcionam de forma articulada na língua. Esses parâmetros de transitividade representam propriedades semânticas e focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração (SILVA e SILVA, 2011, p. 3)

Quadro 10: Parâmetros de transitividade

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
Participantes	2 ou +	1
Cinese	Ação	não-ação
Aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
Pontualidade do verbo	pontual	não-pontual
Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
Polaridade	afirmativa	Negativa
Modalidade	modo realis	modo irrealis
Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
Afetamento do objeto	Afetado	não-afetado
Individualização do objeto	individuado	não-individuado

Para Hopper e Thompson (1980), assim como a escala de transitividade é estabelecida mediante a observação de alguns parâmetros, os planos discursivos figura e fundo também devem ser analisados a partir de um conjunto de propriedades, e não de forma separada, independente. Em função disso, os autores defendem que as cláusulas de figura podem ser percebidas como as partes que são mais importantes para as metas do falante/escritor, comparando-se ao esqueleto de um texto, atuando como a estrutura base do discurso. Somando-se a isso, as figuras também se caracterizam por apresentarem sequência cronológica, com eventos reais, dinâmicos e completos, assim como sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos. Sua codificação morfosintática caracteriza-se por apresentar orações coordenadas, principais ou absolutas, além de formas verbais perfectivas, como em (121) com a forma verbal perfectiva “deram”.

- (121) Depois de muita explicação cantada, alguns *deram* dinheiro para comprar bebidas e outras coisas para a comemoração e a maioria juntava-se ao grupo, que saía cantando. [2010 - T1 - WWSS – SE]

Por outro lado, as situações de fundo seriam aquelas que servem de cenário, ajudando, amplificando ou comentando o que é mais importante em um texto, atuando como um plano discursivo de suporte para aquilo que é relatado pela figura, não representando a progressão da narrativa. Além disso, as cláusulas de fundo também se caracterizam como eventos simultâneos, não necessariamente completos e reais, com situações estáticas e descritivas, mas necessárias para a compreensão de atitudes (subjetividade), além de frequentes trocas de sujeitos. Sua codificação morfossintática é normalmente marcada por orações subordinadas e verbos imperfectivos, podendo também ser codificadas por orações coordenadas, absolutas e principais. Vejamos um exemplo prototípico de situação de fundo em (122), na qual temos a caracterização de um cenário, seguida por uma digressão com oração exclamativa.

- (122) *Era* uma vila, com um canal ao redor das poucas casas que *existiam* e muitos plantios de mandioca. Como *era* difícil transitar nos dias de chuva! [2010 – T3 – FMV – MS]

A partir dessa classificação de Hopper & Thompson (1980), Silveira (1990) propôs uma escala de fundidade organizada em uma gradação que vai de figura até cinco níveis diferentes de fundo, a depender do grau de relevância de cada um, alguns podendo estar mais próximos de figura, sendo mais objetivos, icônicos, e outros mais distantes, conforme especificado no quadro 4, na seção 5.2.1. Além de Silveira (1990), outras propostas de organização do plano discursivo figura e fundo surgiram, como a de Chedier (2007), adotada por Pontes (2012), assim como utilizada neste trabalho, na qual buscou simplificar a classificação de Silveira (1990), propondo, ao invés de seis categorias, apenas três: figura, fundo 1 e fundo 2, que foi muito bem sistematizada por Pontes (2012, p. 122):

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Também pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas, conclusões.

Nos exemplos (123), (124) e (125), extraídos do nosso *corpus*, temos a ocorrência de formas imperfectivas de passado codificando situações de figura, fundo 1 e fundo 2, respectivamente, fugindo à regra estabelecida por alguns estudiosos, além de Hopper & Thompson (1980), que restringiram as situações de figura a formas perfectivas, bem como definindo que as formas imperfectivas codificariam apenas situações de fundo, o que já fora negado por Pontes (2012), a partir dos resultados de sua pesquisa, quando observou que formas imperfectivas também podiam codificar figura em narrativas.

- (123) Ao voltar para a minha humilde casa de taipa – feita de madeira e barro – *caminhava* direto para o pé de manga e me *lambuzava* naquela fruta deliciosa. [2010 – T2 - EASF – PE]
- (124) Minha casa *era* pequena, um berço de humildade, construída com madeira lascada de pinheiro, não *existia* energia elétrica, *tínhamos* apenas um lampião de querosene. *Éramos* pobres, mas vivíamos num lar feliz, apesar das dificuldades em até conseguir o que comer. [2010 – T6 – TL – PR]
- (125) Com apenas metade de um olho aberto *pensava* que *estava viajando* entre as nuvens. [2010 – T7 – ML – ES]

Nas rodadas estatísticas desta pesquisa, o programa computacional Goldvarb descartou o grupo de fator plano da narrativa: figura e fundo como estatisticamente relevante para o fenômeno em estudo, o que, a nosso ver, pode ser explicado pela linearidade com que se dá o tipo de contexto de produção do *corpus*, não havendo, pois, um enredo desenvolvendo-se de forma bem demarcada, conforme se observa no modelo proposto por Labov (1972b) para as narrativas naturais, que geralmente se estruturam em partes relativamente constantes e articuladas: resumo, orientação, complicação da ação, resolução, avaliação e coda. As Memórias literárias são organizadas a partir da apresentação da seleção de fatos distintos, mas relacionados, que são relevantes dentro de um conteúdo temático e que marcaram época. Essa especificidade do gênero aproxima bastante as informações mais relevantes das periféricas, que, muitas vezes, estão imbricadas de tal forma que somente o contexto pode nos levar a uma definição do que é mais relevante ou (mais ou menos)

periférico, visto que temos, em quase todo corpo do texto, apresentação de caracterizações (de personagens, de cenários, de tempo), de comentários avaliativos, de digressões, dentre outros traços próprios de situação de fundo, mas que, em algumas circunstâncias, agem em função da progressão da narrativa, como podemos observar em (126).

- (126) À noite, depois de um banho que *aliviava* meu cansaço e de ter saboreado a comida preparada por mamãe no fogão a lenha, *ia* me *deitar*. A fumaça que a lamparina a querosene *produzia* *poluía* meus pensamentos, a última chama antes de ser apagada *incendiava* meus sonhos! [2010 – T7 – ML – ES]

No exemplo (126), temos um trecho de memórias literárias em que o autor, de forma poética, constrói a progressão de um dos fatos da narrativa, reportando-se ao que era costume acontecer com ele à noite. Nesse trecho, temos informações mais relevantes expressas por formas imperfectivas, como “*ia* me *deitar*”, “*poluía*” e “*incendiava*”, assim como temos informações periféricas, que ali estão para esclarecer as situações de figura, especificando-as: “que *aliviava* meu cansaço” e “que a lamparina a querosene *produzia*”.

Assim, por acreditarmos, conforme Pontes (2012) e em virtude das características composicionais do gênero memórias literárias, que as formas imperfectivas de passado também poderiam atuar como figura, e não só como fundo (1 e 2), contrariando os pressupostos de Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos na narrativa, inicialmente, levantamos a hipótese de que a perífrase imperfectiva de passado atue mais significativamente como informação periférica – fundo – e que, havendo atuação de forma imperfectiva de passado como fato central – figura, que o seja, predominantemente, através do uso da forma do imperfeito do indicativo, considerando-se o princípio do equilíbrio cognitivo (ou expressividade retórica), proposto por Dubois e Votre (1994), no qual formas mais marcadas (perífrases imperfectivas) tendem a ocorrer em contextos menos marcados (fundo), e formas menos marcadas (imperfeito do indicativo) aparecem em contextos mais marcados (figura).

Vejamos, na tabela a seguir, os resultados referentes à motivação do plano da narrativa: figura e fundo na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, tendo o imperfeito do indicativo como aplicação da regra, ainda que já saibamos que este grupo de fator não foi selecionado pelas rodadas estatísticas como relevante no condicionamento de uso de nenhuma das formas.

Plano da narrativa	N/Total	%
Fundo 2	681/771	88,3
Figura	488/555	87,9
Fundo 1	757/879	86,1
Total	1926/2205	87,3

Tabela 12: Influência do plano da narrativa sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

Os dados contidos na tabela 12 nos indicam não um condicionamento de uso, mas uma leve tendência do plano discursivo fundo 2 para a forma imperfeito do indicativo (conforme exemplo 127), com 88,3% do total de ocorrência, ficando o fundo 1 com a menor tendência para uso dessa forma imperfectiva (conforme exemplo 128), com 86,1% dos casos em que fundo 1 foi codificado por formas de imperfeito do indicativo. É interessante observar que, apesar de tratarmos somente de formas imperfectivas, obtivemos uma ocorrência significativa de situações de figura sendo expressas por elas, com 488 formas de imperfeito codificando figura, em um total de 1926 dessas formas, sendo que, das ocorrências totais de figura, 87,9% foram com o imperfeito do indicativo, conforme ilustrado no exemplo (129).³¹

(127) Naquela época, nós, mulheres, não *éramos* muito vaidosas, não *tínhamos* tantos cuidados com a beleza física como as mulheres de hoje. Também não *tínhamos* os cosméticos à mão e ainda precisávamos ficar atentas à fumaça das lamparinas, pois elas nos *tingiam* de preto. [2012 – T02 – JSD – MS]

(128) Vizinhos? Havia alguns, uns bem próximos, outros mais distantes, mas pouco *importava*, o que *valia* mesmo era a tranquilidade. [2012 – T06 – APAA – PE]

(129) (...) amigos se *juntavam* e, de surpresa, *chegavam* à casa de alguém para ajudar a fazer alguma tarefa mais difícil. [2012 – T01 – EMSM – GO]

Em (127), temos a caracterização das mulheres que viviam em um lugar no tempo passado, em que as formas “*éramos*”, “*tínhamos*” e “*tingiam*” codificam fundo 1; em (128), o autor expõe uma opinião (com valor avaliativo) a respeito do fato de haver somente alguns vizinhos onde morava, demarcada pelas formas “*importava*” e “*valia*”, expressando situações

³¹ Ao cruzar o grupo de fator função aspectual e plano da narrativa (figura e fundo), verificou-se que há tendência de uso do imperfeito do indicativo com função habitual em situações de figura, e que fundo 1 e fundo 2 ocorrem mais com a função episódica e com a função iterativa. No que refere ao uso de perífrases imperfectivas de passado, verificou-se sua predominância com função episódica em situações de figura, sendo que com situações de fundo 1 e de fundo 2 obteve-se tendência para a função progressiva.

de fundo 2; Já em (129), temos a narração de como faziam os amigos para ajudar a quem estava precisando, um fato pontual mas que garante a progressão da narrativa com as formas imperfectivas “se juntavam” e “chegavam” na expressão de informações relevantes, ou seja, figura.

Na tabela 13, temos os valores de tendência à motivação do plano da narrativa para o uso de formas perifrásticas imperfectivas³².

Plano da narrativa	N/Total	%
Fundo 1	122/879	13,9
Figura	67/555	12,1
Fundo 2	90/771	11,7
Total	279/2205	12,7

Tabela 13: Influência do plano da narrativa sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

Corroborando os dados apresentados na tabela 12, em que tivemos uma leve tendência de uso de imperfeito do indicativo codificando fundo 2, seguida por figura e fundo 1, a tabela 13 revela que com as perífrases tivemos essa leve tendência de uso para situações de fundo 1, com 13,9% de ocorrência, pois 122 das 879 cláusulas de fundo 1 foram codificadas por formas perifrásticas (conforme exemplo 130), enquanto que situações de figura (conforme exemplo 131) e de fundo 2 (conforme exemplo 132) representaram, respectivamente, 12,1% e 11,7% das ocorrências.³³

(130) A casa *ia* aos poucos *ficando* quieta e, enquanto eu *ia* para a cama, papai apagava as velas e a lamparina. [2010 – T16 – MRSJ – GO]

³² Embora as tabelas de percentuais para perífrases espelhem as tabelas de imperfeito, estão sendo apresentadas para que se mantenha o paralelismo com o que foi feito para os grupos significativos.

³³ Ao cruzar o grupo de fator função aspectual e tipo de verbo (atividade, estado, processo culminado e culminação), verificou-se que há tendência de uso do imperfeito do indicativo com função habitual e com verbos de processo culminado, e que, na presença de verbos de atividade e de estado, prevaleceu a função episódica, já na presença de verbos de culminação prevaleceu, também, a função habitual. No que se referem às perífrases imperfectivas de passado, verificou-se que seu uso ocorre, predominantemente, com função progressiva na presença de verbos de estado. As ocorrências de perífrases com função habitual deram-se mais com verbos de processo culminado, mas aquelas com função episódica e iterativa manifestaram mais, respectivamente, com verbos de culminação e de atividade.

(131) Nesse ínterim vivíamos uma aventura. Passávamos por um curral onde pegávamos pedaços de cana, usada para tratar o gado, e *íamos chupando* torrões de açúcar. [2010 – T20 – SDH – MG]

(132) Eu adorava cantar e achava que *estava abafando!* [2010 – T11 – EMP – AC]

Em (130), temos a forma “ia ficando” utilizada como fundo 1 na expressão da caracterização de cenário; em (131), a cláusula de figura expressa pela forma “íamos chupando” dá continuidade a narração da aventura vivida pelo narrador das memórias; já em (132), temos a informação periférica fundo 2 codificada pela forma “estava abafando”, que manifesta um pensamento, uma opinião acerca do fato de cantar bem.

Esses resultados das tabelas 12 e 13, de certa forma, confirmam nossa hipótese inicial, considerando-se que fundo 1 aproxima-se bastante de figura, nesses contextos de memórias literárias, constituindo-se, assim, como informações mais relevantes do que aquelas expressas por fundo 2, o que nos levou a concluir que a forma menos marcada (imperfeito do indicativo) apresentou leve tendência a codificar informações mais marcadas e mais relevantes (figura e fundo 1) do que as menos marcadas e mais periféricas (fundo 2), assim como a forma mais marcada (perífrase) favoreceu, ainda que levemente, a expressão de informações mais periféricas e menos marcadas (fundo 2), atendendo ao equilíbrio cognitivo defendido pelo princípio da expressividade de Dubois e Votre (1994), no sentido de equilibrar o esforço de codificação.

Assim, embora este grupo de fator não tenha se manifestado como relevantes para este fenômeno em estudo, o seu controle e a sua análise foram muito enriquecedores para esta pesquisa, na medida em que ajudou ainda mais a caracterizar o gênero memórias literárias que, apesar de ser predominantemente narrativo, apresenta peculiaridades na sua estrutura que o distinguem dos demais gêneros narrativos literários (ou não).

7.1.7 Região geográfica

Esse grupo foi incluído em nossa análise porque nosso *corpus* é composto por dados extraídos de textos provenientes das cinco diferentes regiões brasileiras, conforme já explicado detalhadamente no capítulo referente à metodologia desta pesquisa, na seção 6.2.2.5, em que se apresentam os grupos de fatores de análise, o que pode motivar, de alguma forma, a escolha por uma das formas imperfectivas de passado, considerando-se que há estudos que comprovam que determinadas regiões utilizam-se mais de uma forma do que de

outra. Atrelado a isso, contamos com o modelo de ensino totalmente apegado à norma padrão, aos postulados da gramática normativa, ressaltado no capítulo 2, em que professores e materiais didáticos tratam as formas verbais como categorias fixas e bem definidas por suas desinências, não abordando as formas variáveis que não estejam gramaticalizadas na língua. Daí a enorme tendência ao uso do imperfeito do indicativo, sobretudo nas regiões em que se tende mais ao uso das formas veiculadas pela escola.

É com base em tal premissa que apontamos a região Nordeste como aquela com maior uso da forma imperfeito do indicativo, tendo em vista que o imperfeito do indicativo é a forma padrão adotada (em gramáticas e livros didáticos) para demarcar o tempo pretérito imperfeito e que pesquisas de natureza diversa apontam tal região como sendo a que mais segue o padrão normativo frente às demais regiões (Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste)³⁴. Em contrapartida, acreditamos que a forma perifrástica imperfectiva de passado seja mais utilizada nas demais regiões e menos utilizada no Nordeste.

Após as análise estatísticas, o programa computacional GoldVarb apontou esse grupo de fator como o pior em significância, com um valor de 0.817, ou seja, o fator região geográfica apresentou o pior valor de significância em relação ao critério de 0,05, o que indica que este fator não influenciou significativamente a escolha por uma das formas imperfectivas de passado sob análise, apresentando certa probabilidade de que a hipótese nula seja verdadeira e de que o grupo de fator região geográfica não favorece significativamente o fenômeno em estudo.

Comprovamos a falta de relevância do grupo de fator ao observarmos na tabela 14 os percentuais de frequência de cada região geográfica, que se mostraram muito próximos, não havendo, pois, nenhuma considerável diferença entre eles (des)favorecendo a escolha por uma das formas imperfectivas de passado: 88,5% para Sudeste; 87,8% para Centro-Oeste; 87,1% para Nordeste; 86,7% para Norte; 86,2% para Sul.

Região geográfica	N/Total	%
Sudeste	538/608	88,5
Centro-Oeste	267/304	87,8

³⁴ A nossa hipótese para a motivação da região geográfica na escolha por uma das formas imperfectivas de passado sob análise amparou-se em pesquisas como: 1. O caso da modalidade considerando-se os estudos de Carvalho (2007): em contexto de subjuntivo, há mais uso de subjuntivo no Nordeste do que de indicativo; 2. O caso da voz média (presença/apagamento do clítico) considerando-se o estudo de Brito (2013): há mais presença de clítico no Nordeste enquanto que há mais apagamento em outras localidades.

Nordeste	601/690	87,1
Norte	195/225	86,7
Sul	325/378	86,2
Total	1926/2205	87,3

Tabela 14: Influência da região geográfica sobre o uso do pretérito imperfeito do indicativo *versus* perífrase imperfectiva de passado em memórias literárias.

Apesar de o grupo de fator região geográfica não ter se mostrado significativo para escolha de uma das formas variantes sob análise, observamos, de acordo com os resultados da tabela 14, que a nossa hipótese de que a Região Nordeste seria a que mais favoreceria a ocorrência de imperfeito do indicativo não se confirmou, uma vez que essa região não apresentou resultado relevantemente superior com relação às demais regiões, ficando com uma frequência percentual de 87,1%, inferior, pois, à frequência de uso nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, que tiveram um percentual de 88,5 e 87,8, respectivamente, do total de ocorrências. Mas ressaltemos que as diferenças entre os percentuais de frequência são muito pequenos, o que apenas denota uma leve tendência de uso pela forma imperfeito do indicativo e não um condicionamento, o que pode ser explicado considerando-se o fato de regiões geográficas não se tratar de variantes estigmatizadas, não apresentando, pois, significativas diferenças nos resultados. Abaixo destacamos um exemplo de uso de formas imperfectivas por cada uma das regiões geográficas brasileiras: Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sul, respectivamente, de (134) a (138).

- (133) O dono *era* prosa, espirituoso, *arrancava* o couro dos fregueses e ainda *achava* que *estava vendendo* barato. [2010 – T32 – BMC – MG]
- (134) Na varanda, sentado no chão, eu *ouvia* as modas que o papai *cantava* enquanto o vovô *tocava* a viola. O pessoal *ia se reunindo* (...). [2010 – T16 – MRSJ – GO]
- (135) Depois, *pulava* o muro da escola, *voltava* às refrescantes águas do Sirigi. Lá, eu *ficava tomando* banho até dar a hora de ir para casa. [2010 – T2 – EASF – PE]
- (136) Opa...quase *ia esquecendo*, é que havia uma enorme mangueira atrás da casa branca; então, eles *saíam* escondidinhos do professor para buscar a manga no fundo do rio. [2010 – T37 – LBS – PA]
- (137) Aquelas árvores enormes, gigantescas, verdadeiras rainhas da mata, quando *iam caindo*, *levavam* tudo o que tinha pela frente, provocando um estrondo ensurdecedor. [2012 – T07 – YST – SC]

No que se refere ao uso de perífrases, a tabela 15 mostra-nos que, em sintonia com dados da tabela 14³⁵, a região que menos favoreceu o uso de perífrases foi o Sudeste, com um percentual de 11,5% do total de ocorrências de formas imperfectivas na região. Já o Nordeste, que em nossa hipótese inicial seria a que menos favoreceria o uso de perífrases, ficou entre as três em que mais se observou uso de perífrases, com um percentual de 12,9% do total de ocorrências de formas imperfectivas na região. Contudo, com referência a motivação do fator extralinguístico região geográfica na escolha por uma das formas variantes em estudo, apenas podemos falar em tendência de uso, visto que, assim como se deu com o imperfeito do indicativo, com as perífrases também a diferença entre os percentuais é mínima.

Região geográfica	N/Total	%
Sul	53/378	14,0
Norte	30/225	13,3
Nordeste	89/690	12,9
Centro-Oeste	37/304	12,2
Sudeste	70/608	11,5
Total	279/2205	12,7

Tabela 15: Influência da região geográfica sobre o uso de perífrase imperfectiva de passado *versus* pretérito imperfeito do indicativo em memórias literárias.

Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, analisamos os resultados obtidos com os 2205 dados de formas imperfectivas de passado, codificadas pelo imperfeito do indicativo e por perífrase imperfectiva, variavelmente, em contexto de Memórias literárias. Para tanto, apresentamos os resultados a partir da motivação de cada grupo de fator controlado, na escolha por uma das formas em estudo, apresentando, inicialmente, os pressupostos teóricos e as especificidades referentes a cada grupo de fator, seguindo com a exposição das nossas hipóteses iniciais, confirmando-as ou refutando-as a partir da análise dos dados obtidos com as rodadas estatísticas.

³⁵ Embora as tabelas de percentuais para perífrases espelhem as tabelas de imperfeito, estão sendo apresentadas para que se mantenha o paralelismo com o que foi feito para os grupos significativos.

Os dados, criteriosamente, coletados e codificados foram submetidos ao programa computacional GoldVarb, que revelou, em suas rodadas estatísticas, que os fatores motivadores da variação entre as formas imperfectivas imperfeito do indicativo e perífrase de passado foram, por ordem de significância: funções aspectuais, tipo semântico-discursivo de verbo, tipo de oração, modificador aspectual e polaridade, tendo sido descartados os grupos de fatores planos da narrativa (figura e fundo) e região geográfica (fator extralinguístico), tendo em vista que não se manifestaram como significativamente motivadores na escolha por uma das duas formas, mas sim apresentando somente uma leve tendência de uso de imperfeito do indicativo ou de perífrase de passado motivado por seus contextos.

Para o levantamento das hipóteses iniciais, bem como para a análise dos resultados, no que diz respeito à motivação dos grupos de fatores na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, consideramos o princípio de marcação proposto por Givón (1990), em sentido ao paralelismo, no qual contextos definidos como mais marcados atraem formas mais marcadas e contextos menos marcados motivam formas menos marcadas, assim como o princípio da expressividade, segundo Dubois e Votre (1994), em sentido ao equilíbrio cognitivo, no qual formas mais marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas tendem a ser atraídas por contextos mais marcados, com vistas a equilibrar o esforço de codificação.

Assim, a partir dos resultados obtidos, traçamos, nas representações a seguir, os contextos prototípicos de uso das formas imperfectivas sob análise, considerando a escala gradual de tais formas e da significância de cada grupo de fator motivador do fenômeno em estudo:

- Funções aspectuais

Imperfeito do indicativo

- <u>motivação</u>			+ <u>motivação</u>
progressiva	iterativa	habitual	episódica

Perífrase de passado

- <u>motivação</u>			+ <u>motivação</u>
episódica	habitual	iterativa	progressiva

- Tipo semântico-discursivo de verbo

Imperfeito do indicativo

<u>- motivação</u>		<u>+ motivação</u>	
estado	atividade	culminação	processo culminado

Perífrase de passado

<u>- motivação</u>		<u>+ motivação</u>	
Processo culminado	culminação	atividade	estado

- Tipo de oração

Imperfeito do indicativo

<u>- motivação</u>			<u>+ motivação</u>	
sub. subst. absoluta	principal	coord. sind.	sub. adj.	sub. adv. coord. assind.

Perífrase de passado

<u>- motivação</u>			<u>+ motivação</u>	
coord. assind.	sub. adv.	sub. Adj.	coord. sind.	principal absoluta sub. subst.

- Modificador aspectual

Imperfeito do indicativo

<u>- motivação</u>			<u>+ motivação</u>
pontual	durativo	sem modificador	quantificador

Perífrase de passado

<u>- motivação</u>		<u>+ motivação</u>	
quantificador	sem modificador	durativo	pontual

- Polaridade

Imperfeito do indicativo

<u>- motivação</u>	<u>+ motivação</u>
negativa	positiva

Perífrase de passado

- motivação	+ motivação
positiva	negativa

Dessa forma, os resultados obtidos e analisados nos revelaram como contextos prototípicos para cada forma sob análise o seguinte: o imperfeito codifica, prototipicamente, função episódica, com verbo de processo culminado, em oração coordenada assindética afirmativa, com modificador quantificador; a perífrase, por sua vez, apresenta-se, prototipicamente, codificando função progressiva, com verbos de estado, em orações subordinadas substantivas negativas, na presença de modificador aspectual pontual.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que se avance em cada ciência, chega-se a um ponto onde ou se tem de decretar arbitrariamente que além de ali se não quer ir, ou de parar de cansaço, tão de inexplicável em inexplicável se vai – e em qualquer dos casos fica, quer queiramos quer não, o vago para além do ponto onde, cansados ou teimosos, paramos.

Fernando Pessoa

Esta pesquisa, que está inserida na área da Descrição e Análise Linguística, teve por objetivo analisar variação no uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado, em memórias literárias produzidas em 2010 e 2012, por alunos do 7º e do 8º anos, finalistas da *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*.

Nesse sentido, fundamentando-se nos postulados do Sociofuncionalismo, casamento teórico entre a Sociolinguística variacionista e o Funcionalismo linguístico, definimos o domínio da imperfectividade das formas de passado sob análise e, em seguida, verificamos quais são codificadas variavelmente e que fatores linguísticos (função aspectual, tipo semântico-discursivo do verbo, tipo de oração, modificador aspectual, polaridade, plano discursivo: figura e fundo) e extralinguístico (região geográfica) motivam a escolha por uma ou outra forma, levando, assim, a uma leitura composicional do aspecto imperfectivo codificado pelas formas sob análise, visto que, segundo Freitag (2007), esta não depende exclusivamente da forma verbal (aspecto gramatical), mas sim da interação desta forma verbal com os marcadores aspectuais e o contexto.

Foram coletados, codificados e analisados estatisticamente 2205 dados de formas imperfectivas de passado (sendo 1927 formas de imperfeito do indicativo e 278 perífrases imperfectivas de passado), retirados de 76 textos de memórias literárias produzidos por alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Analisamos a variação das formas imperfectivas de passado sob o condicionamento dos fatores linguísticos de natureza morfossintática (tipo de oração, modificador aspectual adverbial e polaridade) e semântico-discursiva, (funções aspectuais, tipo semântico discursivo do verbo, plano da narrativa: figura e fundo), bem como o grupo extralinguístico região geográfica.

Os resultados das rodadas estatísticas do programa computacional GoldVarb revelaram que, dentre os grupos de fatores analisados, são relevantes na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, por ordem de significância, os grupos: funções aspectuais,

tipo semântico discursivo do verbo, tipo de oração, modificador aspectual adverbial e polaridade, descartando, pois, o plano da narrativa: figura e fundo e a região geográfica como motivadores da variável dependente, que apresentaram apenas leve tendência de uso, não se configurando como fator condicionante do fenômeno em estudo.

Os resultados para as funções aspectuais nos mostraram que este foi o grupo mais relevante na escolha por uma das formas imperfectivas de passado, com as funções episódica e habitual manifestando-se como as que mais motivaram o uso da forma imperfeito do indicativo, apresentando pesos relativos de 0.684 e 0.520, respectivamente, enquanto que a função progressiva foi a que menos motivou o uso do imperfeito do indicativo, com peso relativo de 0.296, acompanhada pela função iterativa, que apresentou peso 0.494, ou seja, valor também abaixo de 0.5, o que significa dizer que, assim como a função progressiva, a iterativa desfavorece a aplicação da regra. No que se refere ao uso de perífrases imperfectivas de passado, percebemos que, confirmando os dados revelados para o uso de imperfeito do indicativo, a função progressiva foi a que mais o favoreceu, seguida pela função iterativa, com pesos de 0.704 e 0.506, respectivamente; já as funções episódica e habitual foram aquelas que menos condicionaram o uso de formas perifrásticas, com pesos relativos 0.316 e 480, respectivamente. Esse resultado confirma nossa hipótese inicial para a motivação das funções aspectuais pela seleção de uso de uma das formas sob análise, no que se referem às funções episódica e habitual (menos marcadas), que se apresentaram, nesta ordem, com primeiro e segundo maiores pesos relativos na escolha pelo imperfeito do indicativo (menos marcadas), enquanto foram as que menos motivaram a ocorrência de perífrases de passado (mais marcadas), ficando, pois, a função progressiva (a mais marcada) com menor peso na motivação pela escolha do imperfeito do indicativo e com maior peso no uso de formas perifrásticas. Esse resultado pode ser explicado pelo princípio da marcação proposto por Givón (1990), em que contextos menos marcados, como aqueles codificados por funções aspectuais episódicas e habituais, atraem a forma menos marcada, como imperfeito de indicativo, enquanto que contextos mais marcados, no caso a função progressiva, condiciona o uso da forma mais marcada, ou seja, da perífrase de passado. Contudo, com relação à função iterativa, nossa hipótese foi refutada, visto que este contexto não-marcado favoreceu mais a ocorrência de perífrases do que de imperfeito do indicativo, em atendimento ao princípio da expressividade (DUBOIS E VOTRE, 1994) e não o da marcação (GIVÓN, 1990), defendido por nós para a motivação deste grupo de fator.

O tipo semântico-discursivo do verbo foi selecionado pelo programa computacional, por meio de suas rodadas estatísticas, como o segundo mais relevante grupo

de fator na motivação pela escolha por uma das duas formas variáveis analisadas: imperfeito do indicativo e perífrases de passado. Os resultados revelaram que, como fator motivador do uso do imperfeito do indicativo, que possui *status* de menos marcado, o tipo de verbo de processo culminado seguido pelo de culminação, ambos de status mais marcado, foram os que mais condicionaram tal uso, com pesos relativos de 0.619 e 0.573, respectivamente, assim como o verbo de estado (menos marcado) foi o que menos motivou o uso do imperfeito, com pesos relativos de 0.397. Os verbos de atividade (menos marcados) foram os únicos que confirmaram nossa hipótese, pois favoreceram o uso do imperfeito do indicativo, com peso relativo 0.566. Os resultados da motivação do tipo de verbo para a escolha pela forma perifrástica confirmam aqueles expressos pelo condicionamento de uso da forma imperfeito do indicativo, visto que, no caso das perífrases, os verbos de estado (de *status* menos marcado), com peso relativo de 0.603, motivou mais a ocorrência desta forma mais marcada (perífrase imperfectiva) do que os de culminação, de processo culminado, e de atividade, que apresentaram pesos de 0.381, 0.427 e 0.434, respectivamente. Dessa forma, com exceção dos verbos de atividade, os resultados obtidos com o controle deste grupo de fator refuta a nossa hipótese inicial com relação à motivação do tipo de verbo na escolha por uma formas imperfectivas, uma vez que, ao invés de atenderem ao princípio de marcação de Givón (1990), caminham em sentido ao equilíbrio cognitivo, defendido pelo princípio da expressividade de Dubois e Votre (1994), pois os contextos mais marcados (processo culminado e de culminação) favoreceram o uso de formas menos marcadas (imperfeito do indicativo), enquanto que contextos menos marcados (estado) atraíram formas mais marcadas (perífrases). Já os verbos de atividade (menos marcados), em atendimento ao princípio de marcação de Givón (1990), defendido por nós na hipótese inicial, motivaram o uso do imperfeito do indicativo (forma menos marcada) e desfavoreceram a aplicação da regra para perífrases imperfectivas de passado.

No que se refere ao tipo de oração, os resultados estatísticos apontaram que os contextos mais favoráveis ao uso da forma imperfeito do indicativo foram de orações coordenadas assindéticas e de orações subordinadas adjetivas e adverbiais, que apresentaram pesos relativos de 0.616, 0.576 e 0.522, respectivamente. Esse resultado comprova, em parte, nossa hipótese inicial de que as orações que mais motivariam o imperfeito do indicativo seriam as adverbiais (substantiva, adjetiva e adverbial), em atendimento ao princípio da expressividade de Dubois e Votre (1994), por se tratar de contextos mais marcados condicionando formas menos marcadas. Dizemos que comprovou em parte porque as orações coordenadas assindéticas, que acreditávamos motivar formas perifrásticas, por se tratar de um

contexto menos marcado, apareceram como o tipo de oração que mais favoreceu a ocorrência de imperfeito do indicativo, com peso relativo de 0.616, o que se justifica pelo princípio da marcação de Givón (1990), que trabalha em sentido ao paralelismo, no qual contextos mais marcados condicionam o uso de formas mais marcadas e contextos menos marcados atraem formas menos marcadas. Já o uso das perífrases foi condicionado, pelas orações subordinada substantiva, absoluta, principal e coordenada sindética, com pesos relativos de 0.639, 0.565, 0.562, 0.519, em consonância com os resultados do imperfeito do indicativo como aplicação da regra, vistos anteriormente. Esse resultado também confirma parcialmente nossa hipótese inicial de que as orações absoluta, principal e coordenada assindética e sindética motivariam o uso de perífrases, visto que somente as três primeiras estão nessa condição, ficando a oração subordinada substantiva como aquela que mais condicionou a ocorrência de perífrase. No que se refere às orações absoluta, principal e coordenada sindética, o resultado atende ao princípio da expressividade, adotado por nós, mas no caso da oração subordinada substantiva, o resultado caminha em favor do princípio da marcação (GIVÓN,1990).

Os resultados referentes aos modificadores aspectuais imperfectivos comprovaram nossa hipótese de que o modificador quantificador, assim como a ausência de modificador motivaria a ocorrência de imperfeito do indicativo, visto que estes contextos apresentaram-se com pesos relativos de 0.573 e 0.516 para o uso do imperfeito do indicativo, respectivamente, contra os pesos de 0.324 e 0.475 dos modificadores pontual e durativo. Em contrapartida, os modificadores pontual e durativo favoreceram o uso de perífrases, com peso relativo de 0.676 e 0.525, respectivamente.

O quinto grupo de fator selecionado como relevante pelas rodadas estatísticas na motivação do fenômeno em estudo foi a polaridade, em que a polaridade positiva apresentou favorecimento para o uso do imperfeito e a polaridade negativa para perífrase, sendo que das 2095 ocorrências de oração positiva, 1834 delas são com formas de imperfeito do indicativo, perfazendo um percentual de 87,5% do total de ocorrências, e 261 delas se dão com formas perifrásticas, com um percentual de 12,5% das ocorrências; já no contexto com oração negativa, das 110 ocorrências totais, 92 são de formas de imperfeito do indicativo, perfazendo um percentual de 84,9% do total e 18 delas são com perífrases de passado, com percentual de 16,4% das ocorrências. Tal resultado refuta nossa hipótese inicial, pois a polaridade de *status* menos marcado (positiva) condicionou mais a ocorrência da forma menos marcada (imperfeito do indicativo), enquanto que a polaridade mais marcada (negativa) condicionou mais a ocorrência da forma mais marcada (perífrase imperfectiva de passado), em

atendimento ao princípio da marcação de Givón (1990), que caminha ao encontro do paralelismo.

Os grupos de fatores planos da narrativa: figura e fundo e o extralinguístico região geográfica não foram selecionados pelas rodadas estatísticas como motivadores do fenômeno analisado, visto que apresentaram apenas uma leve tendência de uso, não condicionando significativamente a ocorrência de nenhuma das duas formas imperfectivas sob análise, ainda que o plano discursivo: figura e fundo constitua-se como de grande relevância para a caracterização do gênero memórias literárias, considerando-se essa sua peculiaridade de ter estrutura composicional predominantemente imperfectiva, codificando tanto informações de fundo (1 e 2) como de figura, com distribuição de frequência bem equilibrada.

Nesta pesquisa, a partir dos resultados estatísticos obtidos na interação entre a variável dependente e as variáveis independentes, correlacionamos tais resultados ao princípio de marcação (GIVÓN, 1990) e de expressividade (DUBOIS E VOTRE, 1994), considerando a complexidade estrutural, a distribuição de frequência e a complexidade cognitiva; para tanto, tratamos da descrição e da discussão dos resultados, ressaltando os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a escolha de uma das formas imperfectivas de passado, confirmando ou refutando as nossas hipóteses iniciais. De modo geral, em nossas hipóteses, apontamos, predominantemente, para o atendimento ao princípio de expressividade, pois dos seis grupos fatores linguísticos, correlacionamos a motivação de quatro deles (tipo de oração, modificador aspectual, polaridade e plano da narrativa) ao princípio de expressividade de Dubois e Votre (1994) e dois deles (função aspectual e tipo semântico-discursivo do verbo) ao princípio de marcação de Givón (1990). Os resultados confirmaram a tendência mais forte para o equilíbrio, defendido no princípio da expressividade, do que para o paralelismo, manifesto pelo princípio da marcação, pois dos seis fatores linguísticos controlados quatro (tipo semântico-discursivo do verbo, tipo de oração, modificador aspectual e plano da narrativa) atenderam, principalmente, ao princípio da marcação expressiva de Dubois e Votre (1994), ficando apenas dois deles (função aspectual e polaridade) com maior tendência para o princípio de marcação defendido por Givón (1990).

Apesar dos significativos resultados obtidos, pois dos sete grupos de fatores controlados cinco mostraram-se relevantes para a ocorrência variacionista das formas imperfectivas de passado, não podemos, com esta pesquisa, afirmar categoricamente que, em quaisquer contextos, as motivações analisadas aqui se comportarão da mesma forma. Assim, uma das limitações dessa pesquisa é que contamos com dados retirados apenas de textos escritos, que, por terem sido produzidos para um processo seletivo, passaram por atencioso

trabalho de revisão e de monitoramento, além de considerarmos as especificidades do gênero memórias literárias e das condições de produção definidas especialmente pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro para a produção de tais textos memorialistas. Seria interessante, assim, que novas pesquisas se utilizassem desse e de outros gêneros de textos escritos, diferentes dos que foram aqui utilizados, e de textos orais, a fim de que sejam feitas comparações acerca dos resultados obtidos em cada uma das modalidades de uso da língua, bem como em cada tipo de gênero textual. Sugerimos, ainda, como desdobramentos desta pesquisa um estudo que correlacione a multifuncionalidade das formas imperfectivas com os grupos de fatores controlados na análise variacionista, como o fez Pontes (2012), assim como que sejam controlados outros grupos de fatores, tais como número do sujeito da oração (singular, plural, genérico) e número dos argumentos internos (singular, plural, não se aplica), fatores controlados por Mendes (2005) ao verificar a motivação na escolha por uma das formas variáveis: “estar (presente) + gerúndio” e “ter (presente) + participípio”. Indicamos também a análise da motivação da ordem da oração (direta, inversa) e da extensão da sentença (longa, curta, média) no uso de uma das formas imperfectivas de passado sob estudo.

Esperamos que nossa pesquisa possa abrir caminho para novas pesquisas, assim como contribuir para a compreensão do aspecto imperfectivo de passado, sobretudo dos fatores que motivam a escolha por uma das formas variáveis que o compõem: imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado na codificação das funções aspectuais: episódica, habitual, iterativa e progressiva. Também acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para o ensino das categorias verbais, visto que os professores podem, a partir das discussões ora empreendidas e da análise dos dados, perceber a importância de se trabalhar com o aspecto verbal nas aulas de análise linguística, o que levará o aluno a entender a constituição interna na situação verbal, atentando para a duração dos eventos. Outro favorecimento ao ensino é a indicação para a consideração das escolhas das formas verbais predominantes a partir do gênero textual envolvido, ou seja, no caso das memórias literárias, percebemos predominância de uso das formas imperfectivas de passado sob análise, e que, nos casos em que não houve tal predominância, contamos com fuga ao tema proposto. A partir de tais contribuições, apontamos como desdobramentos desta pesquisa voltados para o ensino um estudo que verifique a interferência da entrevista realizada pelos alunos autores dos textos analisados, assim como a contaminação de tais textos por meio das memórias literárias apresentadas como exemplos no material da OLP.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Maria Polyanne Andrade de. **O livro didático de língua portuguesa e o tratamento dado às categorias tempo, aspecto e modalidade:** uma análise histórico-comparativa entre as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de (org.). **Língua portuguesa em debate:** conhecimento e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1992.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas II:** Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BERTINETTO, Pier Marco, EBERT, Karen, DE GROOT, Casper. The progressive in Europe. *In:* Östen Dahl (ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.517-558, 2000.
- BERTINETTO, Pier Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion. *In:* CARLO CECCHETTO, Gennaro Chierchia, Maria Teresa Giusti (eds.). **Semantic interfaces:** reference, anaphora and aspect. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- BISPO, Edvaldo Balduino. **Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino:** o caso das cortadoras. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2009.
- BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário gramatical de verbos.** São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- BORBA COSTA, Sônia Bastos. **O Aspecto em português.** São Paulo: Contexto, 1990.
- BRASIL/Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília DF: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, José Roberto de Souza. **Análise variacionista do clítico das estruturas de-transitivas mediais no português oral popular de fortaleza.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2013.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos:** ensino de língua x tradição gramatical. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747921>. Acesso em: 10 mai. 2013.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2007.

CARVALHO, Maria Clara Torres Castro Cunha. **Para o estudo da configuração temporal no conto: análise de “Tempos de Mercês” de Maria Judite de Carvalho**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1999.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1967). **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Marília, 1968 (Coleção de tese).

_____. **A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português**. Marília: FFCL, 1967.

_____. Aspecto verbal no português falado. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Angela (orgs.). **Gramática do português falado: novos rumos**. Campinas: Editora da Unicamp, v. VIII, p. 83-121, 2003.

CENPEC. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos**. [equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida]. São Paulo: Cenpec, 2012. Disponível em: <http://www.escrevendo.cenpec.org.br/images/stories/publico/material/2012_livro.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2014.

_____. **Coletânea de textos dos finalistas da Olimpíada de língua Portuguesa escrevendo o futuro 2010**. [equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida]. São Paulo: Cenpec, 2010. Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/images/stories/publico/noticias/20101201memorias.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

_____. **Coletânea de textos dos finalistas da olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro 2012**. [equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida]. São Paulo: Cenpec, 2012. Disponível em: <http://www.escrevendo.cenpec.org.br/images/stories/publico/material/2012_livro.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2014.

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COAN, Márluce; BACK, Angela; REIS, Mariléia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Estudos Linguísticos**, São Carlos, v. XXXV, 2006.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Tense**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, Maria Luiza. **O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola, 2005.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português: reflexões a partir de um fragmento do corpus do projeto NURC**. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1986.

_____. **O Aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, Sueli. Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal 'poder'. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**. a.5, n.11, 2. Semestre, 2009. Disponível em: <http://www.letramagna.com/deonticoepistemico.pdf>.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

DIESEL, Andrea Tatiana. Aspecto verbal: uma categoria reveladora no ensino/aprendizagem de língua materna. ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL. 6, 2004, Florianópolis – SC **Anais ...** Florianópolis-SC, 2005. Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/50.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOWTY, David. **Word meaning and montague grammar**. Dordrecht: Kluwer. 1979.

DUBOIS, S.; VOTRE, Sebastião Josué. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.).

Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p.102.

_____. Communities of practice: where language, gender and power all live. In: COATES, J. (Ed.). **Language and gender:** a reader. Oxford: Blackwell, 1997.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **O estudo dos verbos na educação básica.** São Paulo: Contexto, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfeito no português:** variação/gramaticalização e mudança. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax:** a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.v.1.

_____. **Syntax:** a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar:** a functional-based introduction. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.2v.

_____. **Syntax:** an introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2001.

GODOI, Elena. **Aspecto do aspecto.** 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. p. 60.

_____. O progressivo: além do aspecto. **Revista Letras,** Curitiba, v. 41-42, p.165-170, 1997.

GONÇALVES, Anabela. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu. In: GONÇALVES, Anabela. *et al.* **Quatro estudos em sintaxe do português.** Lisboa: Colibri, 1995.

GÖRSKI, Edair; GIBBON, Adriana; COAN, Márluce; PIMPÃO, Tatiana; SILVA, Teresa. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e mudança no português falado da região sul.** Pelotas: Educat, 2002.

GÖRSKI, Edair; TAVARES, Maria Alice. **Teoria da variação/mudança e funcionalismo lingüístico:** (in)compatibilidades? 2008. Impresso.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa:** instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Part A. *In: _____*; HASAN, Ruqaya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization.** Oxford University Press, New York, 1993.

HOPPER, Paul.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in Grammar and Discourse. *In: Language*, v. 56, n. 2, 1980.

_____. On some principles in the grammaticalization. *In: E. Traugott, B. Heine (eds.). Approaches to grammaticalization.* Philadelphia: John Benjamins Company Co, vol.1. p. 17-35, 1991.

HOPPER, Paul, TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português.** São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Semântica e pragmática: duas formas de descrever e explicar os fenômenos da significação. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2000.

_____. **A expressão do tempo em português.** São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *In: SOCIOLINGUISTICS working paper.* Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978. v. 44.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The boundaries of words and their meanings. *In: BAILEY, C.; SHUY, R. W. (Orgs.). New ways of analyzing variation in English.* Washington: Georgetown University Press, 1973.

_____. Where does the linguistic stop? : a response to Beatriz Lavandera. *In: SOCIOLINGUISTICS working paper*, 1978. v. 44.

_____. Building on empirical foundations. *In: Winfrend Lehmann e Yakov Malkiel (eds.). Perspectives on historical linguistics.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors.** Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors.** Oxford: Blackwell, 2010.

LAVANDERA, B. **Where does sociolinguistics variable stop?:** language Society. Britain: [s.n.], 1977.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português. critérios de auxiliaridade *in*: **ANÁLISES Linguísticas.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LOPES, A.G. **As categorias verbais de tempo e aspecto no português:** dos valores básicos ao uso. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1987.

MARCUSCHI, Elizabeth. **Como escrever as memórias do outro, revelando toda sua singularidade?** – video de 2010, disponível em:
https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=74&Itemid=221

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MENDES, Ronald Beline. **Estar + gerúndio e ter + participípio:** aspecto verbal e variação no português. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS Cloder Rivas. **Gramática Pedagógica,** 30 ed. Vol. único, São Paulo: Saraiva, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília de M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. *In*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.) **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. *In*: SILVA, Gisele Machline de Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira. (org.) **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

NARO, Anthony Julius. & BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 125-135, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar Annu. **Review of Anthropology**, USA, n 43, p 97-117, 1984.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO E GRAMÁTICA. LINGUÍSTICA FUNCIONAL: A INTERFACE LINGUAGEM E ENSINO. X, Natal, **Anais...** Natal: Ed. UFRN; D&G, 2006.

OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de. Os tempos verbais no gênero conto popular em produções textuais de 6º ano. 2012. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 01, p. 57–76, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://ojs.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/223/147>>. Acesso em: 1º jun. 2013.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. A abordagem laboviana. Mesa redonda: os estudos de variação no Brasil: situação atual. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. VII, 1993, Goiânia, **Anais...** Goiania, 1993.

PARSONS, Terence. **Events in the semantics of english**: a study in subatomic semantics. Cambridge, MA: MIT Press. 1990

PAULA, Thais Franco de; COELHO, Sueli Maria. Uma lacuna no ensino do sistema verbal português: a ausência da categoria gramatical aspecto nas aulas de língua portuguesa. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2012, Uberlândia, **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2012.v.2,n.1

PONTES, Valdecy de Oliveira. **As categorias verbais tempo, aspecto e modalidade em livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola**: análise contrastiva. 2009. Monografia (Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa) – Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2009.

_____. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol**: um estudo sociofuncionalista. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

ROTHSTEIN, Susan. **Structuring events**: a study in the semantics of lexical aspects. Oxford: Blackwell, 2004.

SERRONE, Luiz Carlos. **Crítérios de auxiliaridade em português**. Dissertação (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

SILVA, Ana José da. Sistematização funcional de transitividade verbal. **Boletim da ABRALIN**, Curitiba, v. 26, n. especial – II, p. 49-50, 2001.

SILVA, Francisco Fábio Marques da; SILVA, Raquel Alves da. Transitividade e os planos discursivos: figura e fundo, nos contos “A máscara da morte Rubra” e “O gato preto” de Edgar Allan Poe. **CELUFC**, Fortaleza, n. 3, seção 6, 2011. Disponível em: <<http://linguisticaufc.webnode.com/revista/edi%C3%A7%C3%B5es/edi%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%203%20-%202011-1/>>. Acesso em: 23 set. de 2014.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira & SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.) **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVEIRA, Elizabeth. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SPULDARO, Eliane Rauber. **A aquisição de distinções aspectuais em Português como segunda língua por falantes nativos de Inglês**: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de é, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TORRES CACOULLOS, Rena. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, n. 30, p. 443–478, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português** – a categoria e sua expressão. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.

_____. **O aspecto verbal no português**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

_____. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. **The philosophical review**. Ithaca, NY, v. 2, n. 2, p. 143- 160, 1957.

_____. Verbs and time. **Linguistics in philosophy**, Ithaca, NY: Cornell, 1967.

VERKUYL, Henry. **A theory of aspectuality**: the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WEINER, Judith.; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v.. 19, p. 29-58, 1983 [1977].